

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Livia de Campos Ferolla

**Instituto Reciclar:
O jovem estigmatizado e sua entrada no mundo normativo**

Mestrado em Ciências Sociais

**São Paulo
2015**

Lívia de Campos Ferolla

Instituto Reciclar:

O jovem estigmatizado e sua entrada no mundo normativo

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências Sociais, sob orientação do Professora Dr^a. Mônica Muniz P. de Carvalho

Mestrado em Ciências Sociais

São Paulo

2015

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao professor Guilherme Simões Gomes Junior por ter me incentivado a iniciar meus estudos no mestrado e por ter orientado o início da minha dissertação. Agradeço profundamente à minha orientadora Dra. Mônica Muniz Pinto de Carvalho pela atenção constante e paciência. Agradeço à banca formada por Silvia Helena Simões Borelli, antropóloga do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. E a Rosamaria Luiza de Melo Rocha, professora e pesquisadora na Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM/SP).

Agradeço também aos amigos Camila Hong, Danilo Santos, Douglas Barroso Trindade, Victor Morganti.

Finalmente, agradeço a meus pais Ligia e Paulo Ferolla pelo incentivo ao longo de todo o processo. E dedico este trabalho à minha avó Lucia Maria Grellet (*in memoriam*), que fez tanta falta ao longo deste processo.

RESUMO

Esta dissertação aborda a relação entre os jovens moradores da favela Nova Jaguaré, localizada no distrito do Jaguaré, zona oeste da cidade de São Paulo, e a organização não-governamental chamada Instituto Reciclar, localizada na mesma região. A pesquisa revelou que o Instituto Reciclar é mediação relevante para a superação do estigma de jovens moradores da favela, pois, ao serem recrutados para integrar sua linha de produção, lhes confere uma garantia de que estão aptos a serem vistos com respeito pelos moradores mais abastados do distrito que, segundo eles, os veem como indivíduos inferiores e indignos. Este estigma incentiva os jovens a buscar trabalho na organização não-governamental, pois acreditam que não terão boas oportunidades de trabalho e de ascensão social sem o aval promovido por ela. Assim, surge um acordo tácito entre os jovens, a ONG e as empresas apoiadoras da organização.

A metodologia utilizada para realizar esta dissertação foi a de pesquisa etnográfica, de acordo com a descrição densa de Clifford Geertz, na sede da organização com entrevistas realizadas com os jovens que trabalham para ela e com os seus funcionários. A análise do estigma foi baseada nos estudos de Erving Goffman. Conclui-se que a ONG atinge seu objetivo, assim como a maioria dos jovens que terminam o período de trabalho de cerca de 3 anos, pois são contratados por empresas privadas ou iniciam seus estudos acadêmicos em universidades.

Palavras-chave: 1. Jovens; 2. Estigma; 3. Inserção social; 4. Organização não-governamental; 5. Mercado de trabalho; 6. Distrito de Jaguaré; 7. Cidade de São Paulo.

ABSTRACT

The dissertation addresses the relationship between youngsters who live in the Nova Jaguaré slum, located in the Jaguaré district, in the city of São Paulo's West side, and the non-governmental organisation called Instituto Reciclar, located in the same region. The research revealed that the Instituto Reciclar acts as a relevant mediator for the youngsters who live in the slums to overcome the stigma, for, as they are recruited to integrate the production line, it gives them a guarantee that they are ready to be seen with respect by the wealthy residents of the district, which see them as inferior and unworthy individuals. This stigma encourages the youngsters to look for a job in the non-governmental organisation, because they believe they won't have good work and social ascent opportunities without the endorsement that it promotes.

The methodology used to achieve this dissertation was the ethnographic research, according to Clifford Geertz thick description, in the organisation's head office with interviews made with the youngsters that work for it and with the NGO's employees. The stigma analysis was based in the studies of Erving Goffman. It can be concluded that the NGO reaches its objective, just as most of the youngsters who finish their work time of around 3 years, since they are hired by private companies or start their academic studies in universities.

Key Words: 1. Youngsters; 2. Stigma; 3. Social inclusion; 4. Non-governmental organisation; 5. Labour Market; 6. Jaguaré district; 7. City of São Paulo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 –	Foto da fachada da sede do Instituto Reciclar	22
Imagem 2 –	Cadernos feitos com papel reciclado pelos jovens da Reciclar.....	25
Imagem 3 –	Foto da Rua Parnamirim, parte do distrito do Jaguaré habitada pela classe média.....	30
Imagem 4 –	Rua Carcara, na favela Nova Jaguaré	31
Imagem 5 –	Distrito do Jaguaré dividido em faixas de rendimento e área ocupada pela favela Nova Jaguaré destacada por bordas azuis, dentro do distrito do Jaguaré.....	31
Imagem 6 –	Localização do Instituto Reciclar no distrito do Jaguaré	37
Imagem 7 –	Localização da Favela Nova Jaguaré no distrito do Jaguaré	38
Imagem 8 –	Localização da Escola Estadual Professor Architiclino Santos	39
Imagem 9 –	Localização da Escola Estadual Deputado Augusto do Amaral ...	39
Imagem 10 –	Localização da Escola Estadual Maria Eugênia Martins	40
Gráfico 1 –	Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por classes de rendimento nominal mensal, segundo a situação do domicílio, o sexo e os grupos de idade, no ano de 2010	33
Gráfico 2 –	Pirâmide etária da população da Favela Nova Jaguaré.....	34
Gráfico 3 –	População residente na Favela Nova Jaguaré dividida por raça ...	36
Gráfico 4 –	A Escolaridade dos pais dos jovens	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Domicílios particulares permanentes, por situação e número de moradores.....	32
Tabela 2 – População residente, segundo a forma de declaração da idade e a idade, nos anos de 2000 e de 2010, nos intervalos de idade de 10 a 14 anos e de 15 a 19 anos.....	33
Tabela 3 – Pessoas de 5 anos ou mais de idade, não alfabetizadas, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio e a idade, no ano de 2010.....	35
Tabela 4 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, total e com rendimento, e a cor ou raça, no ano de 2010, selecionando apenas as três raças mais frequentes no distrito do Jaguaré.....	36
Tabela 5 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, alfabetizadas no Brasil e no Distrito do Jaguaré, e as alfabetizadas com renda de 1 a 3 salários mínimos no Distrito do Jaguaré, no ano de 2010.....	37
Tabela 6 – Dados morfológicos dos jovens	46
Tabela 7 – Grau de escolaridade dos jovens	46
Tabela 8 – A escolaridade dos pais dos jovens	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
A origem da problemática e do objeto de pesquisa	10
Objetivos.....	12
Metodologia de pesquisa.....	12
CAPITULO I – O INSTITUTO RECICLAR	14
1.1 O impacto da ONG Instituto Reciclar	14
1.2 Conhecendo a organização	16
1.3 O financiamento da ONG Instituto Reciclar.....	18
1.4 Os espaços físicos da ONG Instituto Reciclar	20
1.4.1 A Oficina	20
1.4.2 O escritório	21
1.4.3 O segundo andar	22
1.5 Reciclando papel e jovens	23
1.6 Conhecendo os jovens	26
CAPITULO II – O DISTRITO DO JAGUARÉ	28
2.1 A História do Distrito	28
2.2 O distrito do Jaguaré e a favela Nova Jaguaré	29
2.3 As raças e rendas do distrito do Jaguaré	35
2.4 O Instituto Reciclar no distrito do Jaguaré	37
2.5 A seleção dos jovens	40
CAPÍTULO III – A Reciclar como Tática.....	44
3.1 Quem são estes jovens	45
3.2 A porta de entrada para a sociedade inclusiva.....	48
3.2.1 Na sala de aula	51
3.3 A importância do primeiro emprego	54
3.4 O trabalho na oficina	55
3.4.1 O sonho da profissão	58
3.4.2 O desligamento da ONG	60

3.5 O estigma	62
3.6 A chancela da Reciclar	65
CONCLUSÃO	67
REFERÊNCIAS	72
ANEXOS	74

INTRODUÇÃO

A origem da problemática e do objeto de pesquisa

Realizei a graduação em Relações Internacionais na PUC-SP (2007-2011). Depois de formada, participei de um estágio na Organização Não Governamental (ONG) *Geneva for Human Rights*, com sede em Genebra, Suíça, onde tive a oportunidade de acompanhar diversos dos Comitês da Organização das Nações Unidas (ONU), inclusive a 18ª Edição do Conselho de Direitos Humanos. Após o contato com diversos temas de Direitos Humanos, percebi que aqueles relacionados às crianças e aos adolescentes eram os que mais me atraíam. Foi com o objetivo de pesquisar tema referente às crianças e adolescentes que busquei o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

No documentário “*Falcão: Meninos do Tráfico*”, a que assisti durante a graduação, tomei conhecimento de casos de crianças e adolescentes que avaliei serem os de mais extremo risco e de maior privação de direitos humanos na atualidade. O filme, lançado em 2006, é o resultado de seis anos de filmagens do cotidiano de 17 jovens de 7 a 17 anos que vivem em favelas em diversas cidades do Brasil. Neste documentário, realizado pelo *rapper* MV Bill e o produtor musical Celso Athayde, vêem-se crianças e adolescentes portando armas de fogo, fazendo uso de drogas e com comportamento violento. Em seus relatos, os meninos contam quais funções desempenham para o tráfico de drogas e quais os riscos que correm. Durante a realização das atividades necessárias para manter o tráfico, cujas consequências envolvem o uso das substâncias e o confronto armado contra a polícia militar e grupos inimigos formados por outros jovens moradores de favelas vizinhas, ouve-se repetidamente a explicação de que os rapazes buscaram o tráfico por não ter alternativa, por não haver outras “oportunidades de vida”.

Embora meu interesse inicial fosse trabalhar com criança e adolescentes em situação de risco, sabia, pela leitura que me foi indicada de Gabriel Feltran (2010), que isso demandaria um intenso trabalho de convívio e produção de laços de confiança, o que seria quase impossível no tempo dedicado ao mestrado. Ainda assim, insisti. Portanto, iniciei uma pesquisa para encontrar organizações não-governamentais que tivessem como objetivo melhorar a vida de crianças e adolescentes em situação de risco. Selecionei, inicialmente, diversas ONGs¹ da

¹ As ONGs pesquisadas foram: Casa do Zezinho, Aldeias Infantis SOS Brasil, Instituto Canto de Luz, Ação Comunitária, Bem Querer, Projeto MARCO, Projeto Pescar, Associação Vida Jovem, Aldeia do Futuro, Fundação Julita, Gotas de Flor, Obra do Berço, Programa Educar e o Instituto Reciclar.

cidade de São Paulo, e avaliei seus perfis e se eram receptivas para receber visitas, até chegar a quatro (4) ONGs, uma em cada região da cidade. A dificuldade logo se evidenciou: para ter acesso às crianças ou adolescentes, exatamente porque estavam em situação de risco, haveria que seguir uma série de procedimentos para os quais não haveria tempo. Foi, então, que já tendo conhecimento do Instituto Reciclar, resolvi selecioná-lo como objeto de meu trabalho. Também foi escolhido por se mostrarem mais abertos à realização de uma pesquisa acadêmica.

A partir de então, alterei o meu objeto de pesquisa, pois o próprio Instituto revelou questões que pareceram iluminar a maneira como a sociedade compreende as crianças e jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social. O interessante foi identificar que, embora não envolvidos com o tráfico ou com drogas em geral, os meninos e meninas que conheci também evidenciaram como são marginalizados socialmente, como se sentem estigmatizados pela sociedade inclusiva, o Instituto Reciclar se constituindo como uma porta aberta para o mundo, por meio da qual eles passam a ser chancelados, autorizados a ingressar no mundo social normalizado e no mundo do trabalho. Por esta peculiaridade, a organização acabou se tornando centro do meu objeto de estudo, pois a pesquisa revelou o papel de mediação que esta ONG em especial exerce no sentido de fornecer aos jovens moradores da favela Nova Jaguaré um *certificado* que os avaliza a fazer parte da sociedade inclusiva.

Dessa forma, iniciei a pesquisa com o objetivo de observar, questionar e compreender o funcionamento da organização, o perfil de seus atendidos e as consequências do trabalho realizado por eles.

As principais questões norteadoras da pesquisa estiveram relacionadas ao estigma imposto às crianças e adolescentes que vivem em uma situação de pobreza e em uma região marginalizada socialmente. Como essa posição no espaço social e físico da cidade interfere na maneira como constroem sua própria autoimagem? E o que isto mais do que revelar sobre os jovens, revela sobre a sociedade inclusiva e o imaginário que circula sobre eles? Segundo E. Goffman,

(...) os padrões que ele (o indivíduo estigmatizado) incorporou da sociedade maior tornam-no intimamente suscetível ao que os outros vêem como seu defeito, levando-o inevitavelmente, mesmo que em alguns poucos momentos, a concordar que, na verdade, ele ficou abaixo do que realmente deveria ser². (GOFFMAN, 1963, p.10)

² GOFFMAN, 1963, p.10.

Objetivos

O marco teórico geral diz respeito a processos de socialização, que articulam socialização externa por meio de instituições (família, escola, a ONG) e auto socialização em grupos de convivência, como elementos geradores do *self*, operando em um tipo de situação marcada por precariedade familiar, material e social.

O objeto de estudo são as práticas e as representações de adolescentes na ONG na qual foram acolhidos com o objetivo de desviá-los dos destinos prováveis da miséria ou até do crime, além das intenções e do funcionamento da própria ONG, do seu impacto nos jovens, em suas famílias e no bairro.

Como questão subjacente há a tensão entre o universo dos direitos, que opera no sentido da reclassificação social, que está suposta no âmbito dos Direitos Humanos, da Constituição e do Estatuto da Criança e do Adolescente, e o risco da possível orientação para a ordem da vida (esfera) marginal, que, como tal, possui seu cosmo de valores e sua legalidade própria. Entre esses dois âmbitos está posta a possibilidade da desclassificação completa na situação de abandono e indigência que torna inviável as duas orientações integrativas divergentes: o caminho da educação e do trabalho, o caminho da marginalidade.

Pressupostos teórico-metodológicos: a) o âmbito da organização não-governamental, e seu trabalho e eficiência não será mobilizado no sentido de denúncia, mas de compreensão dos objetivos explícitos e dos não declarados. Assim como o objetivo dos adolescentes atendidos pelo Instituto Reciclar, e como se dá entre ambos o acordo tácito em busca de trabalhadores do lado da ONG, e de um aval para os jovens, de como eles usam a ONG como estratégia. Evidenciou que esta estratégia possui diversos objetivos. Alguns mais concretos, como a oportunidade do primeiro emprego e o acesso à melhor educação; e outros menos, como a ascensão social e o fim do estigma.

Metodologia de pesquisa

Etnografia e entrevistas. A pesquisa foi feita na ONG, com entrevistas com um grupo de jovens atendidos pelo Instituto Reciclar, e com funcionários da organização. Com os jovens, o objetivo foi obter história de vida pessoal e da família, principalmente dos pais para que seja traçada a origem do anseio de ascensão social do jovem, além de valores e ideias de mundo que têm. Já com os funcionários da ONG, o objetivo foi compreender os objetivos reais e os

divulgados pela organização e relacioná-los, além de conhecer a história da ONG e do bairro, e avaliar o impacto de sua ação.

Para isso, utilizo também dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o distrito do Jaguaré, onde está localizada a sede da organização.

CAPITULO I – O INSTITUTO RECICLAR

1.1 O impacto da ONG Instituto Reciclar

O Instituto Reciclar, é uma organização não-governamental, que apesar de já ter tido sua sede transladada, sempre permaneceu no distrito do Jaguaré desde sua fundação, e, portanto, foi importante conhecer um pouco mais a região. Descobri que o perfil da população tinha mudado ao longo do tempo, desde os primeiros anos de instalação do Instituto no distrito. O gerente de vendas da organização afirmou que o poder aquisitivo da comunidade tinha melhorado nos últimos anos, principalmente devido aos incentivos governamentais, como os programas Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, Auxílio Gás e Farmácia Popular. Ele relatou que os jovens sonham com profissões, fazer faculdade, querem quebrar o ciclo da família que é de subempregos e marginalidade.

Diversos projetos sociais atuam nesta região, além dos auxílios governamentais. A convergência desses fatores melhorou a qualidade de vida da população visivelmente. As casas estão mais bem estruturadas, muitos moradores têm carros, bens materiais como televisores e computadores, e há mais condomínios na região. Mas a saúde e a educação continuam precárias e, se melhoraram, foi graças ao trabalho realizado principalmente pelas ONGs da região, sobretudo as voltadas para as favelas do Jaguaré. No caso do Instituto Reciclar, os resultados estatísticos apontam para a colocação dos jovens no mercado de trabalho. Desde sua fundação, no ano de 1995, até a atualidade foram 130 jovens atendidos. Formam-se cerca de 15 a cada ano, que completam o ciclo e são desligados da ONG. No entanto, ainda mantêm contato com os jovens que se formaram para saber o que decidiram fazer profissionalmente. A média de empregabilidade é de 85%, de acordo com o próprio Instituto Reciclar³.

A respeito das outras organizações que atuam no distrito há uma rede de cerca de 10 projetos sociais na região, como a Sociedade Benfeitora Jaguaré, o Instituto Libertas e Instituto Renovo⁴. Os funcionários destas organizações conversam entre si sobre suas dificuldades, mas não tanto quanto seria necessário. De acordo com J., o gerente de vendas do Instituto Reciclar, a rede dá conta da região, atende ou daria conta de atender toda a população carente. Só não

³ Relatório 2014 do Instituto Reciclar, p. 7
(http://issuu.com/institutoreciclar/docs/relatorio_reciclar_2014_final/7?e=0/13869345)

⁴ Para lista completa de ONGs no distrito do Jaguaré (acessado em 07/01/2016): <http://www.ongsbrasil.com.br/default.asp?Pag=1&Destino=Instituicoes&Estado=SP&Cidade=S%E3o%20Paulo&Bairro=Jaguar%E9>

atendem mais por falta de divulgação dos projetos. No caso do Instituto Reciclar, este fator pode ser verdadeiro. Apesar de terem um *site* na internet com muitas informações sobre a organização, informando sobre o trabalho realizado e o seu resultado, quem passa em frente da sede da ONG pode não perceber do que se trata. E, como constatei a partir de uma conversa com outra das coordenadoras do projeto, não há muito investimento feito por parte da organização para sua própria divulgação, com exceção da realizada nas escolas em que recrutam os jovens para o trabalho de reciclagem de papel na ONG, como mostrarei adiante.

No entanto, diferente do que o meu imaginário sugeria sobre ONGs que se dizem responsáveis por recuperar jovens oriundos de uma situação de vulnerabilidade social, no caso do Instituto Reciclar não é disso que se trata. Ao contrário, o que ficou claro por meio da minha pesquisa é que há um acordo tácito entre a ONG e os jovens no sentido de ambos reafirmarem o discurso de reinserção social de forma a fornecer tanto a ela como aos jovens um selo de prestígio. No caso da ONG, é o que lhe permite obter os recursos que a financiam. No caso dos jovens, é o que permite que combatam o estigma que sabem que lhes será atribuído pela sociedade inclusiva, apenas pelo fato de serem moradores da favela.

Este achado é que faz desta pesquisa um estudo sociológico. Menos do que compreender o trabalho da ONG ou mesmo a situação de vulnerabilidade dos jovens trata-se de observar como o discurso convergente de ONG e jovens revelam o saber comum – *sensu comum* – presente na sociedade inclusiva de que jovens moradores de favela, pelo simples fato de aí viverem, estão para sempre marcados como ineptos para a vida social. Da perspectiva dos jovens, passar pela ONG é a forma de adquirir o aval necessário para serem aceitos pela sociedade inclusiva, mesmo que sejam estes jovens os melhores entre os piores – a ONG diz claramente que não recruta jovens indisciplinados. Da perspectiva da ONG, é o que lhe garante continuar recebendo não só os recursos que a mantêm funcionando, como recrutar os jovens na condição de aprendizes como mão de obra barata para o processo produtivo de produtos reciclados. Deve-se considerar também a presença das empresas que apoiam o Instituto Reciclar por meio de doações ou que, ao final de todo o processo, absorvem parte da mão de obra da organização.

O que se apresenta é, na verdade, um círculo de interesses entre os jovens, a organização e as empresas privadas. Enquanto os jovens se interessam por trabalhar no Instituto Reciclar para que sejam reconhecidos como jovens preparados para o mercado de trabalho e dignos de respeito e inclusão em outros círculos sociais, esta organização se beneficia recebendo doações de empresas, prestígio pela capacidade de melhorar a vida dos jovens e ainda vender seus

produtos feitos de papel reciclado. Já as empresas recebem o *status* de sustentáveis e preocupadas com o meio-ambiente e com a questão social.

O que está na base dessa estrutura é o estigma direcionado aos jovens vindo do ambiente externo à ONG, mais especificamente dos moradores do bairro do Jaguaré que não habitam a favela Nova Jaguaré, mas que estão próximos e encontram os jovens em alguns recintos, como nos *shopping centers* e outros locais de lazer da região. O estigma é percebido pelos jovens recrutados pelo Instituto, como pude observar por meio das entrevistas, e que, segundo elas, revelam o quanto os jovens que buscam o Instituto se sentem inferiores, indignos de respeito e de serem vistos como iguais pelo fato de morarem na favela. São também considerados, segundo eles, incapazes para obter boas oportunidades no mercado de trabalho e de deixar suas atuais condições sociais.

Desta forma, estes jovens buscam organizações como o Instituto Reciclar, que lhes dão uma oportunidade de emprego, mas muito mais do que isso, lhes dão uma validação, produzindo uma distinção em relação aos outros jovens que também habitam a favela Nova Jaguaré. Estes jovens passam a se acreditar diferentes da maioria e, portanto, capazes de obter melhores chances de trabalho, sendo mais bem vistos pela sociedade inclusiva caso obtenham o “selo” que o Instituto Reciclar lhes promete.

Em suma, é o conhecimento do estigma social atribuído a jovens moradores de favela que mantém a estrutura funcionando e é essa estrutura que essa pesquisa pretendeu desvendar.

1.2 Conhecendo a organização

Conheci a Organização Não-Governamental chamada Instituto Reciclar, ou Instituto de Reciclagem do Adolescente, por meio de uma pesquisa na *internet*, quando, no início do mestrado, no final do ano de 2014, buscava conhecer ONGs que se ocupassem de jovens em situação de vulnerabilidade social, tomando por referências as diferentes regiões da cidade de São Paulo.

Minha primeira impressão da organização se deu por meio do seu *site* oficial⁵ cujo logotipo anunciava: “Instituto Reciclar - Educação pelo trabalho”. Nas fotos, os jovens atendidos pela Reciclar apareciam sorrindo, trajando seu uniforme diário (camisetas coloridas), seja trabalhando na oficina de reciclagem de papel, seja estudando em uma sala de aula, ao lado

⁵ www.reciclar.org.br

dos produtos reciclados feitos por eles. Estas imagens confirmariam, em parte, o ambiente que encontrei na ONG, bem como o tipo de atividades realizadas.

Também anunciavam a sua missão, como sendo a de “proporcionar aos adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social oportunidades de educação e aprendizado profissional para promoção de autoestima, inclusão social e exercício pleno da cidadania”. Foi então que entrei em contato com o Instituto Reciclar para agendar uma visita para conhecer jovens por ele atendidos e a sua sede.

O Instituto Reciclar foi fundado no ano de 1995 e sua fundação está diretamente associada ao momento de surgimento de ONGs no Brasil com perfis semelhantes ao seu.

O termo ONG, organização não-governamental, surgiu na década de 1940 dentro da Organização das Nações Unidas (ONU). Na América Latina, logo foi associada ao combate à pobreza e ao subdesenvolvimento do terceiro mundo, como os países em condição precária de desenvolvimento eram então designados, o Brasil, inclusive.

Diferentemente das primeiras organizações não-governamentais que surgiram no país na década de 1960 e 1970, uma nova leva de ONGs surge nos anos 1990, relacionadas mais diretamente ao Estado e às empresas privadas, sob a bandeira da cidadania. Em substituição à preocupação política de suas predecessoras, e de forma menos contestadora, buscavam promover geração de renda e maior integração à sociedade da população carente. Em 1991, surge a Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais (ABONG) que, em seu estatuto, informa que as ONGs são entidades sem fins lucrativos, notadamente autônomas e pluralistas, com o compromisso de construir uma sociedade democrática, participativa e com o fortalecimento dos movimentos sociais de caráter democrático⁶.

É bom lembrar que essa guinada está associada ao momento político vivido pelo Brasil, em franco direcionamento para a abertura democrática, depois de anos de ditadura militar. Em meados da década de 1990, portanto, o cenário político no Brasil se encontrava consideravelmente mais calmo do que na década de 1970 e, por isso, a abordagem das ONGs se adaptou, dando maior ênfase às questões da “exclusão” e da “discriminação social” (COUTINHO, 2004, p. 23). Outras ONGs acreditavam que, mais eficiente do que lutar contra o capitalismo, seria juntar suas forças com os grandes atores sociais, como os Estados e empresas multinacionais para, de certa forma, “limpar” o estrago social e ambiental. (COUTINHO, 2004, p.25)

⁶ www.abong.com.br (acessado em 07 nov. 2015)

O Instituto Reciclar se identifica totalmente com essa abordagem, pois tem como objetivo transformar a imagem dos jovens carentes e retirá-los da situação de vulnerabilidade social, incluindo-os socialmente. A ONG realiza este trabalho em parceria com empresas privadas, responsáveis pelas doações financeiras e de bens, além de todo o papel necessário ao processo produtivo de reciclagem. Dessa forma, o Instituto Reciclar “limpa”, ou melhor, “recicla” a imagem dos jovens e a imagem das empresas, que passam a ser compreendidas como tendo por preocupação a ecologia e o combate à exclusão social.

1.3 O financiamento da ONG Instituto Reciclar

O Instituto Reciclar utiliza múltiplas fontes de renda para financiar seus projetos, manter sua estrutura física e pagar seus funcionários e os jovens que trabalham na oficina de reciclagem de papel. Os produtos feitos pelos jovens na oficina são vendidos para empresas, e esta renda é utilizada para manter a ONG financeiramente. Além disso, a organização tem apoiadores e patrocinadores, como consta no *site* oficial da ONG⁷. Mas há também a captação de recursos por meio de editais do governo federal brasileiro ou de outras instituições.

Em uma das visitas à sede da ONG, obtive a explicação da coordenadora pedagógica M.E. a respeito da forma com que os fundos conseguidos em editais eram utilizados: “A Reciclar é grande, mas não tem tantas atividades, (...) boa parte das atividades já são financiadas. Então, a gente tenta buscar [financiamento] para uma atividade ou outra que a gente pensa em desenvolver (...). Os dois últimos projetos estavam ligados à área educacional e fui eu que escrevi. Mas a gente tenta dividir um pouquinho as tarefas, né? Então, desde o orçamento, a gente senta com o gerente administrativo, com a coordenadora financeira, a gente senta *pra* ver o que já *tá* alocado em outros projetos. Aí precisa de alguma coisa da oficina, a gente senta com o gerente de produção *pra* ver o que mais precisa ser ligado a esse projeto, então assim, todo mundo faz de tudo”⁸.

As salas de aula, existentes no Instituto Reciclar, são canalizadoras de recursos, pois atraem doações monetárias e objetos para a organização. Muitas empresas parceiras, por exemplo, doam carteiras e lousas.

A coordenadora pedagógica conta que os produtos feitos pelos jovens geram a renda necessária para cobrir, em média, de 25% a 30% dos gastos da organização. Quando

⁷ <http://www.reciclar.org.br/pt/parceiro/lista/parceiros/pagina> (acessado em 10 abr. 2014)

⁸ Entrevista realizada em 03/05/15

questionada sobre os patrocinadores da ONG, ela relatou que há diferentes tipos de patrocinadores, como realmente consta no *site* da Reciclar. Há patrocinadores fixos, que doam uma quantia a cada mês. E há outros que fizeram doações específicas para um dado projeto.

No *site* da Reciclar, há diversas empresas citadas como apoiadoras, como as listadas a seguir:

O Banco de Alimentos doa alimentos;

- a) A rede de lojas de roupas Marisa estabeleceu uma parceria de captação de nota fiscal;
- b) A *Wake Up*, empresa de comunicação, contribui com a produção de material gráfico para a divulgação da ONG;
- c) A Clínica de Olhos oferece consultas oftalmológicas gratuitas para os adolescentes;
- d) A BrasilPrev, empresa de previdência e seguros, desde o início da Reciclar, faz doações;
- e) A Fundação Salvador Arena doou uma quantia em dinheiro utilizada para a compra de equipamentos para sala de informática;
- f) A Mapfre, empresa de seguros, compra os produtos feitos pelos jovens na oficina de reciclagem;
- g) A KPMG faz a auditoria da ONG;
- h) O Grupo Carrefour de supermercados doou o valor necessário para a compra do prédio onde fica a sede da ONG;
- i) A Oi, empresa de comunicação e telefonia, patrocina a reestruturação da oficina de reciclagem, e ainda paga metade dos salários do coordenador e do gerente do Instituto Reciclar;
- j) A Pancrom é uma gráfica que faz, também, materiais gráficos;
- k) A Associação Brasileira de Bancos doa papel para a oficina;
- l) A ONG Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimentos Sustentável CIEDS, em parceria com o Fundo das Nações Unidas para a Criança (UNICEF), aplicou projetos na área educacional na Reciclar.

A *holding* de empresas Fesap, segundo M.E., é a única que absorve como aprendizes os adolescentes que saem do Instituto Reciclar.

1.4 Os espaços físicos da ONG Instituto Reciclar

A primeira visita que fiz ao Instituto Reciclar foi em agosto de 2014, quando pude conhecer de perto seu espaço físico e sua estrutura organizacional.

A ONG foi fundada em 1995, e está localizada na Avenida Presidente Altino, 973, Vila Nova Jaguaré, distrito do Jaguaré, na cidade de São Paulo. Está neste endereço há cerca de cinco anos, embora sempre no mesmo distrito. A equipe administrativa é formada de um gerente administrativo, um gerente financeiro, um gerente de educação e um de produção.

1.4.1 A Oficina

A jovem D.A.S., de 19 anos, foi designada para me mostrar a oficina, onde se localiza a linha de produção de papel reciclado, da qual é a coordenadora. O escritório, localizado em um mezanino do primeiro andar, tem uma pequena porta que dá para uma escada em caracol, que leva para a oficina, no térreo do prédio.

D. e eu descemos a escada e fomos para a porta da frente da sede - um grande portão branco - onde se inicia o processo de reciclagem. O portão marca o início da produção com uma pilha de cerca de 5 metros de altura de papel. Saindo por este portão, depara-se com 4 vagas espaçosas para carros e uma grade de aproximadamente 3 metros de altura, que protege a entrada, e por meio da qual se entra no Instituto Reciclar. A grade está sempre fechada e só é aberta quando a campainha toca. Quando se passa pelo portão, após a grande pilha de papel a espera de reciclagem, vê-se uma grande máquina utilizada no processo. À frente, estendem-se, por cerca de 20 metros, mesas colocadas lado a lado para que os jovens apoiem as prensas também utilizadas na reciclagem. A oficina não possui divisórias ou portas. Os jovens se posicionam à direita da fileira de mesas para que possam alcançar a matéria prima. No chão, ao longo da extensão das mesas, há um material antiderrapante e com furos, para que a água utilizada na produção possa ser escoada para fora da oficina. O chão de toda a oficina é de cimento cinza escuro e as paredes brancas. O pé-direito da oficina é bastante alto, com cerca de 5 metros de altura. Mas a luminosidade vem apenas do portão de entrada, que permanece aberto durante o expediente, e das janelas ao fundo da oficina, onde se localiza a estufa.

Após estes 20 metros ocupados pela fileira de mesas, está a estufa, onde as folhas de papel permanecem até que estejam secas. A estufa é repleta de varais e também possui algumas máquinas que servem para secar o papel mais rapidamente. Este local é consideravelmente mais

luminoso do que o início da linha de produção, já que, embora ocupe um espaço menor da oficina, tem grandes janelas.

Neste mesmo espaço do andar térreo, ao lado esquerdo, há o local onde os produtos são finalizados, demarcado apenas por um conjunto de mesas organizadas em “L”, isolando-o da linha de reciclagem. Há cerca de 10 cadeiras onde os jovens se sentam para trabalhar e uma grande vitrine atrás das cadeiras com todos os modelos de cadernos, agendas e calendários produzidos. Nas mesas ficam espalhados os materiais utilizados para a fabricação dos cadernos, e uma pequena pilha, de 1 metro de altura, de papéis de diversas cores já finalizados.

O vão entre as mesas utilizadas para montar os produtos finais e as mesas utilizadas para o início do processo de reciclagem de papel é de cerca de 3 metros, o que não permite que muitas pessoas transitem no local. O espaço completo da oficina tem 240 metros quadrados.

1.4.2 O escritório

O escritório se encontra no mezanino, acima da oficina, e abaixo do andar onde estão as salas de aula e a cozinha. Pode-se adentrar o escritório pela porta da escada em caracol, a partir da oficina, ou ainda, por uma porta lateral, por meio de uma escada que liga o térreo ao segundo andar. Dessa forma, o escritório pode ser considerado como o primeiro andar da sede da ONG.

O escritório tem 8 mesas que funcionam como estações de trabalho para 8 funcionários da organização. Cada mesa tem uma baía e um computador. Há duas fileiras de 3 mesas cada uma, e outras duas mesas ficam em outra fileira perpendicular às duas outras, formando a letra “U”. Dessa forma, todos os funcionários podem facilmente se ver.

A sala em que está montado o escritório tem 6 metros de comprimento por 3 de largura e o pé-direito tem cerca de 3 metros. A sala parece pequena devido à grande circulação de pessoas e quantidade de materiais. Além das estações de trabalho, há ainda duas outras mesas com documentos e outros papéis, e uma lousa na parede oposta à porta de entrada da oficina, onde os funcionários escrevem as tarefas a serem realizadas na semana.

O escritório é bem iluminado por luzes artificiais e ainda possui uma grande janela na parede da porta lateral. Isso permite que os funcionários vejam a escada utilizada pelos jovens para ir para as salas de aula ou para a cozinha. O chão é revestido por um piso frio claro. O escritório pode representar os olhos do Instituto Reciclar, já que avista tanto a oficina quanto a escada para o segundo andar, que é utilizada pelos jovens para conversas em momentos de descanso.

1.4.3 O segundo andar

Ao subir o lance de escadas para o segundo andar, a partir do escritório, vêem-se três salas de aula, um refeitório e a cozinha. Pode-se conduzir a este andar pela escada lateral que se encontra fora do prédio. Isso significa que é possível ir para as salas de aulas e a cozinha sem entrar na oficina ou no escritório, apenas passando por uma porta feita à esquerda do portão que cerca a entrada da ONG e subindo as escadas. Na imagem da fachada da sede do Instituto Reciclar é possível ver esta porta.



Imagem 1— Foto da fachada da sede do Instituto Reciclar
Fonte: Google Maps

Ao entrar neste andar, à direita, vê-se o ponto onde os jovens devem registrar seus horários de entrada e saída da ONG, o refeitório e um toalete. Todos os ambientes deste andar são muito bem iluminados, por lâmpadas brancas, e pelas janelas que se encontram no corredor à esquerda, com paredes brancas e piso frio da mesma cor.

À esquerda, ao longo do corredor com as janelas, estão as duas salas de aula e a sala de informática. Há, nas paredes entre as salas, alguns certificados e prêmios que o Instituto recebeu ao longo dos anos. As três salas ficam lado a lado, mas não se pode ouvir o que se diz entre uma sala e outra quando as portas estão fechadas, pois as paredes são grossas. Porém, se as portas ou janelas estão abertas, é comum ouvir muitos jovens conversando nos corredores durante o horário de almoço.

Em cada sala de aula estão alocadas cerca de 40 carteiras, na cor azul, para os estudantes, uma lousa branca à frente e a mesa do professor voltada para os alunos com um computador. Esta disposição revela o modelo tradicional de ensino utilizado na ONG, já que os alunos sentam em fileiras e de frente para o professor. Pode-se destacar o uso da tecnologia,

pois além do computador que é utilizado pelo professor, há ainda um projetor que reflete a tela do professor na lousa. Este método é utilizado de forma recorrente em muitas das escolas das classes mais altas da cidade de São Paulo. Assim, estes equipamentos recebidos pela ONG como doações faz com que os jovens se equiparem aos alunos que frequentam escolas caras.

O refeitório e a cozinha, que ficam à direita quando se entra neste andar, também são espaços claros, com piso e paredes brancas. Não há porta para entrar no refeitório. Pode-se ver, à esquerda, grandes mesas e o balcão, de 1,5 metro de altura que dá para a cozinha, em estilo americano, em que os adolescentes se servem. A cozinheira e sua auxiliar supervisionam o momento do almoço, repondo itens como talheres e copos. Há 8 mesas azuis que comportam os jovens em dois turnos, pois não haveria espaço para todos ao mesmo tempo. São usadas grandes panelas e caldeirões para cozinhar em um fogão industrial, e a comida é servida nas mesmas panelas. A quantidade de comida é grande para alimentar todos os jovens e funcionários, que comem no mesmo espaço e, muitas vezes, ao mesmo tempo. Todos os dias há um cardápio diferente. Todos conversam em voz alta durante o almoço e depois deixam os pratos no balcão. Em seguida, dirigem-se à área externa ou aos corredores entre as salas para conversar. A interação entre os jovens é amigável e barulhenta, assemelhando-se ao momento de um recreio escolar.

1.5 Reciclando papel e jovens

O processo de reciclagem de papel é realizado em todos os dias de funcionamento da ONG, de segunda à sexta-feira, pela manhã. O papel - apenas sulfite - é doado por algumas empresas e, primeiramente, selecionado e separado por cores. Papéis diferentes ou que apresentam resquícios de cola ou de outros materiais são descartados. Em seguida, as folhas são separadas entre as que estão em branco e aquelas que têm textos impressos. Ambos os tipos são usados. As folhas em branco são usadas para produzir papéis de cores claras, e as que têm textos impressos, para fazer folhas de cor escura.

Da pilha, o papel é colocado em uma máquina chamada hidrapulper, com cerca de 2,5 metros de altura e que tem a função de desagregar o papel misturado à água, como um grande liquidificador. Em seguida, a mistura, uma pasta de celulose, permanece descansando por algumas horas para, depois, ser peneirada. A pasta é separada em diferentes tonéis onde recebe um corante. Depois, cinco dos adolescentes da linha de produção recolhem a mistura de celulose e água e espalham sobre uma tela, como as utilizadas na pintura, e a prensam

manualmente para que o excesso de água saia. Cada folha de papel que será formada mede cerca de 60 centímetros de largura por 30 centímetros de altura. É um trabalho que exige força braçal para que a água seja expelida e seque mais rapidamente.

Em seguida, usam uma prensa para secar as folhas ainda mais e, ainda, colocam-nas em um varal durante 12 horas. Há secadoras para as folhas que serão utilizadas em entregas mais urgentes.

Ao final do processo, os jovens retiram as folhas do varal e outro grupo fica responsável por transformar as folhas em produtos que serão comercializados, como capas de agendas e cadernos, calendários e outros materiais de escritório, como mencionado anteriormente. Estes produtos, já completos e finalizados, são comprados por empresas que os utilizam como brindes. Os produtos são feitos por encomenda e, a cada ano, linhas diferentes de produtos são lançadas, com cores e texturas variadas.

Os jovens que montam estes produtos trabalham em outra estação, montada por mesas do lado oposto à linha de produção, na oficina. Estes jovens já não realizam um trabalho de força, mas algo mais especializado, pois têm de montar cadernos, agendas e calendários utilizando o papel reciclado que já está seco, com tesouras, cola, fitas e estiletes. É um trabalho que requer delicadeza e atenção, para que os produtos tenham bom acabamento e sejam resistentes. No entanto, nenhum dos trabalhos realizados na oficina exige criatividade, pois os jovens não decidem quais serão os modelos de cadernos a serem produzidos, nem influenciam o modo de produção de papel reciclado. Todos os jovens passam por todas as etapas da produção, pois há um rodízio entre eles. Todos devem aprender a fazer todas as tarefas com agilidade.



Imagem 2 – Cadernos feitos com papel reciclado pelos jovens da Reciclar.
Fonte: www.reciclar.org.br

O espaço físico do Instituto Reciclar, se analisado, revela certos valores da organização, que não estão de acordo com o que é dito pelos jovens e pelos funcionários da ONG. O fato de as salas de aula estarem no andar de cima ao da oficina de reciclagem de papel poderia levar a pensar que os estudos são mais valorizados do que o trabalho dentro da organização. E isso é o que o gerente de vendas me assegurou, de que a educação vinha em primeiro lugar. Este discurso é fielmente repetido por todos dentro da organização, mas não é o que se vê ao se acompanhar o modo com que os jovens são selecionados para entrar na organização, nem como fazem para se manter nela. Apenas são selecionados os jovens que tem potencial para trabalhar bem na oficina. O mal desempenho na oficina conduz a algum tipo de punição. Da mesma forma como são premiados com a oportunidade de trabalhar na oficina os jovens que têm um bom desempenho nas aulas. Estas constatações serão exemplificadas posteriormente nas falas dos funcionários. A oficina está no térreo porque, de fato, é a base da organização. Se não houvesse a oficina, o Instituto Reciclar não poderia cumprir seu propósito de enquadrar os jovens na dinâmica de trabalho empresarial. E também não poderia receber algo em troca destes meninos e meninas, que é são força de trabalho necessária à elaboração dos produtos vendidos pela organização.

É desta forma, fazendo com que os jovens se acostumem com uma rotina extenuante de trabalho, e reforçando os valores do mundo normativo do trabalho, que o Instituto Reciclar, mais do que reciclar papel, *recicla* os jovens. A organização não os transforma, apenas os refina, pois já são jovens disciplinados e ajuizados, como mostrarei a seguir. No entanto, para a sociedade inclusiva que considera jovens moradores de favela desprezíveis e inferiores, pelo simples fato de terem passado pela ONG e terem aprendido alguma disciplina promovida pelo trabalho, tornam-se, aos seus olhos, aptos para integrar o mercado de trabalho formal, diferenciado-se dos seus iguais que não buscaram o mesmo trabalho da ONG.

1.6 Conhecendo os jovens

Em uma segunda visita ao Instituto Reciclar, que ocorreu em abril de 2015, realizei entrevistas com 11 dos adolescentes atendidos pela ONG, além de um professor. Dessa forma, pude aprender mais sobre o dia-a-dia deles na organização, sobre as aulas que frequentam, e sobre seus objetivos ao entrar na ONG.

Os jovens, de ambos os sexos, tinham de 17 a 20 anos e moravam no distrito do Jaguaré. Realizei todas as entrevistas em um mesmo dia, em uma das salas de aula, durante o período da manhã e início da tarde. Fui, inclusive, convidada para almoçar no refeitório junto com os jovens. Pude observar a interação entre eles e o ambiente descontraído. Todos conversavam e riam, mostrando que havia muitos grupos de amigos.

Sentei-me em uma carteira escolar na sala que me foi designada pela D., a mesma jovem que me mostrou a oficina de reciclagem em minha primeira visita, e pedi que ela chamasse os jovens um por um.

Para todos eles, fiz as mesmas perguntas e, pode-se dizer que recebi respostas muito semelhantes. Quando questionei os jovens sobre como ficaram sabendo da existência da ONG, obtive a resposta de que viram a apresentação da instituição na escola, ou que algum amigo ou parente próximo, que já havia trabalhado na Reciclar, sugeriu que o jovem deveria buscá-la como alternativa.

A respeito do modo de entrada na organização, seis (6) dos jovens disseram que passaram por uma entrevista, após terem tido suas notas da escola avaliadas. Nesta primeira entrevista, feita por alguns dos coordenadores, foram questionados sobre a profissão dos pais, a renda familiar, os planos para o futuro, e sobre como usariam o salário que receberiam. Os outros jovens não passaram por entrevistas, pois entraram na ONG quando a coordenadora

pedagógica era outra, e a ONG tinha práticas um pouco diferentes, a exemplo de P. que, por não ter sido aprovada, recebeu a oportunidade de realizar os cursos oferecidos, mas não de trabalhar no processo de reciclagem. Ela foi chamada apenas após alguns meses.

Aqueles que foram aprovados, mas que ainda não tinham completado 16 anos na ocasião da entrevista, começaram assistindo as aulas, iniciando na oficina apenas quando atingiram a idade mínima necessária.

Perguntei aos meninos e meninas quais eram suas expectativas antes de entrar para o Instituto Reciclar. Todos mencionaram a oportunidade do primeiro emprego, maior independência financeira, o desenvolvimento de certas habilidades sociais como a responsabilidade. Com a exceção do jovem E., que tinha 20 anos quando foi entrevistado por mim, que entrou na Reciclar com apenas 13 anos para fazer o curso de informática que era por ela oferecido “De início, a minha expectativa era de aprender mais, né? Sobre informática, como aprender a mexer na internet mesmo, que eu mexia, mas não era tão bom assim. E Word, PowerPoint, essas coisas.”⁹. Por meio das respostas obtidas na entrevista que realizei com eles, observei que todos consideravam que trabalhar na organização tinha afetado suas vidas, o que evidenciou uma forte identificação entre os jovens e os objetivos da ONG. O discurso da organização quanto a seus objetivos era facilmente percebido nas respostas dos adolescentes, que diziam ter se tornado mais responsáveis, mais comunicativos e que não teriam aprendido estas habilidades não fosse pelo trabalho na organização. Uma das jovens, no entanto, relativizou a importância da ONG para seu aprendizado, para a melhoria de sua vida e para as perspectivas de futuro. Os demais reconheceram a oportunidade recebida. E mesmo os funcionários com quem pude conversar também exprimiram as mesmas opinião e admiração pela organização. Pareceu-me curioso que não houvesse nenhuma crítica a ser feita ao trabalho da organização. Mas, como exporei posteriormente, esta falta de opiniões negativas se dá por um motivo compreensível. Os jovens precisam da chancela da Reciclar para serem reconhecidos pelo mundo diverso daquele em que costumam viver: o mundo para além das fronteiras da favela Nova Jaguaré.

⁹ Entrevista realizada em 26/03/2015

CAPITULO II – O DISTRITO DO JAGUARÉ

O distrito do Jaguaré, localizado na Zona Oeste da cidade de São Paulo, está subordinado à Subprefeitura da Lapa. Segundo o Censo demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a renda média por domicílio era de R\$3.600,00, 5% superior à renda média da cidade de São Paulo, de R\$3.500,00 naquele ano.

No entanto, no mesmo distrito localiza-se a favela Nova Jaguaré, maior favela da cidade de São Paulo em área contínua, ocupando o Morro do Sabão. Aqui, a população se destoa do restante do distrito pela sua baixa renda e por viver em condições precárias de moradia, com pouca infraestrutura urbana. É neste ambiente que se recrutam os jovens da Reciclar.

2.1 A História do Distrito

Fundado oficialmente em 1935, a região onde se encontra o atual distrito do Jaguaré já era vagamente habitada desde o início do século XX. No entanto, a região compreendida como Jaguaré era uma grande fazenda de 165 alqueires que pertencia à Companhia Suburbana Paulista, fundada por Ramos de Azevedo, e que promovia loteamentos de terras pela cidade.

No ano de 1935, a fazenda foi adquirida pelo empresário e engenheiro Henrique Dumont Villares que vislumbrou um projeto de urbanização, que dividia a região de maneira ordenada em áreas residenciais, comerciais e industriais geridas pela Sociedade Imobiliária do Jaguaré por ele também criada. O nome Jaguaré vem de um ribeirão da região, que nascia em Osasco e desembocava no rio Pinheiros e que foi canalizado quando o distrito começou a ser urbanizado. Depois de loteado e ocupado, o distrito tinha o Rio Pinheiros como uma grande barreira natural e que tanto limitava o tráfego de pessoas como impedia o pleno desenvolvimento industrial da região. Portanto, em 1940, Henrique Dumont Villares realizou uma doação de 700 réis à Prefeitura de São Paulo para que pudesse, então, ser construída a Ponte do Jaguaré, que seria inaugurada somente em 1947, ligando o distrito com as regiões da Vila Leopoldina e Lapa.¹⁰

¹⁰ Fonte: <http://www.saopauloantiga.com.br/mirantedojaguare/>

2.2 O distrito do Jaguaré e a favela Nova Jaguaré

O distrito do Jaguaré, ao oeste da cidade de São Paulo, contém os bairros Centro Industrial Jaguaré, Conjunto Butantã, Jaguaré, Parque Continental, Vila Graziela, Vila Jaguaré e Vila Lageado. O distrito, que teve ocupação inicial predominantemente industrial, atualmente, além das indústrias, apresenta crescimento no setor de serviços. No ano de 2010, em que foi realizado o censo populacional, a população total do distrito era de 49.863 habitantes, habitando 16.390 domicílios. A densidade demográfica era de 7,55 habitantes por quilômetro quadrado. E destes domicílios, 8.938 pessoas declaravam ganhar até 2 salários mínimos.

Para obter informações mais detalhadas, recorri às tabelas do sistema do banco de dados agregados do IBGE. Neste sistema, as informações são disponibilizadas para toda a população e estão distribuídas em diversos universos. No universo das características da população e dos domicílios, pude coletar números de extrema relevância para a compreensão da situação dos residentes do distrito do Jaguaré, onde se encontra o Instituto Reciclar e as famílias dos jovens por ele recrutados.

É importante ressaltar que a população do distrito do Jaguaré tem um perfil social completamente diferente do perfil da população da favela Nova Jaguaré, onde habita a maioria dos jovens recrutados para trabalhar no Instituto Reciclar. A favela está localizada entre a Avenida Presidente Altino e a Avenida Engenheiro Bilings, e é a maior favela em área contínua da cidade de São Paulo.

O conglomerado é uma região pobre incrustada em um distrito mais rico, ocupado pela classe média. As habitações do distrito do Jaguaré são compostas de edifícios em condomínios, muitas vezes com duas ou três torres, em ruas arborizadas, ou casas térreas cercadas por grades. Já a favela Nova Jaguaré possui casas de alvenaria sem revestimento, ou com partes feitas de taboas de madeira, que dão diretamente para ruas muito estreitas. Em muitos dos casebres se vêem caixas d'água e roupas estendidas em varais e nas janelas. Tais características visíveis evidenciam a diferença de rendimento e de acesso à infraestrutura urbana, ainda que dividindo o mesmo distrito da cidade de São Paulo.



Imagem 3 – Foto da Rua Parnamirim, parte do distrito do Jaguaré habitada pela classe média.
Fonte: Google Maps



Imagem 4 – Rua Caracara, na favela Nova Jaguaré
Fonte: Google Maps

Tais diferenças afetam diretamente os moradores da favela Nova Jaguaré, incluindo os jovens que conheci durante as visitas ao Instituto Reciclar. Estes jovens, apesar de habitarem a parte mais pobre e marginalizada socialmente do Jaguaré, conhecem as moradias e o estilo de vida dos habitantes do resto do distrito. Eles podem comparar diariamente a forma como vivem as classes mais altas com os seus próprios padrões de vida. Da mesma forma, desenvolvem uma percepção sobre como os moradores mais abastados da região os veem, produzindo-se um estigma. Estas pessoas, conforme eles mesmos informaram, consideram os jovens perigosos,

incapazes de se incluírem na sociedade, pouco instruídos e destituídos de futuro. Podem inclusive considerá-los como coitados e expressarem pena por de suas condições precárias, mas jamais são considerados iguais.

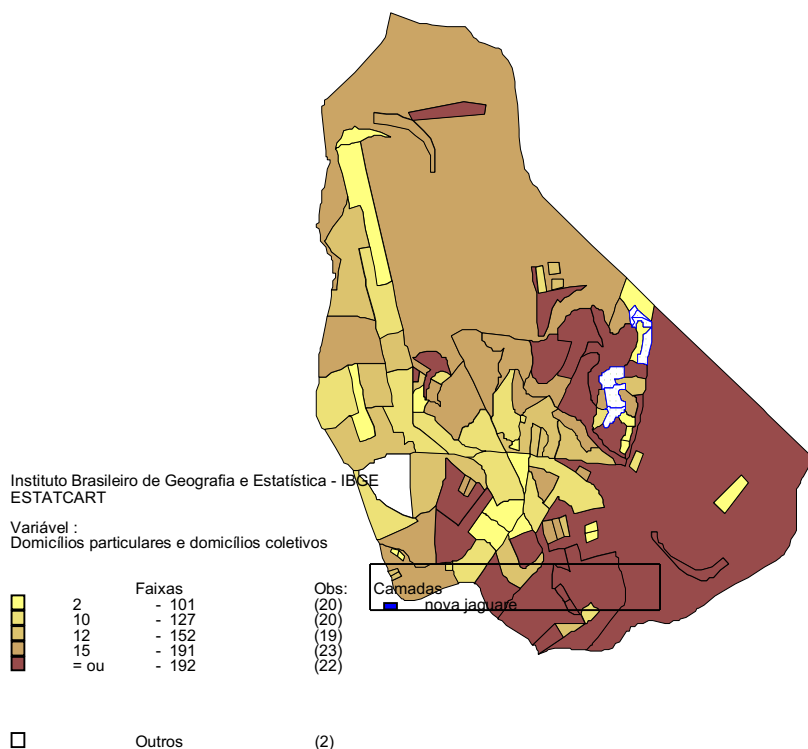


Imagem 5 – Distrito do Jaguaré dividido em faixas de rendimento e área ocupada pela favela Nova Jaguaré destacada por bordas azuis, dentro do distrito do Jaguaré.

Fonte: IBGE- Resultados do Universo do Censo Demográfico 2010 - Malha Setorial Digital dos Municípios 2010

Estes fatos viabilizam a compreensão a respeito da escolha dos jovens em participar das atividades oferecidas pelo Instituto Reciclar. O jovem, para não se sentir inferiorizado e marginalizado em relação à população de classe média, busca a instituição, que lhe confere uma espécie de “selo de qualidade”, pois tem a fama de formar jovens responsáveis, trabalhadores e melhores em relação aos outros jovens moradores da favela. A ONG está, assim, localizada de forma estratégica, perto dos jovens que precisam dela e da população que passará a aprovar estes “novos” jovens que saem da ONG “reciclados”.

Mas não se trata apenas de não se sentir inferiorizado. O jovem que passa pelo Instituto Reciclar acredita realmente ter maiores chances de obter melhores vagas de emprego e melhores salários. O que, de fato, se explica, porque, em primeiro lugar, os jovens selecionados são os que possuem já as melhores notas e frequência na escola em que são recrutados. São, portanto, mais bem preparados que seus colegas. Mas também porque, ao passarem pela ONG, dela

adquirem o aval necessário que os distingue dos demais jovens moradores da favela Nova Jaguaré. São os que estão mais bem preparados para o mundo normativo.

Nesta dissertação não foi meu objetivo verificar se de fato esses meninos e meninas conseguem melhores condições de inserção social do que seus colegas que vieram da mesma favela e da mesma escola. Para isso, seria preciso um trabalho com a população moradora da favela Nova Jaguaré, o que não foi meu objetivo neste momento. Mas o importante é evidenciar que as entrevistas revelaram a percepção que esses jovens possuem de que mesmo já tendo um bom aproveitamento na escola ainda assim precisam passar pela ONG para serem reconhecidos pela sociedade inclusiva. Sem ela, a possibilidade de se distinguirem de todos os moradores da favela Jaguaré e do estigma que lhes impõe seria mais difícil.

Na favela Nova Jaguaré, ou aglomerado subnormal como identifica o sistema do IBGE, havia 2.411 domicílios particulares permanentes, e 2.412 domicílios particulares ocupados, no ano de 2010. Havia, nestes domicílios, um total de 8.653 habitantes.

Em 2010, havia 16.390 domicílios particulares permanentes no distrito do Jaguaré, sendo todos considerados em situação urbana. No ano 2000, a população residente no distrito do Jaguaré era de 42.479 pessoas. Este número cresceu para 49.863 em 2010. Já a população de jovens de 10 a 19 anos em 2000 era de 7.294 indivíduos, e em 2010, era de 7.314.

Tabela 1 – Domicílios particulares permanentes, por situação e número de moradores.

Domicílios particulares permanentes por situação e número de moradores	
Distrito	Jagaré - São Paulo - SP
Variável	Domicílios particulares permanentes (Unidades)
Situação do domicílio	Total
Número de moradores	Total
Ano	
2000	2010
12359	16390

Fonte: IBGE – Censos de 2000 e 2010.

Pode-se dizer que o distrito tem uma população jovem considerável. Antes dos 10 anos, não se contabiliza indivíduos como capazes de gerar renda, portanto, analisei a população de 10 a 19 anos.

Tabela 2 – População residente, segundo a forma de declaração da idade e a idade, nos anos de 2000 e de 2010, nos intervalos de idade de 10 a 14 anos e de 15 a 19 anos.

População residente segundo a declaração de idade		
	2000	2010
De 10 a 14 anos	3385	3673
De 15 a 19 anos	3909	3641
Total	7294	7314

Fonte: IBGE – Censos de 2000 e 2010

Em 2010, a maioria dos jovens de 10 a 19 anos não tinham um rendimento mensal, num total de 6.144 indivíduos. O restante se dividia da seguinte maneira, como no gráfico abaixo:

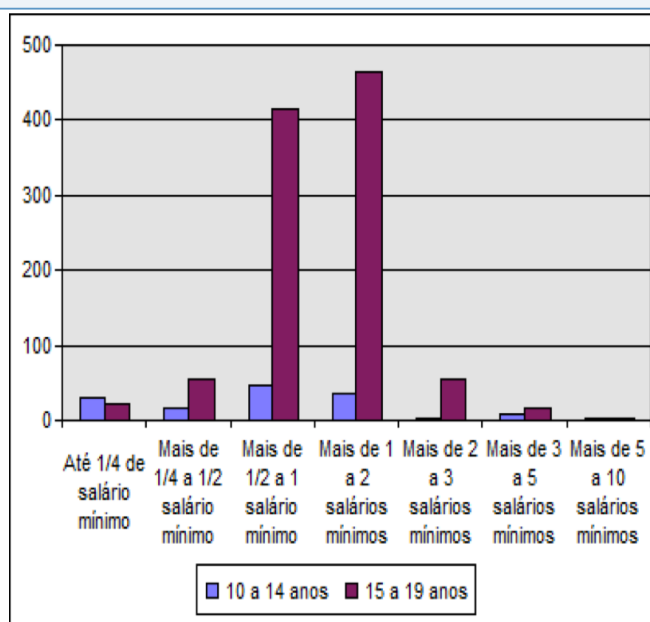


Gráfico 1 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por classes de rendimento nominal mensal, segundo a situação do domicílio, o sexo e os grupos de idade, no ano de 2010

Fonte: Dados colhidos pela autora em entrevistas com os jovens do Instituto Reciclar.

Na Favela Nova Jaguaré, especificamente, o número de jovens de 10 a 19 anos era de 582 indivíduos em 2010. A pirâmide etária abaixo mostra como esta população se dividia por sexo.

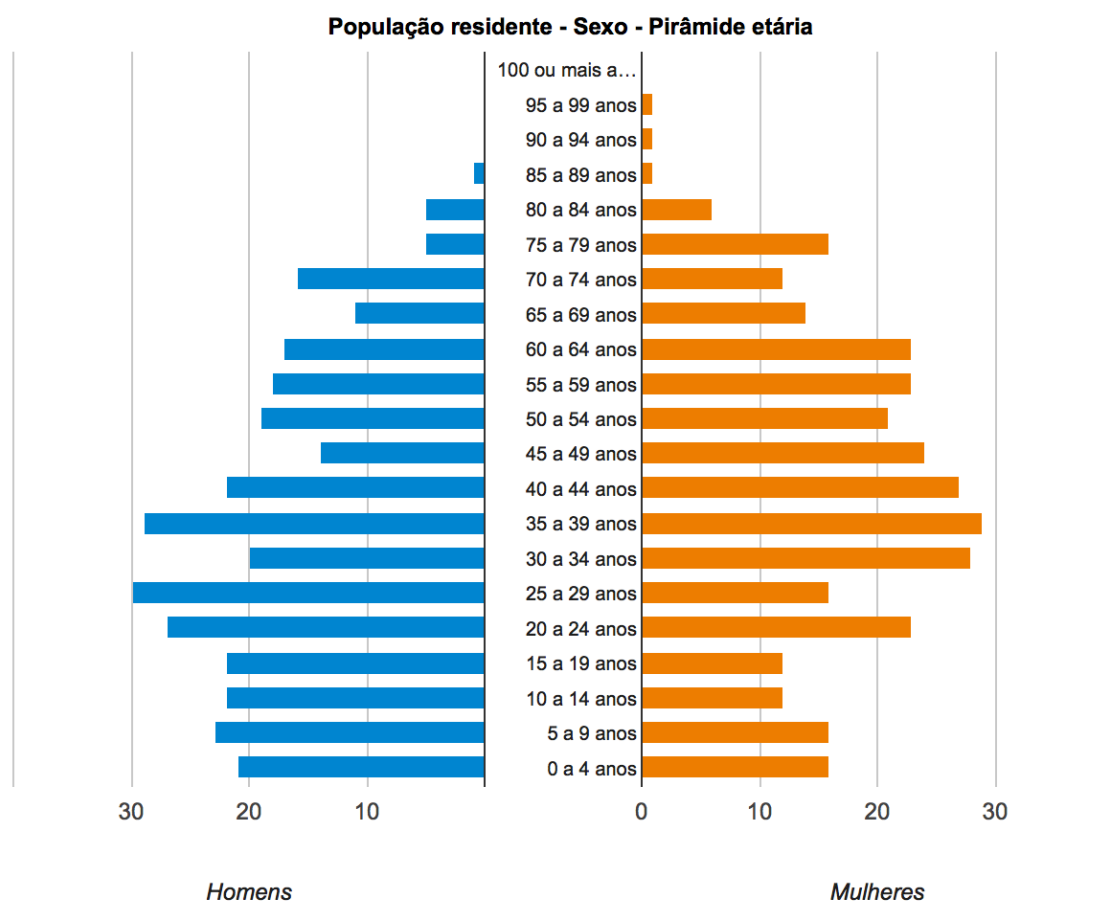


Grafico 2 – Pirâmide etária da população da Favela Nova Jaguaré.
Fonte: IBGE, Censo 2010

Das 43.254 pessoas no distrito do Jaguaré de 10 anos ou mais que tinham alguma renda mensal, 3.673 delas tinham de 10 a 14 anos, e 3.641 tinham de 15 a 19 anos¹¹. Isso indica a importância dos salários destes jovens para a renda familiar, e também para que eles mesmos não dependam de suas famílias. Em um total de 7.314 indivíduos na faixa dos 10 a 14 anos no distrito do Jaguaré, os meninos e meninas da favela Nova Jaguaré representam apenas 7,95% de jovens no distrito. Os jovens habitantes da favela são uma minoria em meio a jovens de famílias mais abastadas. Assim, percebe-se o impacto que isso tem na percepção dos jovens da favela, já que se encontram rodeados de pessoas que possuem uma condição social superior a deles, fazendo com que se sintam inferiorizados. Daí também a necessidade dos jovens que chegam ao Instituto Reciclar em provar que não são como os outros jovens da favela, já que são capazes de se destacar na escola, e no trabalho realizado na ONG.

¹¹ Fonte: IBGE – Censo de 2010.

2.3 As raças e rendas do distrito do Jaguaré

No distrito do Jaguaré em 2010, 28.720 pessoas se consideravam brancas, 2.480 se consideravam pretas, 1.766 se consideravam amarelas, 13.586 se consideravam pardas, e 90 se consideravam indígenas¹². Destas, 2.932 não eram alfabetizadas. A tabela abaixo mostra como se distribuíam estas pessoas por raça.

Tabela 3 – Pessoas de 5 anos ou mais de idade, não alfabetizadas, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio e a idade, no ano de 2010.

Cor ou raça	
Branca	1281
Preta	211
Amarela	33
Parda	1400
Indígena	7
Sem declaração	-

Fonte: IBGE – Censo de 2010

Se escolhermos a variável da raça, vemos que neste mesmo ano, a média de rendimento mensal de um branco era de R\$2.428,57, enquanto a de um negro era de R\$1.256,32 e a de um pardo, de R\$1.171,68. A maioria dos jovens que entrevistei e vi na Reciclar eram pardos e negros. Pode-se dizer, portanto, que estes jovens se encontram em desvantagem em relação a outros jovens brancos. Esta desvantagem vem, certamente, de um fator histórico que ocorre em toda a população brasileira, em que negros e pardos sempre foram colocados em situação de marginalidade, exploração, e com menor acesso à boas condições de vida em geral.

¹² Fonte: IBGE – Censo de 2010.

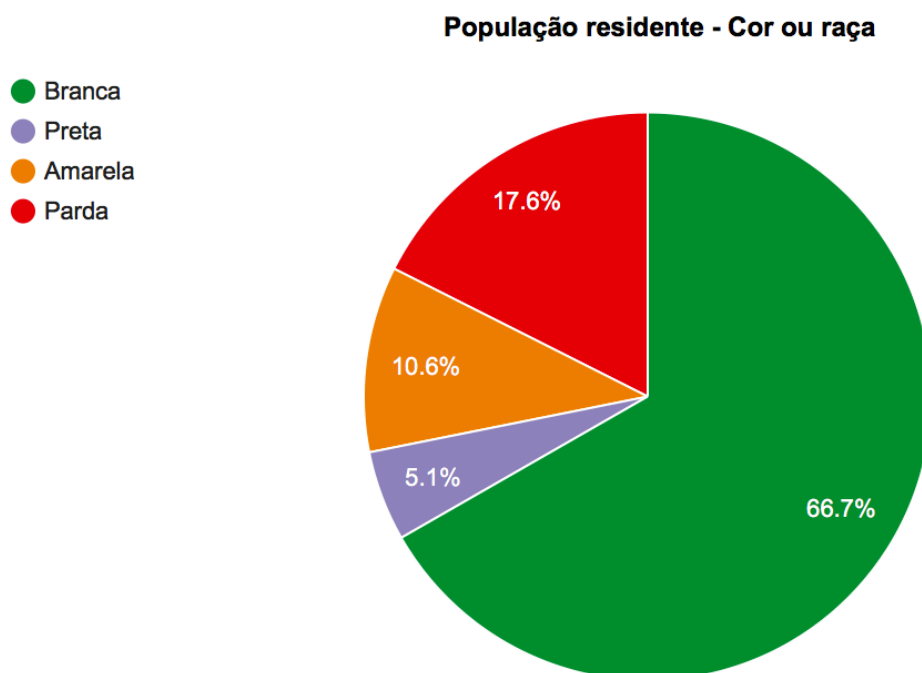


Gráfico 3 – População residente na Favela Nova Jaguaré dividida por raça
 Fonte: IBGE – Censo de 2010

Tabela 4 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, total e com rendimento, e a cor ou raça, no ano de 2010, selecionando apenas as três raças mais frequentes no distrito do Jaguaré.

Cor ou raça	
Branca	2428,57
Preta	1256,32
Parda	1171,68

Fonte: IBGE – Censo de 2010.

Em 2010, havia 41.437 pessoas alfabetizadas no distrito do Jaguaré, considerando todas as rendas. No entanto, já que todos os jovens da Reciclar entrevistados disseram que suas rendas familiares eram de 2 a 3 ou de 3 a 6 salários mínimos, considerei a renda nominal mensal de 1 a 3 salários mínimos, que em 2010, era equivalente a R\$510,00. No distrito do Jaguaré, havia 9.197 pessoas alfabetizadas e que ganhavam de 1 a 2 salários mínimos, e apenas 3.746 alfabetizados que ganhavam de 2 a 3 salários mínimos.

Tabela 5 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, alfabetizadas no Brasil e no Distrito do Jaguaré, e as alfabetizadas com renda de 1 a 3 salários mínimos no Distrito do Jaguaré, no ano de 2010.

Brasil e Distrito	
Brasil	147.385.581
Distrito total	41.437
Distrito de 1 a 3 salários mínimos	12.943

Fonte: IBGE – Censo de 2010

2.4 O Instituto Reciclar no distrito do Jaguaré

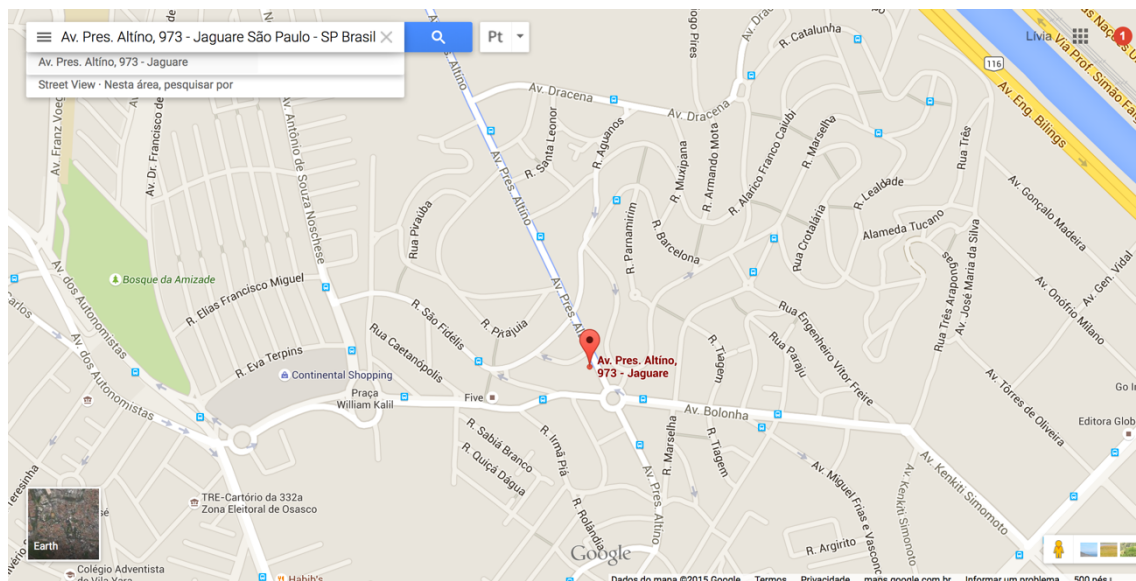


Imagem 6 – Localização do Instituto Reciclar no distrito do Jaguaré
Fonte: Google Maps



Imagem 7 – Localização da Favela Nova Jaguaré no distrito do Jaguaré
Fonte: IBGE

O Instituto Reciclar tem sua sede localizada na Avenida Presidente Altino, uma das principais do distrito do Jaguaré. Esta avenida é paralela ao Rio Pinheiros e à Avenida das Nações Unidas, uma das avenidas que formam o conjunto de avenidas que ficou conhecido como Marginal Pinheiros, uma via expressa para automóveis e caminhões que liga a Zona Sul a Zona Oeste da cidade. Outras avenidas importantes na região são a Avenida Bolonha e a Avenida Jaguaré.

A cerca de 1 quilômetro a oeste da sede, há o shopping Continental e a cerca de 2 quilômetros ao sudeste da sede está localizada a Universidade de São Paulo, de onde provém a maior parte dos professores que dão as aulas na ONG.

Em frente à organização, há um ponto de ônibus, e a avenida Jaguaré é bastante movimentada, com intenso tráfego de veículos. A aproximadamente 100 metros da sede há uma praça chamada Henrique Dumont Vilarés. Ao redor da praça há diversas lojas, uma farmácia, banca de jornal e outros serviços.

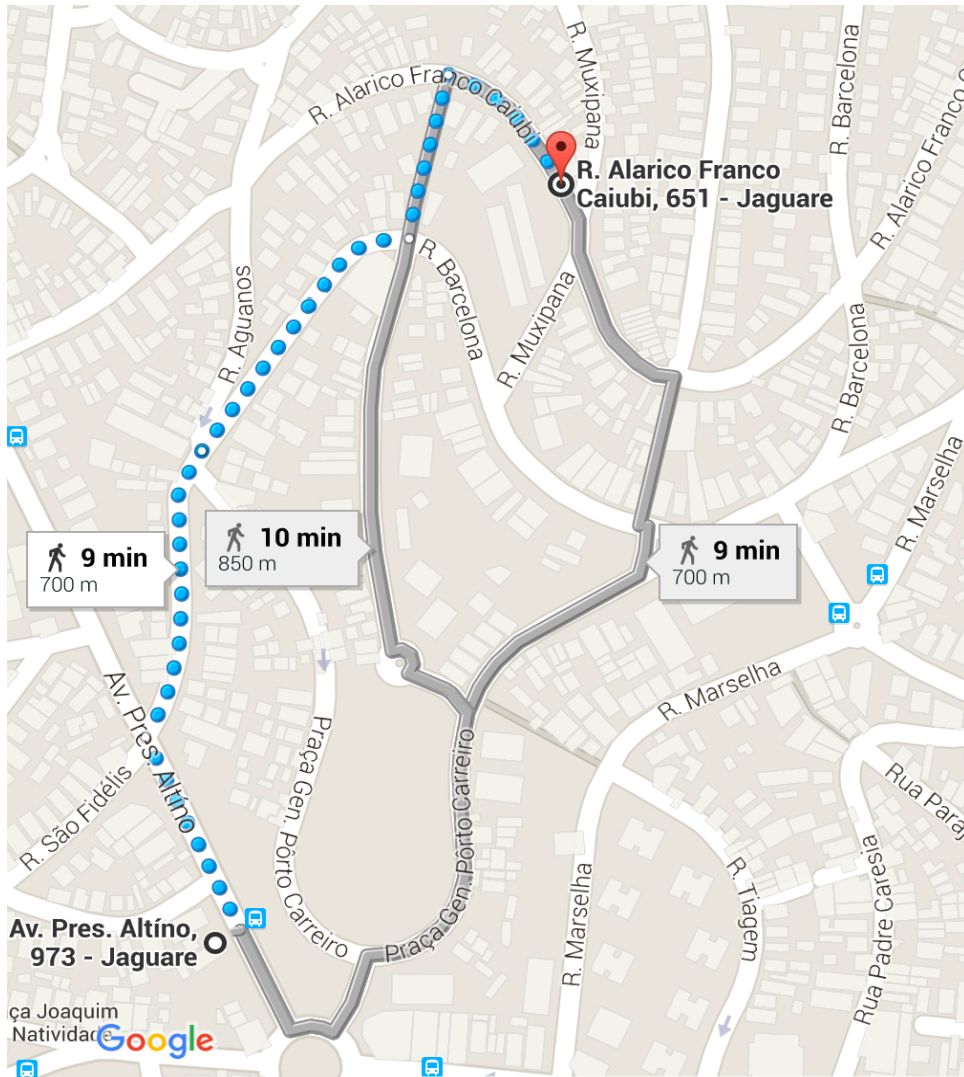


Imagem 10 – Localização da Escola Estadual Maria Eugênia Martins
Fonte: Google Maps

2.5 A seleção dos jovens

Primeiramente, são selecionadas as escolas, como explica a coordenadora pedagógica:

Tem que ser da região, mas aí depende, por exemplo, do período que ela oferece o ensino pra esses jovens. Se eu tenho um jovem do primeiro ano aqui à tarde, eu preciso ver uma escola da região que tenha o ensino de manhã. Pra ele ir pra escola de manhã e vir pra cá à tarde. Mas normalmente são escolas estaduais.¹³

Portanto, o horário das aulas e a proximidade com a sede da ONG, que está no bairro do Jaguaré, são os fatores mais importantes para esta escolha das escolas.

¹³ Trecho retirado de entrevista realizada com M.E., coordenadora pedagógica do Instituto Reciclar no dia 03/05/15.

A proveniência dos jovens que trabalham e são atendidos pela ONG é, principalmente, da Escola Estadual Deputado Augusto do Amaral, localizada no mesmo distrito. A própria escola pré-seleciona os melhores estudantes – melhores notas, frequência e comportamento – para encaminhar à ONG. Há, com menor frequência, jovens de outras escolas, mas todas do distrito do Jaguaré.

A cada início de ano letivo nas escolas, o Instituto Reciclar entra em contato com a diretoria, para divulgar a abertura de novas vagas de trabalho. No entanto, apenas os alunos selecionados pela diretoria, por critério de notas e frequência nas aulas, têm acesso a uma conversa com alguns funcionários da organização que visitam a escola, e posteriormente, a fazer uma entrevista na ONG. Quando vão até a sede da organização, os jovens são questionados sobre a renda de suas famílias, o que fazem em seus horários livres, e o que pretendem fazer com o salário que lhes será dado pelo trabalho realizado na oficina de reciclagem. O objetivo é selecionar jovens que já estejam preparados para o mundo do trabalho e evitar os que pareçam irresponsáveis.

A coordenadora também diz que não precisam se preocupar muito com a divulgação da Reciclar, pois já estão no bairro há 20 anos, e a maioria dos jovens já os conhece. Banners são colocados nas escolas, mas, em geral, há muitos que chegam à organização porque conhecem alguém, um familiar ou amigo, que já frequentou o instituto.

Raramente é possível que aceitem também que os jovens se dirijam diretamente à ONG para conseguir uma vaga, sem o intermédio da escola. Tal prática não é incentivada. Os meninos e meninas são orientados a procurar a diretoria da escola, para que não entrem na frente dos alunos que já foram selecionados pela escola. Diz a coordenadora que: “Quem vem de fora, meio que fura a fila, então a escola às vezes manda a quantidade que a gente precisa e se chega alguém por fora, dessa escola, o que está na fila de espera se sente meio que ficou *pra* trás, que alguém passou na frente. Às vezes acontece assim, a gente não conseguiu fechar a turma com a quantidade de alunos que a escola mandou, aí a gente busca naquelas fichas de quem veio por fora (...). Às vezes aquele que veio por conta própria, não foi indicado pela escola tem nota boa, *tá* dentro dos critérios mas a diretora às vezes acaba não escolhendo.”. Existe, portanto, uma grande preocupação por parte da ONG de que estes jovens se adaptem aos critérios de boas notas e alta frequência na escola, pois isso demonstra que são disciplinados. E o número de indivíduos que serão recrutados é delimitado pela quantidade de pessoas que a própria organização precisa para realizar a produção de papel reciclado.

O Instituto Reciclar não seleciona jovens que precisem ser disciplinados, mas, ao contrário, aqueles que são responsáveis tanto na escola como para o mundo do trabalho, cientes

de suas obrigações e aptos a ajudarem suas famílias. Segundo a coordenadora M.E., a ONG não tem objetivo recuperar jovens, e sim ajudá-los a acessar o mundo normativo através de um pacto tácito: “Então a gente não trabalha com a recuperação, e sim com a prevenção. Então é o jovem que a gente chama de potencial invisível, então é o jovem que mora na comunidade, vem de um ciclo vicioso de baixa escolaridade dos pais, emprego precário ou subemprego E o jovem vem pra cá já sabendo disso. “Olha aqui você vai ter todas as oportunidades *pra* você desenvolver o seu projeto de vida. Então se é o que você quer, a gente está disposto a ajudar”.¹⁴ O que M.E. chama de “potencial invisível” são os jovens que já são preparados para aguentar a rotina de trabalho na organização, que exige disciplina, ou seja, já são aptos a realizar as atividades que o resto da sociedade julga que eles não tem capacidade para fazer, mas que parece invisível para esta sociedade, por estar escondido atrás da imagem de jovem da favela que não passa de um coitado ou de um marginal. São, na verdade, jovens com total capacidade de trabalho e de criar projetos de vida, sonhos para o futuro, como jovens de classe média.

Não há outras etapas no processo seletivo que recruta os jovens para a ONG, mas existe a possibilidade de selecionarem rapazes e garotas que ainda não completaram 16 anos, que é a idade mínima para que possam ser registrados de acordo com as leis trabalhistas brasileiras. Quando a equipe do Instituto Reciclar identifica um jovem que tem potencial, ou seja, que atende os critérios de boas notas e frequência na escola, além de já ser disciplinado e estar disposto a trabalhar arduamente para ganhar sua chancela, a ONG oferece ao jovem a oportunidade de assistir às aulas por ela oferecidas para que quando complete 16 anos, passe a trabalhar na oficina de reciclagem de papel. Dito de outra forma, a sala de aula funciona como uma espécie de reserva daqueles jovens com potencial, mas que ainda não completaram a idade necessária para trabalhar na oficina de reciclagem.

Obtive a importante informação de J., o gerente de vendas, de que o objetivo, a missão do Instituto Reciclar, era a educação pelo trabalho. J. informou que a ONG também quer dar educação financeira aos jovens, fazer discussões sobre consumo consciente e mostrar como aplicar responsabilmente o salário que ganham¹⁵.

Essa fala é recorrente no discurso da ONG que se considera como aquele que transforma jovens pouco responsáveis em adultos sensatos, maduros e ajuizados, algo que não poderia ser sem a sua ajuda. O que a ONG omite é que os jovens por ela selecionados já são maduros e sensatos, pois são selecionados exatamente aqueles que já dizem querer ajudar suas famílias financeiramente e que são capazes de cumprir ordens e horários. O jovem E.C.S.S., de 19 anos

¹⁴ Entrevista com M.E., a coordenadora pedagógica, realizada em 3 de maio de 2015.

¹⁵ Na época da pesquisa, o salário era equivalente a um salário mínimo paulista, de R\$ 810,00 reais.

explica que cumpre horários e direções ao longo de todo o dia: “(...) eu chego, a gente pode tomar café, aí eu chego, a gente oito horas vai *pra* produção, faz um exercício de cinco minutos, só pra alongar, pra não ter nenhum problema durante a manhã. Então, vai depender da onde eu for escalado. Se eu for escalado *pra* ficar na bandeja, aí eu fico uma hora na bandeja, e a gente vai trocando. E pessoal quando não *tá* lá, vai verificando, vai fazendo outra coisa que ajuda. Ninguém fica parado”. Ele conta sobre esta rotina sem se opor ou reclamar no nível de exigências.

É o processo de recrutamento que evidencia o papel que a ONG tem para os jovens. Pois se já são selecionados os jovens conforme os critérios do mundo normativo – seja da escola, seja do trabalho – qual então seria a função da ONG? Tratarei de responder essa questão no próximo capítulo.

CAPÍTULO III – A RECICLAR COMO TÁTICA

Para esclarecer a importância do Instituto Reciclar na vida dos jovens que frequentam a ONG é essencial conhecer como é o seu cotidiano. Estes rapazes e garotas, que passam muitas horas dentro da sede da organização, realizam as seguintes atividades: no período da manhã, reuniões no formato de discussões participativas sobre valores e competências e o trabalho na oficina de reciclagem de papel; à tarde, os jovens têm aulas de matemática, português, computação e artes. A ONG não quer que estas aulas tenham caráter de “reforço escolar”, mas que sejam um conhecimento para a vida prática. Porém, nem sempre este objetivo é alcançado. A defasagem entre o que os meninos e meninas demonstram saber durante as aulas e o que deveriam saber considerando a idade que têm é grande. Há ainda, aos finais de semana, visitas externas a museus e exposições. Muitas vezes, aos domingos, há atividades recreativas com as mães dos jovens no próprio Instituto Reciclar.

Os jovens são recrutados para o projeto a partir dos 16 anos. Mas há alguns que já o são desde os 14 ou 15 anos. Mas como a legislação não permite que eles trabalhem, se já se mostram interessados e se enquadram no perfil que a o Instituto procura, os cursos por ele oferecidos são uma forma de mantê-los ligados à organização, uma espécie de sala de espera para a oficina de reciclagem.

No ano de 2015, o Instituto Reciclar completa 20 anos de existência e para comemorar esta ocasião, o *site* oficial da organização foi completamente reformulado. Além disso, um relatório finalizado no ano de 2014 foi publicado para que o trabalho, a metodologia e os resultados dos projetos da ONG fossem conhecidos. Na sessão do *site* denominada “Perfil”, pode-se ler o seguinte texto¹⁶:

Nesses 20 anos de atividades, mais de 600 jovens, vindos de um cenário de vulnerabilidade e risco social, encontraram no Instituto Reciclar uma opção para sair da ‘invisibilidade’, quebrar o ciclo de baixa educação – subemprego – falta de oportunidade em que estavam envolvidos e escolher novos caminhos para suas vidas. Desse total, cerca de 85% estão ativos no mercado de trabalho, em diversas profissões, inclusive ocupando posições de destaque em grandes empresas.¹⁷

A vulnerabilidade social se refere à ausência ou à insuficiência de alguns ativos, recursos ou estruturas, como fluxo de renda; condições adequadas de moradia; acesso a serviços de educação; empregabilidade, entre outros¹⁸. E de fato, a população que é afetada direta ou

¹⁶ Site acessado em 08/10/2015, após as modificações lançadas na ocasião da comemoração de 20 anos do Instituto Reciclar.

¹⁷ Site do Instituto Reciclar. (www.reciclar.org.br)

¹⁸ Fonte: Índice de Vulnerabilidade Juvenil, maio de 2007. SEADE.

indiretamente pelo trabalho do Instituto Reciclar encontra-se em estado de vulnerabilidade social. As famílias dos jovens que trabalham na organização têm uma renda mensal de, no máximo, 6 salários mínimos, moram em casas humildes, e fazem parte de uma população marginalizada política, econômica e culturalmente. No entanto, os indivíduos escolhidos são os menos vulneráveis que a ONG encontra, pois são aqueles que são selecionados pela escola por já terem condições de ir à escola regularmente, e que apresentam boas notas. Isso demonstra que estes jovens possuem, ao menos, familiares que os apoiam e com estabilidade financeira relativamente boa.

Pode-se perceber neste pronunciamento que o Instituto Reciclar se preocupa em mostrar que utiliza a educação como meio para transformar a vida dos jovens que atendem, assim como a habilidade que têm em retirar os jovens do subemprego, e que isso os retiraria também da invisibilidade. Ou seja, que a educação permite que alcancem empregos melhores e que isso os tornaria dignos de valorização na sociedade. Estes são valores da ONG em que os jovens creem, assim como suas famílias, e a maior parte das pessoas, de todos os grupos sociais.

3.1 Quem são estes jovens

A tabela a seguir apresenta os 12 jovens entrevistados na sede do Instituto Reciclar, que trabalham na ONG, e seus dados morfológicos. Destes jovens, 8 (66,6%) tem 19 anos, 2 (16,6%) tem 18 anos, 1 (8,3%) tem 17 e outro (8,3%) tem 20 anos de idade. Absolutamente todos habitam o distrito do Jaguaré, e apresentam uma baixa renda familiar. 75% deles, ou 9 dos meninos e meninas fazem parte de famílias que recebem, mensalmente, de 2 a 3 salários mínimos. E os outros 3, ou 25%, têm, em família, uma renda mensal total de 3 a 6 salários mínimos.

Tabela 6 – Dados morfológicos dos jovens

Nome	Data de Nascimento-idade	Distrito em que habita	Renda Familiar
Denise Agustino da Silva	17/03/1996 - 19 anos	Jaguapé	De 2 a 3 salários mínimos
Taisa Bezerra da Silva	12/05/1996 - 19 anos	Jaguapé	De 2 a 3 salários mínimos
Paloma dos Santos	17/12/1995 - 19 anos	Jaguapé	De 2 a 3 salários mínimos
Kauane Carolina de Lima	01/04/1997 - 18 anos	Jaguapé	De 2 a 3 salários mínimos
Ivaneide Marques da Silva	21/07/1996 - 19 anos	Jaguapé	De 2 a 3 salários mínimos
Edilson de Lima Costa	26/08/1996 - 18 anos	Jaguapé	De 2 a 3 salários mínimos
Ederson Caio dos Santos Sousa	14/07/1995 - 20 anos	Jaguapé	De 2 a 3 salários mínimos
Bruno Jesus dos Santos	03/01/1998 - 17 anos	Jaguapé	De 3 a 6 salários mínimos
Thays dos Santos Silva	19/10/1997 - 19 anos	Jaguapé	De 2 a 3 salários mínimos
Edilson Ferreira Lajes Junior	08/09/1997 - 19 anos	Jaguapé	De 3 a 6 salários mínimos
Karina da Costa Silva	07/01/1997 - 19 anos	Jaguapé	De 3 a 6 salários mínimos
Taciane Christie Mota de Jesus	15/02/1997 - 19 anos	Jaguapé	De 2 a 3 salários mínimos

Fonte: Dados recolhidos em entrevistas com os jovens pela autora.

Quanto à escolaridade dos jovens, a maioria já tinha terminado os estudos no Ensino Médio, e estava escolhendo qual carreira gostaria de seguir. 8 jovens, ou 66,6% deles, se encontravam neste período de decisão e já pensavam nas Universidades que almejavam adentrar. Outros 3 jovens, ou 25% deles ainda terminavam os estudos escolares, e disseram estar cursando o último ano do Ensino Médio. E apenas uma jovem (8,3%) já estava na faculdade.

Tabela 7 – Grau de escolaridade dos jovens

Nome	Grau de escolaridade
Denise Agustino da Silva	Ensino superior incompleto
Taisa Bezerra da Silva	Ensino médio completo
Paloma dos Santos	Ensino médio completo
Kauane Carolina de Lima	Ensino médio completo
Ivaneide Marques da Silva	Ensino médio completo
Edilson de Lima Costa	Ensino médio completo
Ederson Caio dos Santos Sousa	Ensino médio completo
Bruno Jesus dos Santos	Ensino médio incompleto
Thays dos Santos Silva	Ensino médio incompleto
Edilson Ferreira Lajes Junior	Ensino médio incompleto
Taciane Christie Mota de Jesus	Ensino médio completo
Karina da Costa Silva	Ensino médio completo

Fonte: Dados recolhidos em entrevistas com os jovens pela autora.

Quando atingem a idade de 16 anos, os jovens trabalham pela manhã e têm aulas à tarde. Todos, absolutamente, têm de estar matriculados em alguma escola, já que o primeiro critério para ser escolhido e mantido nas atividades do Instituto Reciclar, como dito anteriormente, é

ter boas notas e frequência na escola. Para se manterem na ONG, todos os alunos têm de apresentar seus boletins e ter média mínima de 6,0. A idade máxima de permanência dos jovens no Instituto é de 20 anos, quando então têm que deixar a ONG.

O perfil de jovens que a organização busca é de garotas e rapazes que se destaquem em relação a seus colegas na escola e tenham vontade de mostrar para si mesmos, suas famílias e amigos que são capazes de se manter na escola, conseguir bons trabalhos, ascendendo socialmente e com prestígio, montando uma estória de superação apesar das dificuldades geradas pela origem humilde. São jovens que se mostrem determinados e dispostos a conhecer e obedecer às regras da ONG e de trabalhar arduamente em troca de reconhecimento e exposição às oportunidades.

Ou seja, devem demonstrar que são jovens responsáveis. Isso se evidencia no questionamento que os coordenadores fazem no momento da seleção: os jovens que confirmam que o salário recebido na ONG será destinado à sua família tem precedência àqueles que respondem que vão destiná-lo ao lazer ou para o consumo de bens destinados a eles próprios. A jovem I.M.S., de 19 anos, conta como divide o salário que ganha na organização: “Eu ajudo em casa, guardo e pago as minhas despesas que eu tenho. (...) O dinheiro *tá* pouco. Mas sempre deu *pra* ajudar bastante com o salário”¹⁹.

A questão da maneira como empregam o salário foi confirmada pelos jovens quando da minha entrevista. Todos eles responderam que reservavam uma parte da quantia para guardar ou ajudar a família, e outra parte para comprar roupas, comida e para sair, nos finais de semana, com os amigos. Também mostraram preocupação com a estabilidade familiar. A jovem T. relatou que está guardando dinheiro para comprar uma casa, mas que ainda ajuda a cuidar de uma irmã, e, portanto, metade do dinheiro é utilizada para suprir os gastos das duas. T. ainda trabalha na pizzaria de um familiar nos finais de semana. Este é um dos pré-requisitos para que os jovens sejam aceitos no Instituto Reciclar. Eles devem mostrar que são responsáveis e repartir os gastos familiares com seus pais. Jovens que não parecem interessados em ajudar suas famílias, ou pelo menos “tirar o peso”, arcando com seus gastos pessoais e de formação, tem menos chances de serem aceitos na organização.

O jovem E., de 18 anos, contou²⁰ que utiliza todo o seu salário para pagar suas contas, e que no momento, não está conseguindo guardar nenhuma quantia. Ele disse que contraiu dívidas durante as férias, quando viajou para o Pernambuco para visitar familiares. Além disso, ele paga o curso de inglês que está fazendo. E. mostra uma preocupação com o futuro e com o

¹⁹ Em entrevista realizada em 04/04/2015

²⁰ Em entrevista realizada no dia 26/03/2015

mercado de trabalho ao se matricular em um curso particular de língua inglesa, que é muito valorizado em qualquer empresa atualmente. E. também mencionou planejar montar seu próprio negócio. O empreendedorismo também é valorizado na ONG e incentivado durante palestras e conversas com os coordenadores.

Já T. de 19 anos, disse que ajuda seus pais a sustentar a casa. Ela estudou em uma faculdade particular, que ela pagava sozinha. No entanto, decidiu mudar para um curso técnico mais barato, e agora, pode ajudar a pagar as compras de supermercado, e tem a responsabilidade de pagar a conta de água. É evidente que para a maioria dos jovens da ONG, o salário que recebem auxilia a renda familiar, ou ao menos, permite que os jovens paguem por suas atividades extracurriculares, e ainda, lhes permite fazer pequenos investimentos. Isso demonstra seu senso de responsabilidade para com suas famílias, mas também a preocupação com seus futuros, principalmente no que trata a conseguir bons empregos.

O objetivo da organização de apenas contratar jovens responsáveis e preocupados com seus futuros e com as finanças da família é provada pelos exemplos dados pela coordenadora pedagógica quando trata sobre os jovens que selecionam para trabalhar na ONG: “A gente acaba sentindo ali [nas entrevistas], na verdade, o interesse, o quanto ele está empenhado. Você sente de uma entrevista *pra* outra, como já teve jovem de falar assim ‘Ah, porque você quer trabalhar?’, ‘Porque eu moro com a minha mãe, e meu irmão, o meu irmão tá saindo de casa porque vai casar’, a mãe é diarista, e ele sente que não pode deixar a mãe assumir a casa sozinha. Então você percebe o quanto é importante essa renda. ‘Eu quero estudar, quero fazer faculdade, e eu quero crescer porque eu quero ajudar a minha família’. Então você sente, realmente, que o projeto pode contribuir dentro da formação pessoal, educacional e para o mercado. Então é um jovem mais completo, porque você sente esse interesse. Aí chega o jovem que fala que quer trabalhar porque quer ter dinheiro. Então quem você vai selecionar? Aquele que tem uma visão de projeto de vida ou aquele que só quer ter dinheiro? Então, às vezes, a gente tem que ser um pouco mais criterioso”.²¹

3.2 A porta de entrada para a sociedade inclusiva

Os rapazes e garotas que escolhem participar da ONG consideram que precisam do Instituto Reciclar para serem reconhecidos pela sociedade inclusiva. Afinal, quando terminam

²¹ Em entrevista realizada no dia 26/03/2015.

seu tempo de trabalho na organização, os jovens se sentem mais seguros para se apresentar no mercado de trabalho, dando início, assim, a uma carreira profissional. Isso pode ser explicado pela intenção de superar a condição de subemprego de suas famílias de origem.

A ONG tanto proporciona efetivamente uma educação para o trabalho, ao exigir que cumpram a disciplina exigida em qualquer situação de emprego, como oferecem uma porta de entrada para o mercado de trabalho, um “certificado” de bom comportamento, avalizando que são aptos para o trabalho e favorecendo a sua aceitação pela sociedade inclusiva.

Os dados de escolaridade são significativos, pois comprovam que os jovens recrutados estão entre os melhores dentre os seus iguais. Embora os 12 rapazes e garotas com quem conversei, sendo 8 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, tenham relatado que seus pais e mães não tinham estudado por muitos anos, os dados colhidos evidenciam que 50% dos pais destes jovens terminaram o Ensino Médio; 16,7% tinham o Ensino Fundamental completo. Entre as mães, 58,3% tinha o Ensino Médio completo e 25% tinha o Ensino Fundamental completo. É verdade que há ainda 25% dos pais com Ensino Fundamental incompleto e 8,3% de mães nas mesmas condições. Uma das mães chegou a completar o Ensino Médio na idade adulta por meio de curso supletivo. Assim como 8,3% de pais nunca chegaram a frequentar a escola regularmente. A tabela e o gráfico abaixo demonstram a escolaridade do pai e da mãe de cada um dos jovens entrevistados²².

²² Entrevistas realizadas em 26/03/2015 na sede do Instituto Reciclar.

Tabela 8 – A escolaridade dos pais dos jovens

ESCOLARIDADE PAI		
Não frequentou a escola	1	8,3%
Ensino fundamental incompleto	3	25,00%
Ensino fundamental completo	2	16,67%
Ensino médio completo	6	50,00%
TOTAL	12	100%

ESCOLARIDADE MÃE		
Não frequentou a escola	1	8,33%
Ensino fundamental incompleto	1	8,33%
Ensino fundamental completo	3	25,00%
Ensino médio completo	7	58,33%
TOTAL	12	100%

Fonte: Dados elaborado pela autora com base nas entrevistas realizadas com os jovens

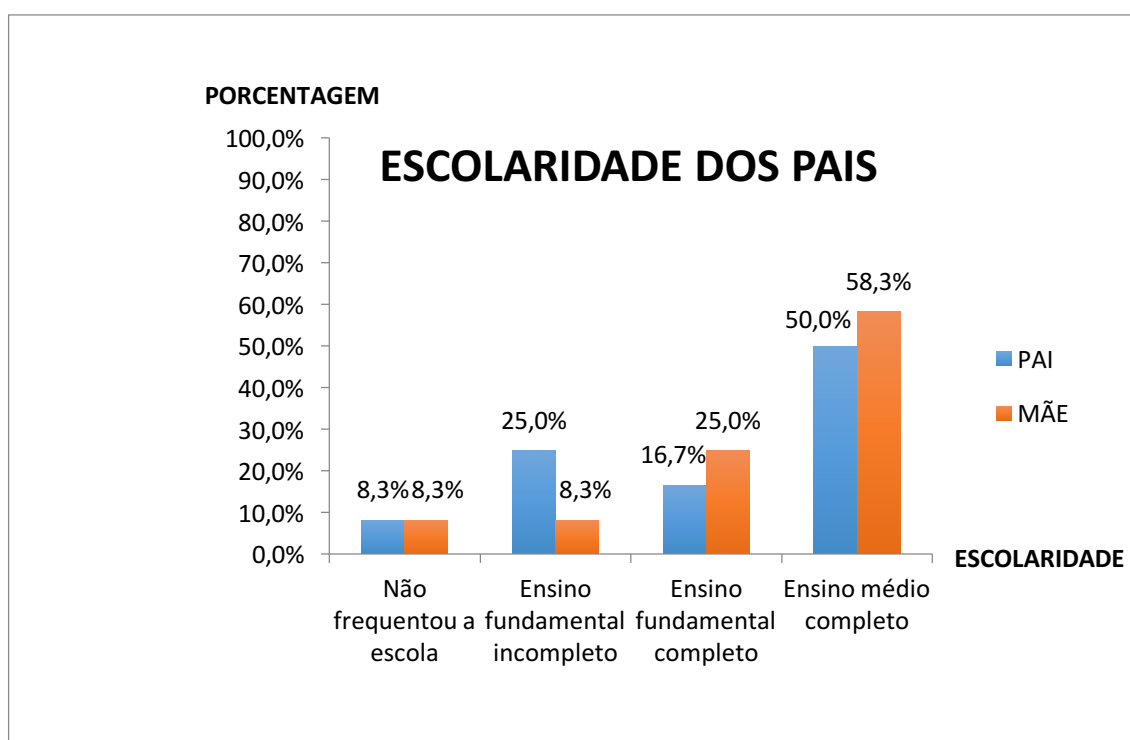


Gráfico 4 – A Escolaridade dos pais dos jovens

Fonte: Dados elaborado pela autora com base nas entrevistas realizadas com os jovens

Uma maior escolaridade apresentada pelos pais, no entanto, não foi suficiente para que vencessem o estigma proporcionado pela condição de origem: 100% das famílias vivem na favela Nova Jaguaré. Isso pode ter sido um dos motivos que os levasse a ter empregos com baixa remuneração, de pequeno *status*. Os jovens, no entanto, querem chegar mais longe, querem superar o estigma que sabem sofrer por parte da sociedade inclusiva, em função da sua

condição de origem. Esperam ver a família ascender por meio deles, querem superar seus pais, indo além do ensino médio, almejam uma faculdade. A jovem K.C.S., de 19 anos, conta como utiliza sua renda: “Guardo um pouco pra mim, pra comprar livros, e a outra metade eu pago a faculdade. Aí eu pago a metade e meus pais pagam outra”.

Todos os rapazes e garotas que entrevistei dizem que o dinheiro proveniente do salário que recebem já é de grande ajuda e alivia os gastos mensais. K. está cursando Direito e disse que, com seu salário, ajuda os pais a pagar sua faculdade, mas infelizmente, não sobra dinheiro suficiente para comprar todos os livros, que custam em média, de R\$100,00 a R\$150,00.²³

3.2.1 Na sala de aula

O Instituto Reciclar faz questão de dizer que valoriza o estudo. Desde minha primeira visita à organização, esta informação ficou clara. O gerente de vendas J. me disse que um dos objetivos dos coordenadores da ONG é fazer com que os jovens valorizem o estudo.

Na tentativa de compreender melhor a proposta das aulas oferecidas na organização, questionei para T., a garota que trabalha como auxiliar na cozinha, sobre como eram as aulas, obtive uma resposta também similar a dos outros rapazes e garotas: “É um complemento. A maioria das vezes bate o que a gente tá vendo aqui com o que a gente aprende na escola. Mas eles fazem de tudo pra não parecer que é a escola, pra não ficar muito repetitivo pra gente”. Este comentário da jovem evidencia que as aulas dadas são, de fato, um reforço. Isto se dá não só por causa da defasagem dos alunos, mas também porque criar conteúdo de ensino não é a prioridade da organização, e sim disciplinar os jovens para o trabalho na oficina de reciclagem.

Apesar disso, todos os jovens concordaram em dizer que as aulas eram mais interessantes do que as da escola de origem, pelo seu conteúdo mais pragmático. A jovem T.B.S., de 19 anos, conta o que: gostou “muito das aulas, elas são interessantes, e eles passam coisas diferentes da escola, até coisa assim, eu gosto bastante de matemática, eles passam matemática financeira”²⁴. E o jovem E.L.C., de 18 anos afirma que “[as aulas são] um pouco diferentes, complementava as aulas da escola”²⁵.

O jovem E.C.S.S. confirma o que seus colegas disseram: “Eu era bom na escola, mas só que eu fiquei melhor ainda, principalmente em matemática. (...) quando eu cheguei aqui,

²³ Entrevista realizada em 26/03/2015

²⁴ *Idem*

²⁵ *Idem*

comecei a fazer perguntas *pro* professor, a trazer coisas da escola pra cá pra ele me ajudar. E eu melhorei bastante”²⁶. Pode-se inferir, assim, que as aulas na ONG são importantes, mas como acréscimo ao bom desempenho que o estudante já tinha antes.

A jovem D.A.S., que coordena a linha de produção, e portanto, é uma das que mais se destaca dentro da organização, me relatou que está na faculdade, estudando Recursos Humanos e que gosta de aplicar exercícios ao grupo de jovens que coordena, e também de conversar com eles individualmente para identificar como deixá-los mais motivados, e mais próximos de alcançar seus objetivos pessoais. Esta jovem é excelente em seus estudos e atende perfeitamente o perfil de jovens recrutado pela ONG. D.A.S. chega a ir tão bem que recebeu a permissão de utilizar os conhecimentos recebidos na faculdade para treinar melhor os seus colegas da ONG.

O fato de estes jovens já terem um bom desempenho escolar, não apenas com boas notas, mas também sendo capazes de aproveitar as aulas oferecidas na ONG, mostra que, além de responsáveis, estes rapazes e garotas talvez não precisassem dessas aulas. O que pareceu evidente é que a sala de aula do Instituto Reciclar tem uma outra função, que não exatamente o reforço escolar ou o ensino para a vida prática, ainda que também.

As aulas no Instituto Reciclar funcionam, sobretudo, como uma sala de espera para os meninos e meninas mais jovens que buscam a ONG quando ainda não tem 16 anos e que, por isso, não podem ser introduzidos na oficina de reciclagem para trabalhar. Como a organização reconhece neles o potencial para fazer parte da equipe, e não querem que este jovem perca o interesse na ONG, a sala de aula serve para mantê-los ligados à organização até que atinjam a idade mínima necessária para o trabalho. Quando já são mais velhos e podem trabalhar, a sala de aula passa a ser apenas um reforço para suas aulas nas escolas de origem. Ou ainda, um meio pelo qual os professores podem disciplinar os jovens de maneira a moldá-los para o perfil desejado ao bom andamento do trabalho na oficina.

Percebe-se que, por mais que o comportamento em sala de aula seja levado em conta, já que existe a preocupação com o respeito ao professor, o principal critério segue sendo a oficina, pois se o jovem não consegue trabalhar em grupo, ele não poderá ser um bom funcionário na oficina. E por mais que exista um psicólogo na organização, os problemas de agressividade ou outros de caráter emocional e psicológico não são tomados pela Reciclar como de sua responsabilidade. Novamente fica evidente que não há transformação feita nos jovens escolhidos, apenas um refinamento em jovens que já chegam preparados e dispostos a se adaptarem.

²⁶ Entrevista realizada em 26/03/2015.

R. M., de 27 anos, ensina matemática e xadrez para os jovens, e entrou no Instituto Reciclar no segundo semestre de 2013. Ele foi convidado por uma das coordenadoras do projeto, que também era sua colega, pois ambos estudam na Universidade de São Paulo. Ele dá aula para três turmas diferentes, por quatro dias na semana. As turmas, que recebem os nomes de alpha, beta, gama e delta, são separadas pelo critério de idade, e possuem de 15 a 25 alunos em cada uma. Porém, R. M. me contou²⁷ que deixou de dar aula para a sala delta, pois eles passaram a se dedicar mais à oficina de reciclagem. Tive a percepção, novamente, de que a oficina tem prioridade em relação às aulas. De que se as aulas forem atrapalhar o andamento da produtividade na oficina, as aulas é que serão cortadas, e não o contrário. Afinal, o trabalho na oficina é mais disciplinador, e é de onde saem os produtos que são vendidos e auxiliam na manutenção da organização.

Quando perguntei sobre a aceitação e participação dos alunos nas aulas, R. M. me disse que acha que o grupo é bastante heterogêneo. Alguns alunos se destacam mais que outros. Ele disse também que, por mais que a ONG não queira dar aulas de reforço, ele acaba tendo que passar exercícios mais simples para os alunos, pois muitos têm dificuldades com as quatro operações básicas da matemática, a soma, a subtração, a multiplicação e a divisão. O professor contou ter avaliado os alunos no início do semestre e que decidiu repetir algumas lições que eles já tinham tido na escola: “Questão até de bom senso, senão o cara acaba o Reciclar, e mesmo o Ensino Médio, sem saber o fundamental, sem saber dividir. É complicado”. No entanto, o professor demonstrava preocupação em relação à qualidade do ensino nas escolas estaduais que os jovens frequentam, e não com a capacidade destes meninos e meninas em aprender e melhorar ainda mais suas performances no colégio.

Quis saber do professor de matemática R. M., de 27 anos, se ele acreditava que os jovens recebiam algum tipo de impacto positivo ao participar do Instituto Reciclar. Ele afirmou que existe um amadurecimento que é visto claramente nos alunos que ele conheceu. Em seguida, o professor acrescentou uma informação importante: “Quando o aluno é meio irrecuperável, não tem como trabalhar com ele, ele é muito indisciplinado, ocorre o desligamento. É bem raro acontecer, mas acontece, pelo menos uma ou duas vezes por ano, no geral nas turmas mais novas, mas a galera com o tempo acaba colaborando mais”. A fala do professor corrobora para a visão de que a ONG seleciona e mantém apenas os jovens que não precisam de uma grande preparação para o mercado de trabalho, por já serem disciplinados.

²⁷ Entrevista realizada em 26/03/15.

3.3 A importância do primeiro emprego

Os jovens que buscam o Instituto Reciclar querem a mesma coisa: a chance do primeiro emprego. Claro que também possuem outros desejos, como desenvolver outras habilidades. Muitos apreciam o fato de se tornarem mais desenvoltos e menos tímidos durante o período em que passam pela ONG. Mas o que realmente os atrai é a oportunidade do primeiro emprego, que lhes parece tão difícil. Para jovens que habitam uma região empobrecida e marginalizada, conseguir o primeiro emprego representa mais do que apenas obter uma fonte de renda. Está diretamente ligado à dignidade, à luta contra o estigma e à baixa autoestima. T.C.M., de 18 anos, falou sobre suas expectativas em relação à ONG: “falaram que aqui era um lugar que dava oportunidade, e eu queria muito uma oportunidade né? Ainda mais pelo primeiro emprego”²⁸. É clara a ansiedade com que os jovens buscam o trabalho no Instituto Reciclar como uma forma de adquirir experiência profissional.

A jovem K.C.L., de 18 anos, expressou suas expectativas ao entrar para o Instituto Reciclar: “novas oportunidades, porque, quando me indicaram aqui, falaram que a gente ia ter a oportunidade do primeiro emprego, e quando a gente sáísse, eles iam indicar a gente *prum* outro lugar, ou incentivar a gente a fazer faculdade, essas coisas. A minha expectativa era que quando eu entrasse aqui, eu ia ter a oportunidade de primeiro emprego, conhecer pessoas novas, porque eu nunca tinha trabalhado antes”²⁹. Além do primeiro emprego, K.C.L. buscava a continuidade de sua carreira profissional, com a indicação da ONG para um segundo emprego.

O jovem E.F.L., de 17 anos, quando questionado a respeito do resultado de ter conseguido o primeiro emprego: “Ajudou, ajudou bastante o primeiro emprego. É bom porque já vai me deixar ciente do próximo, o que eu tenho que fazer, o que eu não posso fazer, a trabalhar em grupo. Que uma coisa que eu não fazia, num gostava. A professora falava na sala ‘trabalho em grupo’, eu falava ‘professora, posso fazer sozinho?’. ‘Não, em grupo’. Aí eu fazia com cara feia”³⁰. O jovem sente que aprendeu habilidades que o tornaram mais apto a se manter em um próximo emprego, a se adequar à disciplina de qualquer empresa.

A jovem T.C.M.J., de 18 anos relata sobre a importância do primeiro emprego para ela: “falaram que aqui era um lugar que dava oportunidade, e eu queria muito uma oportunidade né? Ainda mais pelo primeiro emprego. Gosto de ajudar minha mãe também. Minha mãe precisa e eu também preciso. Então quando eu entrei aqui eu aprendi muita coisa. Aprendi a ser

²⁸ Entrevista realizada em 23/03/15.

²⁹ *Idem.*

³⁰ *Idem.*

responsável, aprendi a dar valor ao meu dinheiro, dar valor às coisas. Porque eu não dava. Eu aprendi então foi bom pra mim”³¹.

Os meninos e meninas que trabalham no Instituto Reciclar aprenderam desde cedo o valor de conseguirem um primeiro emprego, o que significa ser inserido no mundo do trabalho. Esta inserção lhe confere um certo alívio do receio de se manterem sempre submetidos ao subemprego e à condição de pobreza, embora não seja garantia de que essa condição irá se dissipar. Além disso, ter um emprego significa estar mais próximo/a da aceitação social e do fim do estigma.

3.4 O trabalho na oficina

T.S.S., de 19 anos me contou como é a rotina dos jovens na ONG³²: “Então, a gente entra, a gente bate o cartão sete e cinquenta. Aí a gente tem que estar aqui mais ou menos umas sete e quinze, sete e vinte *pra* tomar café. A gente entra *pra* fila, bate o cartão, começa a trabalhar. Aí a gente tem horário de almoço, que é de uma hora. A gente bate o cartão meio-dia ou meio-dia e *meia*, dependendo do horário que você vai almoçar. Almoça uma hora, volta, bate o cartão uma hora ou uma e meia. Aí depois, três horas, a gente vem pra as aulas. Aí a gente fica até às cinco horas. Quem estuda, porque quem já é de maior já *tá* fazendo faculdade. Quem estuda, tipo eu, eu chego em casa, tomo um banho e vou *pra* escola”.

Portanto, os jovens entram na ONG cedo, por volta das 7h15 da manhã para tomar café-da-manhã, o que não é obrigatório, mas é feito pela grande maioria deles todos os dias. Os alimentos servidos no refeitório, como me explicou T., são doados por outras instituições e empresas privadas. E T., que é auxiliar da cozinheira, decide qual será o cardápio para o grupo todo.

Antes das 8h da manhã, os jovens devem bater o cartão do ponto, que fica exposto ao lado do refeitório, o que revela uma preocupação com a disciplina e uma educação rígida dos jovens em relação ao horário de trabalho.

Na hora do almoço, o grupo é dividido em dois para que haja rodízio, já que o refeitório não comporta todos os jovens ao mesmo tempo. Assim, metade dos jovens almoça das 12h às 13h, e a outra metade, das 12h30 às 13h30. A partir do fim do horário de almoço, até às 15h, quando se iniciam as aulas no segundo andar, os meninos e meninas voltam para a oficina para

³¹ Entrevista realizada em 26/03/2015.

³² *Idem*.

terminar alguns trabalhos e limpar o espaço. O dia deles termina às 17, com o final das aulas. No entanto, todos ainda estudam no Ensino Médio ou na Faculdade. Todos os jovens relataram que consideram esta rotina cansativa e que a ONG é bastante exigente.

T. acrescentou: “A gente começa a trabalhar, a gente começa a ter nosso dinheiro, a ter nossa responsabilidade de bater cartão, entrada e saída, bater certo *pra* não levar advertência, saber se comportar, essas coisas de empresa que eles pegam no pé”. A rigidez com que os jovens são cobrados, não apenas em relação a seus horários, mas também quanto às notas e a presença na escola, a participação de forma disciplinada nas salas de aula e à limpeza da oficina de produção após o fim do expediente mostram que a ONG age como uma empresa. Pode-se pensar que uma organização de cunho social como esta poderia colocar ênfase na ajuda aos jovens vulneráveis. Mas, como tenho tentado demonstrar, desde o momento do recrutamento, quando são selecionados os melhores jovens, até a maneira como atua na linha de produção, o objetivo da ONG é antes garantir a sua própria sobrevivência, constituída em torno da venda dos produtos reciclados. Os jovens são mão de obra importante para a sua reprodução.

A jovem T. ainda completa dizendo que “Quando a gente entra aqui, às vezes a gente reclama porque é muito rígido. Mas se não fosse rígido, acho que a gente não seria uma ONG. Porque a gente releva tudo”.

Em minha entrevista com a jovem D.A.S., que coordena a linha de produção, perguntei quais eram exatamente suas funções. Ela me explicou que era a coordenadora geral, e que além de dizer aos outros jovens quando deveriam começar a trabalhar na linha de produção da reciclagem e controlar o ritmo da produção, também avaliava as folhas que eram feitas e propunha atividades ao grupo, como dinâmicas para desenvolver a comunicação entre eles. Esta jovem é, portanto, responsável por manter o alto nível de exigência na oficina, reforçando os valores da ONG. Já que são escolhidos os melhores rapazes e garotas para participar do Instituto Reciclar, o nível de exigência também é alto para que eles possam alcançar seu potencial de jovens aptos a se inserir na sociedade normativa e do trabalho.

Na oficina, os mais velhos ensinam os mais novos. Aqueles que acabam de chegar ao projeto recebem um padrinho que os ensina a fazer todo o processo da reciclagem. Os jovens também estão em constante rotatividade dentro da oficina de reciclagem, para que todos possam aprender a realizar todos os deveres e para que conheçam todas as etapas da produção. Estas práticas fazem sentido na lógica empresarial adotada pelo Instituto Reciclar. Assim como um funcionário de uma empresa que está em aviso prévio, os jovens mais velhos que em breve deixarão de trabalhar no Instituto Reciclar devem treinar os mais novos que entraram recentemente e vão substituí-los. E a rotatividade serve para que todos os jovens possam ser

aproveitados ao máximo, e caso um indivíduo se ausente, a produção não precisa parar. Nenhum deles é insubstituível ou extremamente necessário para que a produção aconteça. As habilidades pessoais são raramente levadas em conta ou valorizadas na oficina, que é a atividade principal dos jovens na organização.

A jovem D.A.S. se destacou por suas habilidades comunicativas, mas isso não seria o suficiente. Ela mesma disse que ouviu dos funcionários que a entrevistaram que haveria outros jovens, mais velhos do que ela e que trabalhavam na organização há mais tempo que poderiam exercer este cargo. No entanto, não queriam treinar alguém que fosse deixar o Instituto Reciclar em breve, e sim, alguém que pudessem aproveitar por bastante tempo. Isso se deu porque a preocupação da coordenação da ONG é com a oficina, o ambiente de trabalho. Era necessário escolher um jovem que fosse permanecer na organização por um longo período, para que não houvesse uma quebra, um gasto de tempo e energia para treinar outro coordenador de produção em pouco tempo.

Há outras evidências de que a oficina é a prioridade da organização, como o número de vagas abertas a novos jovens a cada ano. Afinal, quando conversei com a pedagoga M.E., ela disse que os jovens que tinham bom comportamento durante as aulas eram aceitos na oficina, como se trabalhar na oficina fosse uma forma de premiar o bom comportamento dos jovens. Ela também confirmou o que foi dito por D, sobre sua escolha como coordenadora: “E se você pega um jovem que já tá pra sair, além de você ensinar ele por um período, aí quando já tá apto, você já perde ele. Então pega um pouquinho mais novo. A D.A.S. acho que já está aqui há três anos, e talvez na dinâmica a gente já observou que precisava de alguém mais dinâmica, mais pulso firme, de alguém pra coordenar ali. Mas isso não exclui de passar por todas as etapas”.³³

D.A.S. não recebe um salário maior do que os outros jovens que estão na linha de produção, e é registrada, assim como todos os outros, como auxiliar de produção. No entanto, internamente, existe uma diferenciação de funções, e de certa maneira, da forma como ela é vista pelos colegas. Afinal, eles a procuram para conversar sobre questões pessoais e a tratam com respeito. Ela disse que, na organização, os coordenadores são exigentes, mas que gosta de participar do projeto. Um exemplo deste comportamento exigente para com os jovens foi relatado por ela: dois jovens foram retirados do projeto devido às más notas e que as notas deles tinham sido mostradas na frente de outros colegas. Esta atitude mostra que o Instituto Reciclar quer apenas os melhores meninos da região, para torná-los passíveis de respeito fora da ONG

³³ Entrevista realizada em 03/05/2015.

e fora da favela. A organização não é capaz de se ocupar de jovens que além de serem ensinados a se portar em uma empresa, ainda tenham que receber ajuda nos estudos.

As salas de aula têm um número limitado de carteiras, e, portanto, de vagas. Mas o local da organização que precisa dos jovens é a oficina de reciclagem e é ela que delimita o número de vagas dos alunos. Para as aulas, eles fazem um rodízio, assim como para utilizar o resto da infraestrutura da ONG, como o refeitório. Na verdade, as salas de aula não precisariam existir na sede da organização, se considerados apenas os interesses da mesma em relação aos jovens. Porém, as salas de aulas são uma forma de captar recursos para a Reciclar, assim como prestígio, fechando o ciclo de trocas tácitas que tem, não só com os jovens, mas também com as empresas parceiras. Assim, já que deve existir, a sala de aula também é usada para disciplinar e ajustar estes jovens. No entanto, na oficina estão todos reunidos, é o local onde ocorre a maior parte da disciplinarização. O Instituto Reciclar recruta trabalhadores, e não jovens que serão auxiliados.

3.4.1 O sonho da profissão

Todos os jovens têm sonhos para o futuro, querem ser fotógrafos, atores, advogados, por exemplo, mas toleram o trabalho com reciclagem de papel pois acreditam que precisam deste aval para começar suas carreiras. O trabalho na oficina de reciclagem de papel não faz parte dos sonhos dos jovens mas é visto como uma ferramenta necessária para que alcancem o que almejam.

E.C.S.S., de 20 anos, parece ter certeza de qual carreira quer seguir no futuro e quais medidas deve tomar para alcançar seu objetivo: “(...) eu já sei o que eu quero fazer. Eu quero ser fotografo. então eu quero começar um curso no Senac. Então eu *tô* juntando dinheiro pra começar o curso. E também *pra* comprar uma camera semiprofissional pra começar o curso. (...) por enquanto eu *tô* fazendo um curso online. Dá *pra* fazer sem camera”.

O Instituto Reciclar oferece um auxílio que os jovens recebem quando estão terminando seu tempo dentro da instituição e também na escola. Muitos dos jovens mencionaram um projeto da Reciclar chamado “Ancora de Carreiras”, em que recebem orientações sobre as profissões que podem vir a escolher e, dentre outras atividades, visitam profissionais e empresas para conhecer os afazeres e o cotidiano desta nova realidade. Existe um cronograma, um projeto dedicado para esse grupo, para trabalhar o empreendedorismo, trabalhar a questão das escolhas profissionais, oficinas e alguns cursos externos, dentro dessa temática. Posteriormente, ocorrem

as visitas, quando já tiverem sido realizadas atividades sobre o mercado de trabalho, sobre o que o jovem quer fazer, ter como escolha profissional, e só então eles farão a visita dentro da área profissional escolhida. O projeto estimula os jovens a buscarem uma carreira e ainda proporciona certa aproximação do jovem com o mundo do trabalho, para que ele sinta como será sua vida após a conclusão dos estudos, quando finalmente alcançará seus objetivos de ter um bom emprego. O jovem E.C.S.S. sente que participar das atividades da ONG o auxiliaram a selecionar uma carreira e a aumentar os seus sonhos para o futuro. Ele diz que “antes eu não sabia o que eu queria fazer, não imaginava nem de fotografia. E agora eu tenho planos, fazer um curso de fotografia, me tornar fotógrafo, quem sabe até um artista por causa da fotografia. Talvez jornalista também. Talvez eu queira fazer futuramente fotojornalismo. Então é uma coisa assim que eu nem imaginava”.

Alguns jovens já escolheram quais profissões gostariam de seguir. Mas a maioria muda de opinião muitas vezes e, por isso, é tão importante que tenham contato com pessoas que possam relatar como é, de fato, trabalhar nas áreas que consideram escolher. A coordenadora organiza, anualmente, uma “semana das profissões” em que convida profissionais de diferentes áreas para conversar com os jovens e tirar suas dúvidas a respeito do trabalho que pretendem desenvolver.

Constatar que há jovens considerando a profissão de fotógrafo/a, e que o Instituto Reciclar incentiva esta prática, me gerou uma nova reflexão. Eu acreditava que a organização incentivaria apenas profissões mais tradicionais – um fotógrafo pode ser considerado um artista, algo que não necessariamente ofereceria prestígio para o jovem -, e, portanto, a entrada dos jovens em faculdades mais tradicionais. M.E. contou que, quando iniciou seu trabalho como coordenadora pedagógica, via esta tendência por parte dos professores. Mas que ela teve a iniciativa de começar a introduzir novas alternativas aos rapazes e garotas. Por isso ela convidou o fotógrafo para dar uma palestra aos jovens. Ela não diz apoiar que os jovens busquem apenas uma carreira acadêmica tradicional para obterem uma profissão, cursando uma faculdade. Para ela, cursos técnicos profissionalizantes também podem ser uma boa alternativa. Ela parece compreender que os jovens devem buscar profissões que lhes agradem.

Concluí que o fato de a coordenadora pedagógica da organização incentivar que os jovens busquem atividades profissionais que lhes sejam prazerosas também está ligado ao acordo tácito que existe entre eles e a ONG. Para que os jovens mantenham o acordo e aceitem trabalhar de forma disciplinada na oficina de reciclagem, precisam sentir que seus objetivos pessoais estão sendo, de alguma forma, contemplados. Assim, a coordenadora foi sagaz ao perceber que perderia jovens interessados e disciplinados se não oferecesse e incentivasse as

profissões que desejam, par além do trabalho rotineiro e mecânico na oficina de reciclagem.

3.4.2 O desligamento da ONG

A jovem T.S.S. é auxiliar na cozinha, o que significa que ela tem funções distintas das dos outros jovens, que trabalham na oficina, onde ela também já trabalhou quando entrou no Instituto Reciclar. T.S.S. não identificou o motivo específico para que ela fosse escolhida para trabalhar na cozinha, e também não sabe se voltará a trabalhar na oficina no futuro. Mas disse que gosta do trabalho na cozinha, apesar da pressão que sofre e da grande quantidade de afazeres por dia. “Sim, eu gosto. É porque na cozinha, na verdade, as pessoas não gostam por causa da pressão. Tem que ter a cabeça no lugar. É pega isso, faz aquilo, *tamo* atrasada, almoço tem que *tá* pronto. Mas eu gosto. Tirando isso é divertido”³⁴.

T.S.S., no entanto, acabou por sugerir que foi retirada da oficina como uma forma de punição, porque teve dificuldades para se enquadrar na disciplina que era e é exigida. “Eu achei que ia ser tudo moleza (risos). Jovem é assim né? ‘Vou poder fazer bagunça, não vão me despedir mesmo’. Quando a gente entra, a gente entra com uma cabeça. Quando a gente *tá* no curso, a gente *vê* que é uma coisa. A gente começa a trabalhar, a gente começa a ter nosso dinheiro, a ter nossa responsabilidade de bater cartão, entrada e saída, bater certo *pra* não levar advertência, saber se comportar, essas coisas de empresa que eles pegam no pé. A gente muda. Muda muito a mentalidade por conta disso”. Atualmente, ela valoriza esta disciplina necessária para ocupar sua posição, e demonstra gostar de ter muitas responsabilidades em seu cargo. Novamente surge o discurso de que a disciplina é necessária para se sobressair no mercado de trabalho, e aprendê-la é positivo. T.S.S. pode não ter se adequadado bem ao trabalho na oficina de reciclagem, o que lhe rendeu o cargo na cozinha, mas não foi desligada da organização, como aconteceu com outros jovens que não conseguiram se adaptar.

Todos os jovens são observados desde a sala de aula, quando entra para a ONG antes dos 16 anos, quando ainda não trabalha na oficina de reciclagem. A coordenadora M.E. informou que “se ele não tem uma postura de responsabilidade, de interesse, de participação, muitas vezes ele acaba sendo desligado. Por esses comportamentos, porque daí passa a trabalhar na oficina, assume mais responsabilidade, então que tem que assumir mais responsabilidade e eles não assumem, a gente já desliga desde o começo”³⁵. Ou seja, a disciplina e o

³⁴ Entrevista realizada em 4 de abril de 2015.

³⁵ Entrevista realizada em 3 de maio de 2015.

comportamento dos jovens é avaliada, e se este jovem não demonstra já estar adequado ao padrão de comportamento esperado pela coordenação, ainda mais quando começa a trabalhar, ele ou ela não permanecem na Reciclar. Assim como em uma empresa, que já espera que seus funcionários iniciem o trabalho agindo de forma adequada, responsável e eficiente, no máximo ajustando o trabalhador à cultura da empresa, a ONG já quer jovens prontos para o trabalho, e que ainda sejam capazes de manter a bom desempenho na escola.

A coordenadora ainda destaca que percebeu, nos últimos dois anos, que muitos dos jovens que não se enquadravam no padrão, acabavam desistindo de permanecer no projeto por conta própria, já que constatavam, ao se comparar com os demais colegas, que teriam muita dificuldade em manter boas notas na escola e ainda trabalhar na oficina. Nesses casos, a ONG não se propõe a atuar no sentido de promovê-lo em direção ao comportamento desejado, preferindo desligá-lo. Nesse sentido é que não seria demais dizer que os jovens escolhidos pela Reciclar já são aqueles que estão integrados socialmente, mas dela dependem para terem esse mesmo comportamento reconhecido pela sociedade inclusiva, responsável por atribuir a jovens moradores de favela um mal comportamento. São, portanto, aqueles que já apresentam a disposição para o mundo normativo que são o público do Instituto Reciclar. Aqueles que incapazes de adaptação, são por ele rechaçados.

Os desligamentos não ocorrem frequentemente. Não há um padrão. Mas M.E. diz que esta prática ocorre, aproximadamente, uma vez por ano. “Faz tempo que a gente não tem um desligamento. Mas a gente já teve, por exemplo, desligamento de aluno que tinha um comportamento agressivo com os colegas em sala, brigava muito, desrespeitava o professor e aí, quando passa a desrespeitar os colegas e o professor, não tem condições de ficar, porque é uma pessoa que não consegue trabalhar em grupo. E o trabalho da oficina é todo em grupo [novamente, a ênfase é o trabalho na oficina]. O Reciclar é muito grupal, né? Então, se você não consegue se adaptar, aí não tem condições”.

Por isso, perguntei a M.E., a respeito dos jovens que acabam não permanecendo na organização, se há diálogo entre o jovem e ela ou os professores. Ela relatou que já ocorrem conversas quase que diariamente, ou pelo menos uma vez na semana, há algum tipo de interação com a turma. Esta prática também está de acordo com visão da ONG de que o jovem deve ser disciplinado. Para isso, é necessário que ele seja repreendido constantemente quando não se comporta como esperado, ou elogiá-lo quando convém, ou seja, quando ele ou ela mostram disciplina. “A gente tem as devolutivas individuais, porque eles são avaliados, tem as avaliações, tem o boletim escolar. A gente chama principalmente aqueles que a gente percebe que está meio declinando, né? E aí a gente faz sim uma devolutiva. Mas nem todos absorvem

de forma positiva, mesmo com a devolutiva tem gente que parece que vira outra pessoa. Como já teve um adolescente que *tava* ali próximo de ser desligado, fizemos uma devolutiva, eu e os professores, ele pediu pra ficar, enquanto a gente decidiu um pouco como a gente ia caminhar com esse jovem dentro do projeto, ele ficou afastado. Ele ficou duas semanas de suspensão, e quando ele voltou, voltou outra pessoa. Ele pediu *pra* gente continuar pegando no pé dele, não desistir dele. Hoje ele trabalha na oficina.”.

Esta explicação mostra que M.E. considera a possibilidade de trabalhar na oficina como um prêmio pelo bom comportamento do aluno que estava em risco de ser desligado da Reciclar. E mesmo o termo “desligar” é usado assim como nas empresas, para se referir a funcionários que são despedidos, o linguajar é todo emprestado do mundo empresarial. O fato dessa coordenadora trabalhar em equipe com professores e outros funcionários expõe que esta é a visão de toda a organização. Na verdade, ela reproduz o discurso que aprendeu na Reciclar desde que foi uma das jovens atendidas, e ainda mais agora, como coordenadora. Ela sabe como funciona o acordo entre os jovens e a ONG.

3.5 O estigma

No distrito do Jaguaré, há diversas outras organizações de cunho social voltadas para atender uma população carente de recursos além do Instituto Reciclar. Mas não são apenas melhorias materiais e estruturais que esta população busca ao contatar uma organização. Estes ganhos também devem diminuir a distância entre a população carente e marginalizada e o resto da sociedade.

Em todos os agrupamentos humanos pode-se encontrar indivíduos que não se enquadrem de alguma forma com os padrões de normalidade. Os indivíduos que não estão hábeis a serem aceitos plenamente na sociedade em que estão inseridos são indivíduos estigmatizados.

A origem do termo “estigma” remete à Grécia Antiga, que era utilizado para se referir às marcas corporais que denunciavam algo de extraordinário ou moralmente condenável sobre aquele que o portava. Geralmente eram escravos, criminosos ou traidores que portavam essas marcas e, portanto, eram evitadas pelas pessoas “normais”, principalmente em espaços públicos (GOFFMAN, 1963, p. 5).

Atualmente o significado da palavra se refere não apenas à marca física em si, mas ao motivo que faz de um indivíduo se tornar diferente da maioria, principalmente de forma negativa.

Nas relações sociais rotineiras, é possível prever o tipo de pessoas com quem se vai estabelecer relações mais ou menos duradouras, e o ser humano faz estas previsões o tempo todo, de forma inconsciente. Assim, criamos, naturalmente, expectativas a respeito dos outros, e apenas nos damos conta dessas expectativas, ou até exigências, quando nos deparamos com alguém que não as cumpre. Somos impactados a nos depararmos com uma pessoa diferente de nós fisicamente - é comum alguém ter dificuldade em saber como agir ao se deparar com uma pessoa com uma deficiência física - ou de formas mais sutis.

Erving Goffman, sociólogo canadense do século XX, chama de identidade social real o conjunto de atributos que uma pessoa mostra ter, e mostra que pessoas com identidade social diferente do normal será reduzida a alguém diminuído ou problemático. Isso pode afetar a convivência do indivíduo com o resto da sociedade em maior ou menor grau, passando-lhe descrédito e desvantagem em relação aos outros (GOFFMAN, 1963, p. 5).

Nota-se que o estigma está mais diretamente ligado às relações, e não aos atributos. Um indivíduo não se perceberia estigmatizado não fosse a relação que possui com a maioria normal, que aponta seus defeitos, demonstrando-se chocada, horrorizada com tamanha aberração. Os jovens moradores da favela Nova Jaguaré não se sentiriam inferiorizados se não encontrassem seus vizinhos mais abastados em certos locais do bairro e recebessem olhares hostis.

Os jovens que trabalham na Reciclar herdam suas posições sociais estigmatizadas, ao nascerem em famílias de baixa renda que habitam regiões humildes do bairro do Jaguaré, muitas vezes, favelas. Estes jovens não têm escolha sobre estas características, mas mesmo assim sofrem com o estranhamento que causam em outras pessoas. Descrevi anteriormente que, muitas vezes, quando os jovens da Reciclar vão ao shopping para seus momentos de lazer, recebem olhares das outras pessoas que indicam que são diferentes e até inferiores. E relatam este fato à coordenadora pedagógica M.E., perguntando “como eles sabem que eu sou diferente?”. Os rapazes e garotas acabam por se identificar como diferentes, acreditando no estigma que lhes é imposto, e não seria espantoso se respondessem a estes olhares com raiva e frustração.

“Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus”. (GOFFMAN, 1963, p.7). Esta frase da obra de Goffman leva à reflexão sobre se é justa a condição que os meninos e meninas atendidos

pela Reciclar são colocados pelo resto da sociedade, em sua maioria. Estes jovens são julgados como inferiores e despreparados devido às suas origens humildes. A pobreza e a marginalidade são os traços que se chamam mais a atenção de quem os vê e faz com que se afastem os que vêm de outras classes sociais. O fato de serem jovens curiosos, cheios de energia para aprender, aptos a realizarem reflexões e trabalhos significativos, e com interesses e gostos próprios, passa despercebido, quando são estigmatizados.

O autor prossegue:

fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa”. (GOFFMAN, 1963, p.8).

Isso é exatamente o que ocorre com jovens como os do Instituto Reciclar. Suas chances de conseguirem um bom emprego, de serem respeitados e de terem uma vida plena são fortemente diminuídas devido ao estigma da pobreza, da origem humilde e, possivelmente, de muitos outros como o da cor de pele e da cultura que consomem. E assim, estes jovens veem na Reciclar uma forma de se tornarem menos estigmatizados e mais próximos dos indivíduos considerados pela sociedade inclusiva como exemplo da “normalidade”.

Os jovens e suas famílias se sentem, na maioria das vezes, agradecidos pela oportunidade de poder trabalhar em organizações como o Instituto Reciclar, pois a organização trata estes jovens como pessoas que precisam de ajuda, mas que podem alcançar a “normalidade” tão almejada. Goffman descreve, sobre os estigmatizados, que eles costumam encontrar auxílio e compreensão em outros membros da sociedade.

Na maioria dos casos, entretanto, ele descobrirá que há pessoas compassivas, dispostas a adotar seu ponto de vista no mundo e a compartilhar o sentimento de que ele é humano e "essencialmente" normal apesar das aparências e a despeito de suas próprias dúvidas. (GOFFMAN, 1963, p.20).

Mencionei anteriormente que, em meu primeiro contato com o Instituto Reciclar, que se deu pelo *site* oficial da organização na internet, obtive uma primeira impressão do trabalho realizado por eles, e que ao iniciar minhas visitas à ONG, percebi uma diferença entre o discurso e o que realmente era feito em relação aos jovens.

Devido ao nome da instituição, e o subtítulo “Instituto de Reciclagem do Adolescente”, acreditei, inicialmente, de que se tratava de uma ONG de recuperação de jovens em situações de risco diversas. E principalmente, que era certo dizer que esses rapazes e garotas eram atendidos pela Reciclar.

No entanto, a dinâmica da Reciclar é diferente do que imaginei. O mais correto a se dizer sobre os jovens é que eles trabalham na Reciclar e não que são atendidos por ela. O tipo de trabalho que a organização realiza não é assistencialista, nem de recuperação. Certamente o Instituto Reciclar fornece uma ferramenta essencial para que os jovens alcancem a almejada ascensão social, em conjunto com a aquisição do respeito das classes dominantes. Mas apenas porque já são jovens que compartilham com a organização e com o resto da sociedade uma consciência de que precisam ser transformados simbolicamente para ascender socialmente, e para deixar o estigma com que são vistos.

E assim, o trabalho na oficina de reciclagem de papel se torna o mais importante fator dessa organização, e a parte mais valorizada para que os jovens sejam vistos como responsáveis e com méritos para seguirem uma vida no mundo do trabalho. O acesso ao trabalho na oficina é prioritário em relação aos estudos e usado como um incentivo para aqueles que apresentam bom comportamento.

3.6 A chancela da Reciclar

A experiência profissional é, na verdade, apenas um dos fatores que atraem os jovens para o Instituto Reciclar e o que se dá a conhecer de forma mais imediata. O “primeiro emprego”, mencionado por todos os jovens, será então registrado em suas carteiras de trabalho e poderá servir de referência para futuras colocações. No entanto, considerando a percepção que possuem em relação à maneira como destoam não só em relação aos moradores de classe média do distrito do Jaguaré, mas nos demais locais que frequentam, ficou evidente, por meio das entrevistas, um objetivo menos explícito: o de obter, por meio da passagem pela ONG, uma chancela a ser oferecida ao mundo de que são aptos a ingressar não só no mundo do trabalho, mas a pertencer à sociedade inclusiva de que se sentem excluídos.

O trabalho que os jovens aprendem e realizam no Instituto Reciclar, mais especificamente na oficina de reciclagem, é na verdade um trabalho simples e que poderia ser aprendido em qualquer outra oficina tradicional, desvinculada de uma organização social. No entanto, faz toda a diferença quando se trata de moldar os jovens para um mundo normativo e respeitado do qual eles querem participar.

Ao fazerem parte de uma ONG que tem renome na região, não só entre as famílias e as escolas de onde os jovens vêm, mas também com empresas e institutos, cuja imagem está diretamente ligada à eficácia em transformar jovens por meio do estudo, cada um dos jovens

passa a ser visto pela sociedade inclusiva como dignos de valorização e até admiração por terem superado suas condições iniciais de pobreza e marginalidade. Mesmo a coordenadora pedagógica revelou que a organização não possui estrutura para acolher jovens em condição maior de vulnerabilidade, seja em função de envolvimento com drogas ou problemas de outra natureza, fala que se reforça pelos critérios de seleção adotados, como mencionei anteriormente.

O fato de os jovens procurarem a organização é uma evidência de que eles sabem que precisam de uma mediação abonadora para ingressar no mundo para além da favela, uma clara consciência da imagem que sabem que possuem na sociedade inclusiva. Estes jovens são selecionados com base em suas notas na escola, o que já os torna diferentes dos outros alunos que não são escolhidos para trabalhar na Reciclar. Certamente têm autoestima o suficiente para se considerarem diferentes dos outros alunos, e mais aptos para serem reconhecidos pelo mundo normativo. No entanto, ainda existe um segundo degrau para o mundo do trabalho e da aceitação social. Sem o Instituto Reciclar, mesmo tendo um rendimento escolar melhor do que a maioria, conforme comprova o fato de terem sido selecionados, esses jovens não seriam capazes de desfazer a imagem de que são pessoas sem caráter, mal-educadas e mais inclinadas à marginalidade não fosse por meio da passagem pelo Instituto Reciclar que lhes confere a chancela devida. Assim, os jovens se tornam “catalisadores de mudanças em suas vidas” quando aceitam o acordo tácito com a organização, e vendem sua força de trabalho não apenas em troca de um salário, mas em troca do aval que lhes é conferido quando passam por uma ONG de renome como o Instituto Reciclar.

Em minha conversa com os jovens, obtive confirmações de que a ONG dá aos jovens uma nova capacidade de mudarem a forma que percebem a si mesmos. Ao exemplo de T.B.S., de 19 anos, que afirma: “Mudou muito, principalmente na parte da minha timidez. Como eu te disse, eu sou tímida, mas eu era muito mais antes de entrar aqui. Aqui *tá* me ajudando muito”.

Ou ainda a jovem de 19 anos P.S., que constatou ter adquirido valores durante seu trabalho na ONG: muito mais antes de entrar aqui. Quando entrei aqui eu mudei, conheci pessoas boas que *fez* eu abrir a cabeça, ver o que é certo e o que é errado. Eu acho que a Reciclar mudou sim um pouco a minha vida”.

A importância desta mudança para a transformação na forma com que outros grupos de pessoas os veem e os acolhem é inegável. Quando o jovem passa a se ver como alguém capaz de estar entre qualquer outra pessoa, e ser respeitado, ele está acreditando no selo que a ONG imprime em todos aqueles que passam por lá. E este é o principal trabalho realizado pelo Instituto, o de fazer com que o jovem lide com o mundo externo de forma diferente, driblando opiniões negativas sobre eles que acabam por lhes influenciar o futuro.

CONCLUSÃO

Ao longo desta dissertação, pude analisar a situação dos jovens moradores da favela Nova Jaguaré, localizada no bairro do Jaguaré, na cidade de São Paulo, que frequentam a organização não-governamental chamada Instituto Reciclar.

Realizei a análise do funcionamento da organização, da maneira como os jovens se comportam e interagem entre si durante o período em que estão trabalhando na ONG, e como a ONG os trata, com o objetivo de discipliná-los para o trabalho. Também conheci profundamente o modo que o Instituto Reciclar seleciona os jovens que trabalham para eles e o discurso que seus funcionários reproduzem para que os jovens sintam que estão sendo beneficiados ao oferecerem sua força de trabalho para eles, com mais do que apenas o salário que recebem.

Mas mais importante do que compreender o funcionamento do instituto e das atividades realizadas pelos jovens enquanto trabalham para ele, foi entender o que está por trás, o acordo tácito feito entre os jovens e a organização, e ainda, entre a organização e as empresas que as apoiam. Revelou-se ao longo da pesquisa e das entrevistas com os jovens e com os funcionários do Instituto Reciclar, que há um ciclo envolvendo estes três atores em que todos oferecem algo para se beneficiar de alguma forma. Os jovens oferecem sua força de trabalho na oficina de reciclagem de papel em troca de uma espécie de selo da ONG, de que são diferentes dos outros jovens moradores da favela, pois são inteligentes, responsáveis e disciplinados, sendo assim, aptos para ocupar um cargo em uma empresa e para serem vistos como indivíduos merecedores de respeito e de melhorar seu status na sociedade. Já a ONG oferece o salário dos jovens, as aulas que eles frequentam após o trabalho na oficina de reciclagem e as refeições, além, claro, deste aval para que acessem o estilo de vida das classes mais altas, em troca do trabalho dos jovens, que fazem os produtos que feitos de papel reciclado que são vendidos pela organização. Estes produtos são utilizados para custear o Instituto Reciclar, seja pagando os salários dos funcionários ou algumas contas da sede. E além disso, há ainda as empresas parceiras da ONG, que oferecem papel que já foi utilizado para que seja reciclado; alimentos para as refeições dos jovens ou ainda, carteiras e outros materiais e objetos para a infraestrutura da organização. Em troca, estas empresas recebem certificados de que contribuem para o meio ambiente e para causas sociais, o que lhes confere uma boa imagem, que é passada aos consumidores de seus produtos e serviços. Atualmente, valoriza-se muito as empresas privadas que se envolvem com ações que beneficiam partes menos privilegiadas da população ou que destinam seus dejetos à reciclagem e investem em práticas mais ecológicas. Não é difícil perceber que o impacto destas

ações das empresas privadas não é forte o suficiente para neutralizar a grande quantidade de dejetos que ainda produzem e deixam de dar um destino realmente ecologicamente sustentável. No entanto, tais ações, como a parceria que tem com o Instituto Reciclar, lhes confere um comprovante de que estão se esforçando para fazer com que não gerem um impacto negativo, e uma boa imagem pública que acaba por agregar valor aos seus produtos e serviços, afinal, o consumidor está comprando um produto supostamente sustentável. Por sua vez, os jovens e as empresas privadas da região também podem estabelecer uma relação direta, já que as empresas podem contratar a mão de obra dos jovens quando estes terminam seu tempo no Instituto Reciclar. Os rapazes e garotas, quando se formam na ONG, precisam de um novo emprego e um salário preferencialmente maior daquele que recebiam na organização, e a empresa precisa de trabalhadores que ainda lhes serão mais baratos do que se contratassem indivíduos mais velhos e com mais experiência de trabalho.

Há ainda outro aspecto deste estudo que baseia este ciclo que liga os jovens da favela, a organização não-governamental e as empresas privadas do bairro do Jaguaré, em São Paulo. Trata-se do estigma direcionado aos jovens moradores da favela Nova Jaguaré pelos moradores de regiões mais nobres do bairro do Jaguaré. Esta parte da população encontra-se próxima dos jovens que trabalham no Instituto Reciclar, pois apesar de viverem em condomínios mais caros, estão localizados a poucos quilômetros da favela, que tem uma área grande e ocupa boa parte do bairro do Jaguaré. Assim, há locais em que a população da favela e a população mais abastada dos condomínios se encontra, como no shopping do bairro. Nestas situações, há situações de conflito, muitas vezes silenciosas, mas que afetam os jovens das favelas. Eles percebem que são diferentes das pessoas mais ricas de diversas formas. Seja pela diferença do poder de consumo, ou simplesmente pela forma com que estas pessoas lançam olhares de desprezo ou de medo.

Não existisse este estigma que vem de forma externa aos garotos e garotas da favela, não haveria necessidade para o ciclo descrito anteriormente, que é iniciado pelos jovens que buscam eliminar os olhares hostis das pessoas de outras classes sociais. Os jovens que querem trabalhar no Instituto Reciclar, querem, na verdade, provar para estes outros estratos sociais, que não são como todos os jovens da favela. Como se reconhecessem que existem indivíduos que, de fato, não são aptos a fazer parte da sociedade normativa, a que tem acesso a boas posições no mercado de trabalho, a boa moradia e ao consumo, pois estão envolvidos em atividades criminosas ou não buscam sair de suas condições de marginalidade; porém, que eles são sim aptos e querem ascender socialmente, diferenciando-se de seus pais e de outros jovens que não conseguiram um trabalho em uma ONG.

É a percepção dos jovens da favela Nova Jaguaré de que são avaliados de maneira extremamente negativa e de forma generalizada por seus vizinhos abastados que os move a buscar trabalho no Instituto Reciclar. E esta avaliação os incomoda, pois, o estigma os impede de viver de forma plena. Se forem vistos como perigosos, incapazes e indisciplinados, não conseguirão um trabalho de maior prestígio, e não conseguirão atingir seus objetivos de ascender socialmente. Certamente estes jovens não se incomodariam tanto com as opiniões negativas dos moradores mais ricos do bairro do Jaguaré, se não sentissem o impacto destas opiniões em suas vidas práticas. Não se trata apenas de uma “briga de vizinhos”, em que os moradores dos condomínios se irritam porque seus bairros se tornam mais feios com a favelas, e por isso dirigem olhares ressentidos aos mais pobres. Os ricos, de fato, creem estar em risco ou sentem asco por estarem próximos aos moradores da favela. Acreditam que são pessoas inferiores, extremamente diferentes deles, e que não podem acessar qualquer status social ou mesmo realizar atividades cotidianas da mesma forma. Quando encontram moradores da favela no shopping center do bairro, identificam-nos pelo modo de se vestir, pela cor da pele, já que a maioria é afrodescendente, e pela forma de falar (usam gírias diferentes, por exemplo), e pensam que estes não deveriam frequentar os mesmos locais que os ricos, pois “não sabem se comportar”.

Os jovens, ao se depararem com a forma com que seus vizinhos ricos os encaram, sentem-se humilhados, inferiorizados e se perguntam quais aspectos de suas aparências os diferencia tanto de seus vizinhos. No entanto, apesar de terem dificuldade em identificar quais as características físicas que os tornam mais distintos, sabem que há elementos importantes em suas vidas que devem mudar, caso queiram se aproximar de seus vizinhos ricos e se distinguirem dos outros moradores da favela. Os jovens sabem que precisam da oportunidade que o Instituto Reciclar os oferece, para que recebam a chancela de bons rapazes e garotas, de jovens distintos, responsáveis, competentes, hábeis e adequados.

O estigma é o que faz com que os meninos questionem seus próprios modos de vida, fere sua autoestima e os separa do resto da sociedade. O estigma é, assim, o que destaca os jovens, o que os marca. É o gerador da cadeia formada por jovens, ONG e empresas, na busca dos jovens de retirar esta marca.

O estigma é, ainda, exemplo do que é gerado a partir do modelo capitalista, em que sempre haverá aqueles que ficarão fora do que é tido como regulamentar, prestigioso e bem-visto. Sempre haverá os que estão na base, os que serão explorados para manter o enriquecimento da classe dominante, que jamais serão recompensados de forma justa pelo trabalho braçal que realizaram; os que serão excluídos dos ganhos materiais e simbólicos, que

não poderão se sentir parte da sociedade que consome, constrói, participa de inovações tecnológicas e tantos outros itens. É para isso que lutam os jovens que trabalham no Instituto Reciclar. Para escapar de seus destinos, que já vem traçado desde seus familiares que não conseguiram impulsioná-los para um estilo de vida diferente, e que continuou sendo formado ao longo da infância na favela. O destino do subemprego, da exclusão social, da falta de opções para uma boa formação acadêmica, da dificuldade em obter melhores condições de moradia, de não poder consumir e, ainda, o destino de ser desprezado pelos que não compartilham o estilo de vida do excluído.

Após esta pesquisa, afirmo que o Instituto Reciclar cumpre de forma excelente o seu objetivo e o que promete aos jovens de forma velada: utilizar sua mão-de-obra para conceder-lhes o aval de jovens que estão prontos para fugir da exclusão. Os meninos e meninas que se formam na organização, em sua maioria, conseguem em pouco tempo um novo emprego em uma empresa e iniciam seus estudos em uma Universidade. Isto já significa que terão um destino diferente de seus pais, pois terão o título de que “concluíram o segundo grau”, motivo de orgulho legítimo para a família. Estes jovens já estarão quebrando o estigma, apesar de que terão de continuar se esforçando até que possam se mudar da favela, completando o perfil de “superação”, de que realmente deixaram para trás a exclusão.

O ciclo se completa com sucesso, com os jovens, as empresas e a ONG atingindo seus objetivos. Certamente deve-se considerar que há aqueles que poderão desistir de seus estudos universitários, que poderão ser despedidos de seus novos empregos, ou que não poderão manter um padrão de vida e de consumo como o das classes médias. No entanto, o Instituto Reciclar terá cumprido o seu papel de diferenciar os jovens que trabalham para eles dos outros jovens da favela, e estes jovens poderão ver a si mesmos como capazes de acessar o mercado de trabalho e o mundo da sociedade normativa.

Concluo ainda que não se pode deixar de pensar naqueles que ficam do outro lado, que permanecem excluídos e afastados do mundo normativo. Os jovens que não chegam a buscar, ou que não são selecionados para entrar para o Instituto Reciclar. Ou ainda, que iniciam o trabalho na organização, mas que são desligados por problemas comportamentais, ou que sentem que não se enquadram e acabam não perduram na ONG. Estes, que podem chegar a vislumbrar o que seria deixar a condição de marginalidade, mas que acabam representando um trabalho que o Instituto Reciclar não pode realizar, que é o trabalho de recuperação. A organização declara que não pode oferecer a recuperação aos jovens que já não estejam adequados ao trabalho na oficina de reciclagem de papel, pois não tem recursos para tal. Ao selecionar apenas jovens que tenham boas notas e boa frequência na escola, ou seja, apenas os

melhores entre os piores, a organização reforça que os que não são selecionados, realmente não terão chances de ascender socialmente e mudar seus destinos.

O Instituto Reciclar pode selecionar os jovens com os critérios que considerar melhores, e não é obrigado a realizar o acordo - de dar o aval ao jovem marginalizado de que ele serve para o mercado de trabalho e para fazer parte da sociedade normativa, em troca da força de trabalho deste jovem – com todos os meninos e meninas que os procurarem. Porém, devem estar conscientes de que estão deixando indivíduos para trás, sem qualquer auxílio para que passem a ser valorizados e vistos de modo mais humano. E deixar jovens moradores da favela para trás, selecionando apenas aqueles mais aptos a trabalhar, como uma empresa privada seleciona seus funcionários, não é o que se imagina, em geral, de uma organização não-governamental de renome.

REFERÊNCIAS

- ATHAYDE, Celso; BILL, M. V. *Falcão, Meninos do Tráfico*. Editora Objetiva, 2006.
- BOURDIEU, P. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus Editora, 1996.
- CASTRO, L. R. *Infância e Adolescência Hoje*. Em L. R. Castro (Org.), *Infância e adolescência na cultura de consumo* (pp.11-22). Rio de Janeiro: NAU, 1998.
- CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- COUTINHO, J. A. *ONGs e Políticas Neoliberais no Brasil*. Florianópolis: Editora UFSC, 2004.
- DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. *Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº. 8069*, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1965.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. *Vinte Anos Depois: A Construção Democrática Brasileira Vista Da Periferia de São Paulo*. Lua Nova, São Paulo, 72: 83-114, 2007.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. *Margens da Política, Fronteiras da Violência: uma ação coletiva das periferias de São Paulo*. Lua Nova, São Paulo, 79: 201-233, 2010.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. *Desvelar a política na periferia – Histórias de movimentos sociais em São Paulo*. Associação Editorial Humanitas: FAPESP, 2005.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Rio de Janeiro, Editora Perspectiva, Coleção Debates, 1974.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro, Vozes, 1975.
- GOFFMAN, E. (2004). *Estigma – Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1963.
- GOFFMAN, E. *Ritual de interação: ensaio sobre o comportamento face a face*. Rio de Janeiro, Vozes, 2011.
- GOOGLE. *Maps*: Av. Pres. Altino, 964 - Jaguare, São Paulo – SP. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Av.+Pres.+Alt%C3%ADno,+964+-+Jaguare,+S%C3%A3o+Paulo+-+SP/data=!4m2!3m1!1s0x94ceff54febb7389:0x7ed53a2510e4fdeb?sa=X&ved=0ahUKEwjmuHm9MPKAhUEiJAKHZ_UA3wQ8gEIHDAA>. Acesso em 10/01/2016.
- _____. *Maps*. R. Parnamirim – Jaguare – Paulo- SP. Disponível em: https://www.google.com.br/maps/place/R.+Parnamirim+-+Jaguare,+S%C3%A3o+Paulo+-+SP/@-23.5455703,-46.7492289,3a,75y,25.02h,89.85t/data=!3m7!1e1!3m5!1sD9vYqGw3R_TTvSKwLEtVYQ!2

e0!6s%2F%2Fgeo3.ggpht.com%2Fcbk%3Fpanoid%3DD9vYqGw3R_TTvSKwLEtVYQ%26output%3Dthumbnail%26cb_client%3Dmaps_sv.tactile.gps%26thumb%3D2%26w%3D203%26h%3D100%26yaw%3D115.33051%26pitch%3D0!7i13312!8i6656!4m2!3m1!1s0x94cef5496341b41:0x405bf8882fab8697. Acesso em 10/01/2016.

GOOGLE. *Maps*. R. Carcara - Favela Vila Nova Jaguaré, São Paulo – SP. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/R.+Carcara+-+Favela+Vila+Nova+Jaguare,+S%C3%A3o+Paulo+-+SP,+05333-040/@-23.5460688,-46.7437894,3a,75y,338.27h,89.02t/data=!3m7!1e1!3m5!1sbJgAnLvNd1bf4qlf5bLQ!2e0!6s>>. Acesso em 10/01/2016.

MACHADO, A. M. B. *O Percurso Histórico das ONGs no Brasil: Perspectivas e Desafios no Campo da Educação Popular*. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2012.

RIZEK, S. C. *Trabalho, Moradia e Cidade. Zonas de Indiferenciação?* Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 27 No. 78, 2012.

VIOLANTE, M. L. V. A perversidade da exclusão social. Em D. L. Levisky (Org.), *Adolescência e violência: Consequências da realidade brasileira*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ANEXOS

Anexo 1 - Lista de ONGs na cidade de São Paulo que lidam com jovens em situação de violência/risco

- Aldeias Infantis SOS Brasil - <http://www.aldeiasinfantis.org.br> - Na cidade de São Paulo, localiza-se em Rio Bonito (Interlagos). No acolhimento institucional, cada núcleo familiar é composto por até nove crianças, irmãos biológicos ou não, de diferentes idades e de ambos os sexos que ficam sob o cuidado de uma mãe social (cuidadora residente).

- Instituto Canto de Luz - <http://ascriancaeconsciencia.org> - Organização Não-Governamental e sem fins lucrativos que atende crianças carentes do bairro de Capão Redondo-São Paulo-SP com reforço escolar, alimentação e atividades recreativas e culturais. Localiza-se na Zona Sul, Rua Catarina Mauad, 269 – Jd. das Palmeiras

- Casa do Zezinho - <https://www.casadozezinho.org.br/> - A Casa do Zezinho é uma entidade não governamental, localizada entre os bairros Capão Redondo, Parque Santo Antônio e Jardim Ângela, na Zona Sul da cidade de São Paulo e é um espaço de oportunidades de desenvolvimento para crianças e jovens em situação vulnerável. Há diversos projetos de educação, saúde, apoio às famílias e artes. Rua Anália Dolácio Albino, 30 - Parque Maria Helena, SP - Subprefeitura do Campo Limpo

- Ação Comunitária - www.acomunitaria.org.br/ - é uma organização auditada, que luta contra a exclusão social por meio do trabalho de desenvolvimento comunitário com famílias, cursos profissionalizantes para jovens e programas de educação integral para crianças e adolescentes em bairros de alta vulnerabilidade. Rua Amacás, 243 - Campo Limpo

- A ONG Bem Querer – Assistência Social www.bemquerer.org.br/ - tem ainda como trabalho o apoio a jovens recém-saídos da Fundação Casa e que buscam a sua reinserção na sociedade. É éopor meio de parcerias que consegue o sucesso deste projeto. Através de convênios com empresas do setor privado, busca os recursos necessários para a manutenção e aprimoramento de suas atividades. R: Iriri Mirim, 169 - Jardim Santa Terezinha, subprefeitura de Itaquera e ao distrito de Cidade Líder.

- Projeto MARCO - Múltipla Ação Comunitária Regional - <http://www.marco.org.br> - uma entidade filantrópica, mantenedora do NIB Núcleo Infantil do Butantã, que hoje da assistência a 280 crianças, cujas famílias de baixo poder aquisitivo, não tem onde deixar seus filhos para que possam trabalhar. Rua Lício Marcondes do Amaral, 513 - Morumbi

- Projeto Pescar - <http://site.projetopecar.org.br> - promove oportunidades de desenvolvimento pessoal, cidadania e iniciação profissional para jovens em situação de vulnerabilidade social, por meio de parcerias com empresas e organizações.

- Há 27 anos, a Associação Vida Jovem - <http://www.vidajovem.org/> - investe na formação integral de crianças e adolescentes. Oferecem cursos de capacitação profissional e atendimento psicossocial ao adolescente, sua família e comunidade. A região de atuação, Heliópolis, possui aproximadamente um milhão de metros quadrados, localizada ao sul do município de São Paulo, hoje congregando em torno de quinze comunidades, área considerada de vulnerabilidade social muito alta. Rua Padre Marchetti, 240/242, Ipiranga

- Aldeia do Futuro - <http://www.aldeiadofuturo.org.br> - tem projetos de formação de jovens para o mercado de trabalho, com cursos de Cabelereiro, Monitor de Recreação e Lazer, Técnicas Administrativas, Informática, Telemarketing e Vendas, Produção Audiovisual, Gastronomia/Confeitaria. Possui ainda projetos sobre atuação comunitária e protagonismo juvenil, oficinas de arte, núcleos de comunicação e de relação com as famílias. Rua Jorge Rubens Neiva de Camargo, 228 - Bairro: Americanópolis, distritos do Jabaquara e Cidade Ademar

- Fundação Julita - <http://fundacaojulita.org.br> - Possui programas de educação infantil (de 1 mês a 4 anos), oficinas de arte, formação profissional com orientação para o mercado de trabalho e técnicas

comerciais e administrativas. Rua Nova do Tuparoquera, 249 - Jardim São Luis, subprefeitura do M'Boi Mirim, juntamente com o distrito de Jardim Ângela, Zona Sul.

- Gotas de Flor com Amor - <http://gotasdeflor.org.br> - Os atendidos pelo Gotas de Flor com Amor, moram em comunidades de favelas e cortiços, nos bairros de Campo Belo e Brooklin. As crianças que frequentam a instituição diariamente, no período (4 horas) em que não estão na escola formal. Recebem 2 refeições, almoço e café da manhã ou da tarde. Há ainda projeto de preparação de jovens de 16 a 21 anos para o mercado de trabalho. Rua Vicente Leporace, 495 - Brooklin, distrito de Campo Belo.

- Instituto Reciclar - <http://www.reciclar.org.br> - Proporciona a adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social, oportunidades de educação e aprendizado profissional por meio de oficinas de reciclagem para jovens a partir dos 16 anos e com projetos de inserção no mercado de trabalho. Avenida Presidente Altino, 973 – Jaguaré, distrito de Jaguaré.

- Obra do Berço - <http://www.obradoberco.org.br> - possui projetos para atender jovens em situação de alta e altíssima vulnerabilidade social, como o de educação empreendedora para jovens, educação infantil, oficinas de arte e de saúde e alimentação. Rua do Chico Nunes, 173 – Jd. Rebouças, Distrito Vila Sônia, Subprefeitura do Butantã

- Programa Educar - <http://www.programaeducar.org.br> - Projetos para formação em mecânica, informática e comunicação/jornalismo. Rua Catipara, 272 - Brooklin

Anexo 2 – Perguntas para Dados Morfológicos dos entrevistados

Nome:

Data de nascimento:

Sexo:

Estado civil:

Escolaridade:

Profissão:

Escolaridade e profissão dos pais:

Escolaridade e profissão dos avós:

Número de filhos e idade:

Vivem juntos?

Onde nasceu?

Quando chegou a São Paulo?

Onde já morou em São Paulo e quando?

Como morou em São Paulo (aluguel, casa de cômodo, casa própria, casa de parente, casa cedida pelo patrão, outros), especifique.

Bairro/Região em que reside:

Quando chegou ao local da atual residência?

Tipo da residência atual (aluguel, casa de cômodo, casa própria, casa de parente, casa cedida pelo patrão, outros)

Vínculo empregatício:

Você pode indicar aproximadamente em que faixa se situa a renda atual de sua família:

- Até 2 salários mínimos
- De 2 a 3 salários mínimos
- De 3 a 6 salários mínimos
- De 6 a 10 salários mínimos
- De 10 a 15 salários mínimos
- De 15 a 25 salários mínimos
- Acima de 25 salários mínimos

Anexo 3 – Roteiro das entrevistas

Roteiro de entrevista para o gerente de vendas do Instituto Reciclar:

1. Quando a ONG foi fundada?
2. Qual o objetivo da ONG?
3. Qual o público atendido? De onde as crianças vem?
4. Quais as atividades realizadas com elas ?
5. Quem trabalha na ONG?
6. Quais as atividades que vocês realizam?
7. Como a ONG se mantém? Possui financiamento de algum tipo ou alguma parceria com o poder público?
8. Como é o entorno?
9. Como era a região antes da ONG se instalar?
10. Há alguma outra instituição agindo na área?
11. Há outras pessoas com o mesmo perfil do atendidos na região que a ONG “não dá conta” de atender?
12. Quais os maiores problemas que vocês tiveram desde quando estão instalados?
13. Qual a resposta que vocês tem tido da região em relação ao trabalho que fazem?

Perguntas para os jovens atendidos pela ONG:

1. Como ficou sabendo do projeto/ da ONG? O que mais te interessou?
2. Quando entrou no projeto? (especifique mês e ano)
3. Antes de vir para cá, o que você fazia, como era o seu dia-a-dia? Me conte um pouco
4. O que esperava encontrar na ONG?
5. E você encontrou? Gosta daqui, por que?
6. O que precisou fazer para ser aceito aqui? Tinha alguma entrevista, como é que se faz para entrar no projeto?
7. E você se dá bem com as pessoas daqui?
8. Vocês tem relações em outros lugares que não só aqui na ONG? Onde?
9. Aqui na ONG, você começou fazendo o que? -8. Me conte um pouco como era esse seu trabalho e por quais trabalhos passou aqui dentro.
10. Você recebe um salário? Como funciona?
11. O que você faz com o seu salário?
12. É suficiente para o que você precisa?
13. Você tem aulas aqui?
14. O que você aprende?
15. Você vai à escola? Como você diria que são as aulas da ONG em relação à escola?
16. Você acha que ter entrado para a ONG mudou alguma coisa para você? O que? Por que?
17. E o que pretende fazer quando sair daqui? Quais são seus planos de futuro?

Roteiro de perguntas para a coordenadora pedagógica do Instituto Reciclar

1. Há quanto tempo você trabalha na Reciclar?
2. Qual é a sua formação?
3. Quais suas funções como coordenadora pedagógica?
4. Sempre teve esta função?
5. Tem uma equipe? Quem compõe?
6. Quem fundou a ONG? Você ainda tem contato seus fundadores?
7. Como a Reciclar se mantém financeiramente?
8. Qual a sua relação com os jovens?
9. Como vocês recrutam os professores que dão as aulas para os jovens?
10. Como funciona a seleção dos jovens que vão entrar na Reciclar?
11. Como vocês recrutam esses jovens?
12. Se ela responder que recruta só na escola – Além da escola, vocês recrutam diretamente no bairro, em quais e como?

13. Como os jovens são selecionados?
14. Há um limite de idade?
15. Por que esse limite?
16. Qual é o perfil de jovem selecionado? E dos que não são selecionados?
17. Há um momento em que os jovens são desligados da Reciclar? Quando e por que e com qual frequência?
18. Os jovens que estão chegando à idade limite de permanecer na Reciclar participam de um programa para aprender mais sobre carreiras? Como funciona este programa?
19. Os jovens são incentivados a seguir uma carreira? Que tipo de carreira?
20. No site da Reciclar, há uma série de parceiros. No que eles são parceiros? (cite os parceiros para ela)
21. Os jovens são encaminhados para essas empresas parceiras, há alguma articulação?
22. Como a Reciclar se mantém financeiramente?

Anexo 4. Entrevistas com os jovens

Nome: Denise Agustino da Silva

Data de nasc: 17/03/1996. 19 anos
 Escolaridade: Ensino superior incompleto
 Profissão: Auxiliar de produção
 Nasceu em São Paulo
 Habita no bairro do Jaguaré
 Escolaridade do pai: Ensino fundamental incompleto
 Escolaridade da mãe: Não frequentou a escola
 Renda da família: de 2 a 3 salários mínimos

Denise, como você ficou sabendo aqui do Reciclar?
 Fiquei sabendo por amigos da escola
 E quais eram as suas expectativas quando você ficou sabendo?
 Eu queria adquirir experiência de trabalho, desenvolvimento. Queria falar melhor, eu era muito fechada.
 Quando você começou aqui?
 Comecei no dia 16 de maio de 2012.
 Nossa, você lembra até o dia!
 É.
 Quantos anos você tinha quando começou?
 Tinha 16.
 E como era a sua vida antes de você entrar aqui no Reciclar?
 Ah eu ia pra escola de manhã e depois ficava em casa, ficava no computador.
 Você não tinha mais nenhuma atividade? Um curso, ou algum esporte?
 Eu jogava vôlei
 Bem, e quando você começou aqui, o que você achou?
 Eu achei que ia ser mais fácil. Mas foi difícil com as pessoas. Elas não te aceitam, ser novo é difícil.
 Mas eu fui ganhando as pessoas aos poucos e virei coordenadora em três meses. Aprendi a fazer relatórios, melhorei a escrita.
 E quanto às expectativas de ganhar experiência?
 Foi ótimo. Eu queria ser advogada, mas não gosto muito de ler, gosto mais de trabalhar com pessoas, gosto de desenvolver dinâmicas. E as pessoas gostam, às vezes até se emocionam, se às vezes tem problemas em casa. Eu sinto que agora eu estou pronta pra fazer uma entrevista. Eu vejo aqui que tem muitos que não sabem, não estão prontos. Aí eu estou desenvolvendo isso com eles. Eu tô cursando gestão de RH. E eu ainda quero estudar economia também.
 Qual foi o procedimento para você começar aqui? Teve uma entrevista?
 Houve uma entrevista. Perguntaram quanto meus pais ganhavam, quiseram saber se eu estava interessada. Para o curso não teve nenhuma prova.
 E como são as aulas aqui?
 São boas. São para coisas mais práticas, da vida mesmo.
 E quanto aos seus amigos daqui. Vocês marcam de sair também ou só se vêem aqui?
 Sim, a gente marca de sair, vamos pra festas, coisas assim.
 Bem, você me disse que é coordenadora. Mas quando começou, quais eram as suas funções?
 Ah eu era funcionária normal, passava pela limpeza, pela cozinha e pelo processo de reciclagem.
 E quando você virou coordenadora, como foi?
 O começo foi difícil, as pessoas não aceitavam, porque eu era nova aqui. E quando me chamaram, me falaram que tinha gente que era até melhor que eu, mas que queriam me dar uma oportunidade, e que precisavam de alguém pra ficar 3 anos.
 Denise teve de voltar aos seus compromissos na coordenação da linha de produção de reciclagem e a entrevista foi interrompida.

Nome: Taisa Bezerra da Silva

Data de nasc: 12/05/1996 - 19 anos

Escolaridade: Ensino médio completo

Profissão: Auxiliar de produção

Nasceu em São Paulo

Habita no bairro do Jaguaré

Escolaridade do pai: Ensino médio completo

Escolaridade da mãe: Ensino fundamental completo

Renda da família: de 2 a 3 salários mínimos

Primeiro eu queria saber como você ficou sabendo daqui da Reciclar?

Alguns familiares meus passaram por aqui, eles falaram que seria uma experiência boa pra mim. E eu resolvi tentar.

Quem foi? Irmãos? Primos?

É, primos meus, um tio também passou por aqui.

E quando você ficou sabendo, quais foram as suas expectativas?

Ah eu queria muito entrar aqui. Aí eu vim aqui, fiz uma prova. Aí na primeira vez eu não fui chamada pra entrar aqui. Aí depois de um tempo, uns dois meses, me chamaram pra fazer a entrevista. Aí passei na entrevista e passei pra começar a trabalhar.

Mas antes de você começar o trabalho mesmo, o que você esperava encontrar aqui? O que você achava que ia fazer?

Todo mundo falava que era bom, dava experiência, então eu esperava isso né? Também me tornar mais responsável porque eu nunca tinha trabalhado antes.

Quantos anos você tinha quando começou?

16

Legal. Então você começou.... em que ano?

Eu entrei aqui em 2012

2012. Então você começou a trabalhar lá no processo de reciclagem que eu conheci. Você já começou como auxiliar de produção?

Isso

Então esse é o seu cargo desde que você entrou?

E aí quando você começou, que tinha as aulas, o trabalho, você gostou de tudo o que você encontrou?

Eu gostei muito das aulas, elas são interessantes, e eles passam coisas diferentes da escola, até coisa assim, eu gosto bastante de matemática, eles passam matemática financeira

Ah tem mais a ver com as coisas do dia-a-dia?

É, diferente das aulas da escola.

Você disse que entrou aqui em 2012. Você lembra o mês?

Outubro

Você falou que quando entrou aqui teve que fazer uma entrevista. Foi só a entrevista mesmo? Não tinha uma prova?

Não, na época que eu entrei era só a entrevista mesmo.

Aí nessa entrevista, como era mais ou menos? Eles queriam saber o que?

Ah primeiro eles viram meu boletim da escola, porque tem que ter boas notas pra entrar aqui. Pra falar a verdade não me lembro direito o que me perguntaram. Aí gostaram do meu boletim, falaram que tava muito bom. Aí tava eu e outra pessoa, eles disseram que só uma de nós duas ia entrar. Aí a gente ficou esperando na sala, depois chamaram nós duas e contrataram nós duas

Ah então pelo visto importa bastante a coisa da nota, de ir bem na escola né?

É, tem que ir bem na escola, não pode ter muitas faltas também.

Qual escola você estuda?

Eu estudei... quando entrei aqui era na Gabriel Brito acho.

Você mudou várias vezes de escola?

Não só...eu fiquei da primeira à oitava na mesma escola, e do primeiro ao terceiro estudei em duas.

Ah entendi. Bom, então você começou aqui o trabalho... você se deu bem de cara com as pessoas daqui?

Não, assim, eu era...eu ainda sou muito tímida, mas eu era muito mais tímida quando eu entrei. E aí eu

conhecia poucas pessoas aqui, foi complicado né? Pra interagir com as pessoas. Mas foi só o começo mesmo.

E hoje em dia? Tem vários amigos?

É

E essas pessoas que você tem amizade hoje em dia, você só encontra aqui ou vocês saem, marcam coisas fora?

A gente sai também

No seu tempo livre, o que você gosta de fazer?

Ah eu gosto de sair pro shopping, cinema. Gosto de ficar em casa também, gostos de ler. Aí por enquanto eu não comecei a faculdade ainda, aí dia de quinta-feira eu faço curso aqui de espanhol, faço teatro dia de sábado

Legal, bastante coisa. Você pretende prestar o vestibular este ano então?

Sim.

O que você pretende estudar?

Eu quero fazer psicologia

E você sabe quais faculdades você quer tentar?

Não

E tem vestibular no meio do ano? Ou só no final?

Não tô lembrada, acho que tem no meio do ano. Mas eu tava pretendendo começar no ano que vem.

Me conta um pouco sobre a sua rotina aqui dentro. Você chega e faz o que?

A gente chega, aí quando tem produção, que não é todo dia que tem produção, eu fico na linha mesmo, da produção, aí a gente vai verificar as folhas, ver se estão secas, se já dá pra tirar do varal. Olha a escala né? Pra ver em que lugar vai tá, e dependendo, já começa a produção. A gente fica lá até meio-dia, meio-dia almoça. Até uma hora. Aí fica lá embaixo. E das 15h às 17h, como é meu último ano, porque é diferente pra quem tá no último ano. Tem o Ancora de Carreiras, aí a gente fica lá com a nossa coordenadora pedagógica fazendo esse projeto.

E como funciona esse projeto?

Ah eles dão um suporte assim, principalmente pra quem tá com muita dúvida de que carreira seguir. Também a gente vai participar de um projeto, acho que é com o Senac, vamos. Por exemplo, eu quero fazer psicologia, aí eles vão me levar pra passar um dia com uma psicóloga pra ver como que é o trabalho, saber se é isso mesmo que eu quero.

Ah entendi, que oportunidade legal. Muito bem. Sobre o seu trabalho aqui, você recebe um salário né?

Sim.

um salário mínimo?

Isso.

E o que você faz com o seu salário?

Metade dele eu ajudo em casa.

E o resto você gasta com o que você quiser?

É.

Você acha que esse salário é suficiente para o que você precisa?

Não

É baixo?

É porque eu pretendo também começar a faculdade no ano que vem, porque dependendo, eu não sei se vou conseguir a bolsa. Porque se for pra pagar, com um salário mínimo não tem condições. E aí, como esse é o meu último ano aqui, eu pretendo já começar a trabalhar em outro lugar.

Você já se formou no colegial né? Então você não está estudando fora as aulas daqui?

Isso, só aqui

E você acha então que ter entrado aqui na ONG mudou alguma coisa pra você? Na sua vida?

Mudou muito, principalmente na parte da minha timidez. Como eu te disse, eu sou tímida, mas eu era muito mais antes de entrar aqui. Aqui tá me ajudando muito.

Entendi. E além dessa parte pessoal, na coisa profissional também ajudou?

Sim, principalmente esse ano, porque é um ano que eles estão ajudando pra ver, assim, essa coisa da profissão, pra saber como que é lá fora nos outros lugares, a gente vai visitar empresas também

É em grupo, vai todo mundo junto?

Vai

E a última pergunta seria sobre o que você quer fazer no futuro. Você já me disse que quer fazer psicologia. Mas você tem mais algum outro plano pro futuro?

Além disso, eu também quero, eu tenho muita vontade de ser modelo também, e eu vou tentar isso também.

Você já foi atrás de uma agência ou alguma coisa assim?

Já

Ah legal, então você tá indo atrás mesmo. Entendi. Muito obrigada Taisa, é só isso mesmo.

Nome: Paloma dos Santos

Data de nasc: 17/12/1995 - 19 anos

Escolaridade: Ensino médio completo

Profissão: Auxiliar de produção

Nasceu em São Paulo

Habita no bairro do Jaguaré

Escolaridade do pai: Ensino fundamental completo

Escolaridade da mãe: Ensino fundamental completo

Renda da família: De 2 a 3 salários mínimos

Oi Paloma. Por favor, me conta como você ficou sabendo daqui.

Fiquei sabendo com o Diego que trabalha aqui no Reciclar, que ele me indicou né?

Você conhecia ele de onde?

Eu conhecia ele pela minha tia. Aí ele falou pra ela, e ele me indicou pra cá.

Ah vocês eram amigos já antes?

Isso

Entendi. Então você ficou sabendo, e veio pra cá fazer uma prova?

Uma entrevista

Ah tá. E o que você esperava quando você passou na entrevista?

Então, quando eu vim, eu não passei na entrevista. Aí eles me deram a oportunidade de fazer curso no período da tarde. Aí depois de um tempo, eles *ia* me chamar pra trabalhar na produção lá embaixo.

Depois de um tempo eles me chamaram.

Depois de quanto tempo mais ou menos? Você lembra?

Eu entrei aqui era março, acho que em maio eles já me chamaram já.

Isso em que ano?

2012. E não foi maio, foi 6 de junho

Ah em junho. Mas então quando você começou, o que você tinha de expectativa?

É, eu achei que ia ser totalmente diferente. Não que a gente só ia trabalhar na produção, achei que a gente ia trabalhar só em um lado da produção, fazendo produtos, cadernos, e não de outro lado, que é o fechamento né? Não achei que ia ser bem assim.

Mas você achou que você ia fazer amigos também?

Não

E você achou que ia se desenvolver em outras coisas?

Sim. Eu acho que tô me desenvolvendo mais esse ano.

Esse ano você acha que tá diferente?

Porque agora eu tô no Ancora né? O Ancora de Carreira, aí a gente vai conhecer novos lugares.

Vocês vão fazer visitas?

Isso. Aí eu acho que essa coisa aí... eu gosto mais.

Legal. E quando você começou aqui, você gostou?

No começo sim. Mas agora não gosto muito não.

Você cansou?

É

E você se deu bem com as pessoas daqui quando você entrou?

No começo eu não tinha me dado bem com as pessoas, mas agora me dou bem, bastante.

Você fez amigos?

Sim, bastante.

E você chega até a encontrar essas pessoas fora daqui?

Algumas

Só os mais próximos né? Bem, você me disse que é auxiliar de produção né? E o que você faz como auxiliar de produção? Qual que é a sua função?

A função que a gente faz lá embaixo?

Isso

A gente faz produtos né? A gente faz a folha normal, pra fazer caderno, calendário, é o que a gente faz nesse processo de produção.

Legal. E você sempre teve essa função? De auxiliar de produção?

Isso.

E você recebe um salário pelo seu trabalho?

Como que funciona? É um salário mínimo né?

Sim

E você faz o que com o seu salário?

Ajudar em casa e ficar com o resto pra mim.

É metade - metade?

É, mais ou menos.

E você acha que esse salário é suficiente pras coisas que você precisa?

Não

Porque, o que você acha que falta?

Ah meus gastos são bem mais

Você já está na faculdade?

Ainda não

E você quer começar?

Eu quero começar quando sair daqui.

O que você quer fazer, já sabe?

Olha, eu tava querendo fazer uma coisa mas não quero fazer mais. Aí quando a gente tem o grupo lá embaixo, no período da tarde, como a gente vai conhecer as empresas pra ver qual profissão a gente vai querer mesmo, aí eu já vou me encaixar nisso daí pra ver.

Ah vai ser bom pra você ter uma idéia né? O que você queria mas desistiu?

Era pedagogia

Porque você desistiu?

Muitas pessoas falavam “aí você vai fazer pedagogia? Coitada das crianças, vai matar elas”, aí até desisti.

(Risos) Porque? Você é brava?

É.

Bem, sobre a parte das aulas aqui, vocês tem aula de matemática, português?

A gente tinha, até ano passado. Aí como esse ano é o último ano de algumas pessoas, a gente é do Ancora. A gente faz coisa diferente.

Aí não tem mais aula?

Não.

E quando você tinha as aulas, você gostava? O que você achava das aulas?

Ah gostava.

Elas são iguais as aulas que você tinha no colégio ou não?

É, mais ou menos.

Porque?

Porque eles passavam alguma coisa aqui, aí na escola era diferente. Aí tinha algumas coisas que eles não passavam na escola mas passava aqui, que a gente aprendia aqui e não aprendia na escola.

Algumas pessoas me falaram que as aulas que vocês tem aqui são um pouco mais práticas né?

É.

Você acha então que isso tem utilidade?

Sim.

Pra terminar eu queria saber se você acha que ter entrado aqui na ONG mudou alguma coisa na sua vida.

Sim. Tem que falar porque?

Sim (risos)

Eu acho que eu era muito levada na vida antes de eu entrar aqui. Aí quando entrei aqui eu mudei, conheci pessoas boas que *fez* eu abrir a cabeça, ver o que é certo e o que é errado. Eu acho que a Reciclar mudou sim um pouco a minha vida.

E te ajudou também nessa coisa de preparar pro futuro?

Sim, eu acho mais esse último ano, nos anos que eu entrei não.

Ta bom, é só isso. Obrigada.

Obrigada você.

Nome: Kauane Carolina de Lima

Data de nasc: 01/04/1997 - 18 anos

Escolaridade: Ensino médio completo

Profissão: Auxiliar de produção

Nasceu em São Paulo

Habita no bairro do Jaguaré

Escolaridade do pai: Ensino médio completo

Escolaridade da mãe: Ensino médio completo

Renda da família: De 2 a 3 salários mínimos

Me conta, por favor, como você ficou sabendo aqui do Projeto Reciclar?

Bom, pela escola. Quando eu estudava, a diretora da escola passou na minha sala e perguntou se alguém tinha interesse. E aí eu levantei a mão, e ela anotou meu nome e me indicou aqui pro reciclar

E aí você veio aqui e fez uma entrevista?

Não, na verdade eu vim, era uma outra pedagoga que ficava aqui com a gente que era a Grazi, e aí eu vim, dei meu nome, e ela pediu pra eu preencher uma ficha pro curso. Por enquanto eu ficava só no curso. Aí quando deu um certo tempo, quando eu fiz 16 anos, a Merielen me chamou pra trabalhar Ah entendi. Então foi meio que automático né? Você já tava aqui e continuou né?

Isso

E quando você ficou sabendo, lá na escola, da Reciclar, quais foram as suas expectativas? O que você achou que ia encontrar aqui?

Bom, novas oportunidades, porque, quando me indicaram aqui, falaram que a gente ia ter a oportunidade do primeiro emprego, e quando a gente saísse, eles iam indicar a gente prum outro lugar, ou incentivar a gente a fazer faculdade, essas coisas. A minha expectativa era que quando eu entrasse aqui, eu ia ter a oportunidade de primeiro emprego, conhecer pessoas novas, porque eu nunca tinha trabalhado antes.

Você começou com quantos anos?

Com 16.

Isso em 2013 né?

Isso.

Quando você começou, tanto o curso quanto o trabalho, você gostou?

Gostei.

E você se deu bem com as pessoas?

Sim, me dei.

Você sempre foi auxiliar de produção ou você já teve outro cargo aqui?

Não, sempre fui auxiliar de produção

Bem, você disse que se deu bem com as pessoas. Atualmente você tem amigos aqui?

Sim.

São amigos até que você sai, faz coisas fora daqui?

Sim, e eu tenho uma irmã aqui. Ela trabalha também, ela começou a trabalhar essa semana.

Ela é mais nova?

É, mais nova do que eu. Tem 16.

Bom, quando você não tá trabalhando aqui, se você já terminou o ensino médio, então você está aqui de manhã na produção

Aham

E as aulas daqui você continua fazendo ou não faz mais?

Eu faço as aulas daqui.

E fora isso, no seu tempo livre, o que você gosta de fazer?

Gosto de ler, ouvir música, eu, por exemplo, quando eu entrar na faculdade, eu vou fazer a prova pra entrar na faculdade agora, então quando eu chego em casa eu estudo.

Você vai prestar agora no meio do ano?

Vou

Pra qual faculdade?

Mackenzie

E qual a matéria? O que você quer estudar?

Arquitetura

Ah que legal. Boa sorte. Agora me conta como é o seu dia-a-dia aqui. Você chega e faz o que?

Bom, eu chego, subo pra tomar café, me troco, organizo lá embaixo a produção, e aí a gente faz exercício.

Que exercício?

Alongamento, no começo do dia.

Ah tá.

E aí a gente começa a produção lá embaixo.

Sim, eu conheci a produção como funciona. Aí cada dia você faz uma função lá? Tem essa rotatividade?

É, tem que ir no quadro ver a escala.

Pelo seu trabalho aqui você recebe um salário né?

É

É um salário mínimo né?

Isso

E você faz o que com o seu salário?

Eu guardo

Só guarda?

Ah agora tô começando a ajudar em casa, mas eu guardo normalmente.

E você acha que esse salário é o suficiente pra o que você precisa?

Por enquanto, sim.

Porque dá pra guardar né?

É

As aulas que você tem aqui, o que você aprende?

Português, matemática, informática, conhecimentos gerais e eu aprendia xadrez. Mas agora o professor não pode mais dar aula pra gente.

Ah que pena.

Era muito bom, eu gostava.

Bom, você agora acabou a escola. Mas em comparação as aulas que você tinha na escola, e as aulas daqui, você diria que é parecido?

Não, não é parecido.

Porque? O que tem de diferente?

Aqui é mais pra... eu diria pra agregar. Lá já era pra ensinar.

Algumas pessoas me disseram que algumas coisas que vocês tem aula aqui é mais pra vida prática.

Isso, mais pro nosso dia-a-dia.

Bem, você já me disse que depois que sair daqui quer fazer faculdade de arquitetura. Tem mais algum plano pro futuro?

Eu pretendo abrir um salão de festas, um buffet.

Ah que legal. Aqui na região?

É, talvez.

Bem, última coisa, você acha que ter entrado aqui pra ONG então mudou alguma coisa na sua vida? E porque?

Olha, mudar, mudar, não mudou. Mas fez algumas diferenças.

Tipo o que?

Tipo conhecer pessoas que, pra mim, eu nem ia conhecer na vida. Ter professores bons, que agregam pro meu futuro, com certeza. Lá embaixo, a produção, eu nunca ia fazer idéia de como se recicla um papel se eu não entrasse aqui.

Mas aquela coisa que você tinha a expectativa no começo, aquela coisa do primeiro emprego, e ganhar experiências de trabalho, você acha que deu? Ou não muito?

Deu, ajudou bastante.

Ok, então é só isso mesmo Kauane. Obrigada.

Nome: Ivaneide Marques da Silva

Data de nasc: 21/07/1996 - 19 anos

Escolaridade: Ensino médio completo

Profissão: Auxiliar de produção

Nasceu em São Paulo

Habita no bairro do Jaguaré

Escolaridade do pai: Ensino médio completo

Escolaridade da mãe: Ensino fundamental completo

Renda da família: De 2 a 3 salários mínimos

Por favor, me conta Ivaneide, como você ficou sabendo aqui do Projeto Reciclar?

Eu fiquei sabendo pela minha escola, que eu fazia. E eles me indicaram pra fazer o curso aqui. No começo eu não sabia o que era, como funcionava né? Aí eu vim, fiz a minha inscrição, fiquei sabendo mais como era o curso que faz aqui em cima, como começa a linha de produção lá embaixo, tudo. Que aos 16 anos começa a trabalhar. Aí foi onde eu comecei a me interessar e vim fazer.

Aí você fez uma entrevista?

Sim, fiz uma entrevista pra ser selecionada, porque a gente só consegue entrar aqui pelas notas da escola. Então eles primeiro olham as notas, depois conversam com vocês?

Sim.

O que eles perguntam mais ou menos na entrevista?

A idade, o que a gente pretende alcançar aqui, quais são os nossos objetivos profissionais, pessoais, é mais ou menos isso.

Legal. Então primeiro você começou só com o curso e depois começou a trabalhar né?

Isso, comecei a trabalhar.

Então quando você começou o curso, quantos anos você tinha?

Eu tinha 15 anos.

E no ano seguinte você fez 16 e começou o trabalho né?

Acho que eu tinha uns 14, 15 anos, por aí.

Isso foi em que ano?

Em 2009.

Ah já faz um tempo. Aliás, acho que você é uma das que já está há mais tempo aqui.

É, já estou há bastante tempo.

Você então já terminou o colégio né?

Sim.

E aí você já está fazendo faculdade?

Eu comecei só que não era a área que eu gostava, então eu saí

O que era?

Era contabilidade. E não era o que eu me encaixava. Aí aqui a gente vai começar a receber palestras sobre as profissões pra gente escolher uma.

Legal. Ah voltando um pouquinho. Você ficou sabendo da ONG, e quais eram as suas expectativas antes de você entrar?

Bom, eu não tinha expectativa nenhuma porque quando eu entrei aqui, foi quando eu comecei a ter mais maturidade, ter mais responsabilidade também, tanto financeira como pessoal, aqui com a ajuda dos professores, e com a equipe lá embaixo, o pessoal da administração, a gente, eu comecei né? A ter mais foco no que eu queria e descobrir o que eu queria mesmo.

Bem, quando você começou você não sabia muito o que esperar, mas assim que você entrou, você gostou?

Gostei bastante.

Tanto das aulas como quando começou o trabalho?

Sim, os professores aqui são bem legais. Eles *tão* do seu lado, eles vão te ajudar em tudo o que você precisar, tanto fora como aqui dentro. São professores bem legais de se contar.

E você se deu bem com as outras pessoas que trabalham aqui?

Sim, me dei bem com quase todo mundo. Tem sempre aquela pessoa que você acaba não se dando bem e tudo. Mas hoje em dia eu me dou bem com todo mundo.

Você tem pessoas que você considera bem amigas?

Sim, umas eu considero bem amigas, outras nem tanto.

Essas pessoas que são mais próximas, você chega a encontrar fora da ONG?

Sim.

Você marca de sair?

Sim.

O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Ah eu gosto de passear, de ir ao cinema, de ler, essas coisas.

Você falou que é auxiliar de produção. Você sempre teve essa função?

Sim, sempre tive. É que a gente... eles colocam na nossa carteira "auxiliar de produção". Mas a gente sempre consegue, com as nossas habilidades, com o tempo, eles vão vendo a sua capacidade, vendo que você tem chances de crescer, e lá embaixo a gente é dividido em grupos, em duas operações né? Que é auxiliar de produção, e auxiliar de finalização. E nisso a gente pode virar coordenador. E em uma dessas oportunidades eu virei.

Ah! Você virou coordenadora por um tempo específico só ou continua?

É, tô até hoje. Entrei como coordenadora em 2013.

E como coordenadora, o que você tem que fazer? Quais são suas funções?

A minha função mesmo é controlar todo o estoque de produção. Então eu tenho que ficar dando entrada, saída de material, prestação de contas...

Ah então você lida mais com o material do que com as pessoas?

É.

Ou também com as pessoas?

Com as pessoas também. Tem que ter uma boa comunicação.

Você é responsável por colocar no quadro o que cada um vai fazer?

Não, eu sou mais responsável... mais pela parte física mesmo. Olhar espaço, ver o que falta, o que não falta, essas coisas.

A parte de cuidar das pessoas seria mais com a Denise?

É, mais a Denise.

Entendi. Bem, pelo seu trabalho aqui você recebe um salário, certo?

Sim.

É um salário mínimo?

É.

Você faz o que com o seu salário?

Eu ajudo em casa, guardo e pago as minhas despesas que eu tenho.

Você acha que esse salário é o suficiente pra o que você precisa?

Bom, no momento não tá sendo, porque a minha atividade financeira é construir minha casa, e eu quero casar também. O dinheiro tá pouco. Mas sempre deu pra ajudar bastante com o salário.

Quanto às aulas. Você ainda tem aula aqui ou já parou?

Bom, agora eu tô parte do... como eu tô saindo, a gente tá numa turma à parte, que a turma ancora. Então a gente tá na parte onde, a nossa função mais é descobrir o nosso, a nossa profissão. A profissão que a gente quer. Muitos já sabem, outros ainda estão em dúvida.

Então as aulas de matemática, português, não tem mais?

Não.

Bem, quando você tinha essas aulas, você achava elas boas? Gostava?

Sim, eu gostava muito. Me ajudou muito. Tanto na escola quanto na faculdade quando eu comecei, me ajudou muito. Muito mesmo.

Mas essas aulas eram do mesmo tipo das aulas que tem na escola? Ou um pouco diferentes?

É, um pouco diferente. Porque aqui é mais dinâmico, você tem mais liberdade de se expressar, consegue se impor melhor. Então aqui é mais dinâmico.

Você gostava mais das aulas daqui ou do colégio?

Daqui

Em qual colégio você estudava?

Eu estudava no Augusto Amaral.

Ah tá. Acho que a maioria das pessoas daqui vem de lá né?

É.

Bem, você acha que ter entrado aqui na ONG mudou alguma coisa pra você, na sua vida?

É, mudou bastante assim. Eu consegui conquistar muitas coisas aqui dentro.

Tipo o que?

Ah, eu consegui ter mais responsabilidades, que eu não tinha. Consegui ver o quanto os meus pais ralam pra conseguir aquilo que eles querem. E a partir daí, quando eu comecei a trabalhar aqui, eu percebi o quanto isso fazia diferença, a ter minha responsabilidade financeira, porque você tem que se manter sozinha. Sozinha entre aspas né? Você sempre vai ter os seus pais pra contar, mas você consegue ter mais liberdade com a sua renda mesmo. É isso que eu consegui aprimorar.

E quais são os seus planos pro futuro agora?

Bom, eu quero começar minha faculdade mas no momento eu não sei ainda o que eu quero, tô indecisa ainda, das profissões que eu quero. Mas esse ano já espero ter escolhido uma profissão que eu desejo.

Você pretende então prestar vestibular no final do ano?

Isso.

E você disse que vai casar, então tem os planos de família né?

É.

Legal, muito obrigada.

Nome: Edilson de Lima Costa

Data de nasc: 26/08/1996 - 18 anos

Escolaridade: Ensino médio completo

Profissão: Auxiliar de produção

Nasceu em São Paulo

Habita no bairro do Jaguaré

Escolaridade do pai: não frequentou a escola

Escolaridade da mãe: Até a 4a. série

Renda da família: De 2 a 3 salários mínimos

Por favor, me conta como você ficou sabendo que existia aqui a Reciclar.

Eu fiquei sabendo pela escola, a diretora informou, eu vim, fiz minha inscrição, isso eu tava a 8a. série.

Eu fiz a inscrição e comecei a fazer o curso, eu fiquei cursando antes de trabalhar até o terceiro ano. Ai eu comecei a trabalhar no final do segundo ano. Comecei a trabalhar e tô até hoje.

Isso foi em que ano?

Foi em 2012 que eu comecei a trabalhar.

Você lembra o mês?

Foi mês 9. Quando eu entrei pra trabalhar, mas aqui foi bem antes.

Pra fazer os cursos né?

É, eu tava na 8a. série.

Ah ta. Se você começou a trabalhar no segundo ano, foi dois anos antes. Então 2010 né?

É.

Bem, quando você estava na escola e a direto falou daqui, o que você começou a criar de expectativas?

O que você achou que ia encontrar aqui?

Eu entrei com o intuito de quando fizesse 16 anos, começar a trabalhar.

Então você queria ter uma experiência profissional?

É.

E quando começou o trabalho mesmo, você acha que as expectativas que você tinha, era isso mesmo?

Não, mudaram bastante, eu encontrei, como eu posso dizer? Novos horizontes.

Antes de você entrar aqui, na 8a serie, como era a sua vida?

Eu estudava e fazia recreação.

O que é isso?

Ah é onde eu ficava depois que ia pra escola.

Ah era em outro lugar, além da escola?

Isso

Que tipo de atividades você fazia?

Lá tinha um pouco de lição, um pouco de aula e a gente brincava lá.

E quando você passou aqui, você passou a ter aula de manhã na escola?

Não, era de tarde na escola e de manhã aqui.

E agora, você ainda tem aula?

Não, eu terminei os estudos. Só... eu sou da turma que vai sair.

Ah do ancora né?

É, do ancora.

Tudo bem. E quando você tinha as aulas aqui, você achava legal? Gostava?

Sim, gostava, me ajudou muito na escola, melhorei muito meu desempenho.

Mas eram aulas iguais à escola ou diferentes?

É, um pouco diferentes, complementava as aulas da escola.

Entendi. Você tinha o que aqui? Português, matemática...?

Português, matemática, conhecimentos gerais, informática. Era essas.

E quando você começou aqui, você se deu bem com as pessoas?

Me dei bem sim.

Tanto no trabalho quanto no curso?

É.

E você, que agora já tá no último ano, tem pessoas que você considera amigas?

Sim, muitas pessoas.

E vocês só convivem aqui dentro ou vocês saem?

É, fora também.

Legal. Você me disse que é auxiliar de produção né? Então como é seu dia-a-dia? Você chega aqui e faz o que?

Eu chego aqui, tomo café, aí eu desço pra oficina de produção, e lá todo mundo trabalha junto, ajuda o outro. A gente faz a reciclagem de papel. Aí funciona até, mais ou menos, o meio-dia, aí depois vai pro almoço, aí umas três horas sobe pro curso.

E esse horário que a gente está agora, uma hora da tarde, é livre?

Não. Às vezes tem produção, às vezes não, depende.

Quando não tem, o que vocês fazem?

Quando não tem a gente fica verificando papel.

Algumas pessoas me contaram que cada dia uma pessoa faz uma coisa né? Tem uma escala?

É, na produção tem uma escala, aí vai fazendo rodízio. Em um dia só todo mundo faz tudo lá. Faz o rodízio, todo dia.

Hoje, agora eu tô ajudando os coordenadores lá embaixo. Só fico ajudando os meninos.

Você não está no processo de reciclagem agora então.

Não, só tô auxiliando eles.

Esse trabalho que você realiza aqui, você recebe um salário por ele, certo?

Isso

Me disseram que é uma salário mínimo né?

É.

E o que você faz com o seu salário?

Ah eu pago minhas dívidas, às vezes ajudo em casa quando precisa.

Dá pra guardar um pouco?

Dá pra guardar.

Você diria que esse salário é o suficiente pra o que você precisa?

Ah não tanto né? Poderia ser um pouco mais.

Você terminou a escola esse ano? No ano passado?

Terminei a escola em 2013.

Você pretende continuar os estudos? Fazer faculdade?

Pretendo sim. Só não comecei ainda porque eu tava na fase de exército, eu quase servi. Então esse ano eu vou começar a fazer faculdade esse ano agora.

Nesse projeto Ancora vocês pesquisam um pouco sobre isso né?

É, sobre carreiras, faculdades.

E você já tem uma idéia sobre o que você quer fazer?

Ah então, quero fazer marketing.

Legal. Então você pretende prestar vestibular no final desse ano?

É, no finalzinho do ano.

Aí vocês também fazem visitas à empresas, coisa assim né?

É, em museu, isso na parte pedagógica. Mas no Ancora também, a gente vai pra empresas, vai conhecer novas profissões.

E você acha que isso te dá... te ajuda?

Ajuda a decidir se é isso mesmo. Muitas vezes a gente não conhece bem né? Só pela internet, pela boca dos outros.

É bom ver né?

É.

Bem, a última coisa. Eu queria saber então se você acha que trabalhar aqui na Reciclar mudou alguma coisa na sua vida.

Mudou bastante, eu aprendi muito, pude conhecer um pouco mais sobre o que eu queria, mudei de opinião muitas vezes.

Sobre o que você queria fazer?

É, sobre o que eu queria. Inicialmente eu queria ser engenheiro né? Mas com o tempo, com a ajuda de uma professora, eu pude conhecer um pouco mais de outras áreas, me interessei por marketing, foi isso.

E na parte de ter um pouco de experiência de trabalho, você acha que ajudou também?

Ajudou, a conviver com outras pessoas, aceitar a opinião de todos, muito importante isso.
Você então diria, se alguém te perguntasse, se vale a pena ir lá no Reciclar, você indicaria?
Indicaria, com certeza.
Legal. Obrigada, é só isso.

Nome: Ederson Caio dos Santos Sousa

Data de nasc: 14/07/1995 - 19 anos

Escolaridade: Ensino médio completo

Profissão: Auxiliar de produção

Nasceu em São Paulo

Habita no bairro do Jaguaré

Escolaridade do pai: Ensino médio completo

Escolaridade da mãe: Ensino médio completo

Renda da família: De 2 a 3 salários mínimos

Ederson, por favor, me conta como é que você ficou sabendo da existência aqui do Reciclar?

Então, na sétima série, acho que já faz uns... não lembro quanto tempo. *Tava* na sétima série, aí foram levar, contar sobre o Reciclar né? Pra gente saber como é que era. E tipo, de primeira eu não me interessei, mas aí umas semanas depois, eu vi dois amigos meus conversando. Na época era só curso de sábado de informática.

Aqui?

É. Aí eu vi meus amigos conversarem e eu me interessei. Aí eu vim aqui.

Ah eles estavam fazendo o curso?

Isso, aí vim aqui, fiz minha ficha e comecei. Acho que no mesmo dia que eu fiz.

Então isso, você começou tendo os cursos, e depois você começou a trabalhar?

Isso. Comecei a ter o curso nos sábados. Quando eu *tava* na sétima série era curso de informática só, aí na oitava era curso de português, matemática... é os mesmo que tem pra todas as salas agora. O delta, gama, alpha e beta.

Isso é o que? O nome dos cursos?

Não, das turmas.

Ah ta!

Alpha é o pessoal da manhã, é o da oitava série, tem o beta, que é tipo a turma um da tarde, gama é a turma dois da tarde também, e delta é a turma três, o pessoal mais velho. Aí é curso de português, matemática, conhecimentos gerais e informática.

E quando você começou esses cursos então, você gostou?

Gostei. Eu era bom na escola, mas só que eu fiquei melhor ainda, principalmente em matemática. Matemática, eu sempre gosto de dizer que eu era péssimo, aí quando eu cheguei aqui, comecei a fazer perguntas pro professor, a trazer coisas da escola pra cá pra ele me ajudar. E eu melhorei bastante.

Voltando um pouco. Quando você esses seus amigos te falaram que aqui era legal, que expectativa que você criou?

Então, sempre gostei de computador né? Mas só que eu nunca tive na minha casa, ia em lan house às vezes quando a minha mãe me dava dinheiro. Aí de início a minha expectativa era de aprender mais né? Sobre informática, como aprender a mexer na internet mesmo, que eu mexia mas não era tão bom assim.

E Word, PowerPoint, essas coisas.

Entendi. Então você nem pensava muito na parte do trabalho ainda? Você era mais novo né?

Eu era bastante novo pra trabalhar ainda.

Que ano você começou o curso de informática aqui?

2008.

E a trabalhar?

Em 2012.

Você lembra o mês?

Em março.

Quando você começou a ter as aulas, não só de informática, de todas as matérias?

Foi já na oitava série.

Ah no ano seguinte né?

Foi um ano depois que eu já tinha começado. Eu vinha aqui de manhã das oito às dez e quarenta e cinco, aí a gente tinha aula de português, matemática, conhecimentos gerais e informática.

E você achava que era, em comparação às aulas que você tinha na escola, você acha parecido?

Ah em alguns momentos, quando alguém trazia alguma coisa da escola pra fazer era parecido, mas

muitas vezes o professor tentava fazer algo diferente, novo, que a gente ainda não tinha visto na escola. Era mais adiantado?

Às vezes sim, às vezes não.

Você acha então que isso te ajudou não só na escola mas... porque algumas pessoas me disseram que essas aulas são bem práticas, de coisas do dia-a-dia, que se usa bastante. Você concorda?

Concordo.

Aí quando você começou a trabalhar lá na produção, você, como foi? Você se deu bem com todo mundo?

É, eu já conhecia a maioria do pessoal. Só o pessoal mais velho mesmo que eu não conhecia, o pessoal que já *tava* no último ano. Aí o pessoal que *tava* no segundo, primeiro ano eu já conhecia.

Das aulas né?

É. Então foi fácil fazer amizade.

Hoje em dia você está no último ano?

É, na verdade meu último ano era pra ser o ano passado, mas como ano passado eu fui convocado pra servir o exército, agora esse que vai ser meu último ano.

Então você tá no projeto Ancora né?

É.

Você então faz agora, algumas coisas relacionadas ao mercado de trabalho né? Descobrir o que você quer fazer, é isso?

É, mas eu já sei o que eu quero fazer. Eu quero ser fotógrafo.

Ah legal. Mas mesmo assim, você acha que tem alguma coisa que esse projeto *tá* te ajudando?

Sim, na educação. Como me comportar no trabalho, como conviver com as pessoas.

Vocês aprendem a fazer currículo?

Sim.

Ah desculpa, esqueci de perguntar uma coisa. Você disse que fez amigos aqui né? São amigos que você convive só aqui ou vocês chegam a se encontrar fora?

Não, a gente sai, vai pro cinema...

No seu tempo livre, o que você gosta de fazer?

Ah então, no meu tempo livre eu gosto de jogar video-game, assim coisas que às vezes é um pouco de moleque né? Jogar video-game, sair com meus amigos, essas coisas.

Pelo trabalho que você realiza aqui, de auxiliar, você recebe um salário. Me disseram que é um salário mínimo né?

Isso.

E você faz o que com o seu salário?

Então eu ajudo em casa com conta de luz, água e internet. E junto um pouco também, porque eu tô... eu quero ser fotógrafo então eu quero começar um curso no Senac. Então eu tô juntando dinheiro pra começar o curso. E também pra comprar uma câmera semi-profissional pra começar o curso.

Ah precisa ter a câmera pra fazer o curso?

Precisa. Por enquanto eu *tô* fazendo um curso online. Dá pra fazer sem câmera.

Então você acha que o salário que você ganha aqui é suficiente *pras* coisas que você precisa?

Por enquanto não.

Faltaria para o que? O seu curso?

É, ainda *tá* faltando. Eu *tô* juntando de pouquinho em pouquinho. A câmera semi-profissional já é cara, imagina a profissional né? E o curso no Senac é mais mil reais. Então tô tendo um pouco de dificuldade.

Quanto tempo dura esse curso?

Então, como eu vou iniciar, vai ser só quatro ou cinco meses, não lembro. Aí tem outras partes que é pra se especializar.

E você já sabe no que você quer se especializar ou por enquanto não?

Não, por enquanto. Só vou saber depois que eu começar.

É verdade. Legal. Ah, outra coisa sobre quando você entrou aqui. O que você precisou fazer pra entrar?

Então, quando eu entrei aqui eu só precisei fazer minha ficha. Só falei que *tava* interessado. Vim aqui, conversei com a coordenadora, na época acho que era a Meire. Aí conversei com ela e fiz minha ficha.

Ah tá, não teve uma entrevista assim?

Não, na época não.

Sobre o seu trabalho então, o seu dia-a-dia? Você chega aqui e faz o que?

Ah, eu chego, a gente pode tomar café, aí eu chego, a gente oito horas vai pra produção, faz um exercício

de cinco minutos, só pra alongar, pra não ter nenhum problema durante a manhã. Aí, não sei se você já conhece como é que é.

Eu visitei sim.

Então, vai depender da onde eu for escalado. Se eu for escalado pra ficar na bandeja, aí eu fico uma hora na bandeja, e a gente vai trocando. E pessoal quando não tá lá, vai verificando, vai fazendo outra coisa que ajuda. Ninguém fica parado.

Tem bastante coisa pra fazer né?

Tem.

Você disse que teve um ano que você ficou fora por causa do exército né? Aí você não tinha mesmo como vir pra cá né? Foi realmente interrompido?

É, foi totalmente.

Além do curso de fotografia, você tem algum outro plano pro futuro?

Talvez administração. Outra coisa que eu me interesse.

E você percebeu que você gosta disso aqui? Pelo projeto?

É, quando eu comecei a melhorar em matemática, porque administração tem né? Muito de matemática.

E tem mais alguma coisa?

Ah eu me interesse por enfermagem também, porque quando eu fiquei no exército eu aprendi um pouco a fazer algumas coisas, dar injeção, coisas assim. Achei legal.

E a fotografia? Você se interessou por alguma coisa que você viu aqui?

Ah eu me interessei, na verdade na festa de quinze anos de uma amiga minha. Eu fui convidado e levei a câmera da minha mãe. Aí eu comecei a tirar foto do pessoal. Aí, sei lá, fui gostando. O pessoal achou as fotos bonitas, falaram que eu tinha jeito e eu me interessei.

Que legal. Bom, pra acabar. Você acha então que ter feito parte aqui da Reciclar mudou a sua vida de alguma forma?

É, antes eu não sabia o que eu queria fazer, não imaginava nem de fotografia. E agora eu tenho planos, fazer um curso de fotografia, me tornar fotógrafo, quem sabe até um artista por causa da fotografia. Talvez jornalista também. Talvez eu queira fazer futuramente fotojornalismo. Então é uma coisa assim que eu nem imaginava.

Sei. Acho que abriu muito as suas opções né?

Sim.

Muito obrigada Ederson, é isso.

Nome: Bruno Jesus dos Santos

Data de nasc: 03/01/1998 - 17 anos

Escolaridade: Ensino médio incompleto (cursando o 3o. ano)

Profissão: Auxiliar de produção

Nasceu em São Paulo

Habita no bairro do Jaguaré

Escolaridade do pai: Ensino médio completo

Escolaridade da mãe: Ensino médio completo

Renda da família: De 3 a 6 salários mínimos

Bruno, por favor, me conta como é que você ficou sabendo aqui da Reciclar?

Bom, como eu fiquei sabendo foi por pessoas que já trabalharam aqui e me informaram desse projeto.

Aí me interessei e vim aqui fazer a inscrição.

Eram amigos seus?

Era um amigo. Ele já trabalhou aqui já.

Trabalhou na produção?

É.

E isso foi quando?

Isso foi em dezembro de 2013.

Que você ficou sabendo?

Que eu fiquei sabendo.

Aí no ano seguinte você veio aqui?

No começo do ano eles me chamaram pra fazer entrevista.

Então em 2014. E quando o seu amigo te falou daqui, que expectativa você criou? O que você achou que ia encontrar aqui?

Bom, eu queria evoluir mais e mais no mercado de trabalho né? Porque pra mim isso foi uma experiência a mais né? Tá sendo ainda.

E antes de você vir pra cá, em 2013, você *tava* só estudando ou você já trabalhava?

Não. Quando eu fiquei sabendo daqui eu estudava de manhã e fazia curso à tarde.

Que curso?

De Eletrolux, na Prefeitura, que fica aqui embaixo.

Aqui você tem o curso também né? Além da produção.

É.

É à tarde?

É, das três às cinco.

Me fala então como é o seu dia-a-dia aqui. Você chega e o que você faz?

Eu chego às sete e meia, trabalho das oito às três. Das três às cinco é curso.

Tem pausa de almoço?

Tem.

Aí às cinco você sai e acabou?

É.

Quando você entrou aqui você já tinha as duas partes, o trabalho e o curso?

Já.

Ah ta, porque algumas pessoas disseram que começaram só com o curso.

Eu já vim direto.

E você gostou?

Gostei, *tô* gostando ainda.

Digo, a primeira impressão foi boa?

Foi.

Tanto das aulas quanto do trabalho?

Sim.

E as pessoas? Você se deu bem com todo mundo?

É, demorei pra *se* acostumar mas fui *se* adaptando com o tempo.

O que demorou pra acostumar?

Ah eu não falava com muitas pessoas aqui, aí fui adaptando aos poucos.

Hoje em dia você diria que tem amigos aqui?

Tenho

E são pessoas que você convive só aqui ou fora também?

Não, convivo aqui e fora.

No seu tempo livre o que você gosta de fazer?

Ficar no computador, sair um pouco.

Seu tempo livre é mais fim de semana?

É, sábado e domingo.

Quanto às aulas, você vai se formar esse ano. Comparando as aulas daqui com as da escola, você diria que são...

Acho que as daqui são bem melhores que a da escola. Que eles usam um método de ensinar aqui que é diferente da escola. Porque na escola tem muitos alunos também né? E só um professor.

Ah aqui a turma é pequena?

É, aqui a turma é pequena.

Quantas pessoas tem mais ou menos?

Na minha sala tem uns 15. Mas tem sala que tem uns 20, por aí.

E no colégio?

É um pouco mais difícil de aprender. Por conta da bagunça também.

Aqui o pessoal é mais comportado assim?

É, um pouco mais comportado. (risos)

Ah uma coisa, você me disse que quando entrou aqui fez uma entrevista né? Foi só a entrevista? Teve alguma prova?

Foi, só entrevista.

E você lembra como era essa entrevista? O que eles perguntaram?

Perguntaram o que eu queria pro meu futuro, o básico assim.

Todo mundo me disse que conta bastante pra entrar aqui as notas da escola também né?

É.

Quiseram ver seu boletim?

Quiseram. Na época minhas notas não eram muito altas não.

É? Mas melhoraram depois?

Melhorou.

Como auxiliar de produção, você tem que fazer o que exatamente?

Bom, a parte que eu trabalho lá embaixo é dividido em duas partes né? Tem a parte da finalização e da produção. Então eu trabalho na produção. Lá é onde que se verifica o papel pra fazer a massa e com essa massa *nós produz* nosso papel. É essa parte que eu faço.

E esse trabalho te dá um salário, certo?

É.

Esse salário é uma salário mínimo né?

Isso

E o que você faz com o seu salário?

Guardo metade no banco, ajudo minha mãe também. O resto eu gasto.

Você acha que esse salário é suficiente *pras* coisas que você precisa?

Eu acho.

Esse ano você se forma na escola né?

Uhum

E no ano que vem, você pretende fazer faculdade?

Pretendo fazer um curso técnico.

Você está no último ano daqui?

Não. No Reciclar? Eu completei meu um ano dia dez de fevereiro.

Ah tá. É que algumas pessoas me falaram do projeto Ancora. Você não está nele ainda né?

É, ainda não.

Quando você começa?

Ancora só... acho que não vou pro Ancora. Já saio na Delta já.

O que é isso?

São três turmas né? A Alpha de manhã, a a Beta, a Gama e a Delta à tarde. Acho que... são três anos de Reciclar. Eu entrei na Beta, acho que vou sair da Delta mesmo.

Mas se você quiser fazer, não tem como?

Ancora acho que não, por causa dos três anos do Reciclar. Mas eles fazem quase a mesma coisa que o curso.

Bem, você acha então que trabalhar aqui mudou alguma coisa na sua vida? Tá mudando?

Mudou muito.

O que mais ou menos?

Tipo, antes eu não *tava* nem aí pra nada, sem responsabilidade nenhuma. Aqui você cria responsabilidade, você liga pras coisas né? Você liga mais pro seu futuro em si. Acho que é isso.

Você acha que todo mundo sai diferente daqui?

Eu acho. Sai com uma visão bem diferente de quando você entrou.

E na coisa mais prática mesmo, de aprender um trabalho, como se comportar no trabalho, essas coisas?

Acho também.

Então se alguém te perguntasse você indicaria? Diria que vale a pena?

Sim, claro.

E você tem mais algum outro plano pro futuro? Alguma coisa que você quer fazer?

Tem, acho que faculdade.

Você sabe qual curso?

Sei. Engenharia mecatrônica.

Que legal! Ta bom Bruno, é isso mesmo. Muito obrigada.

Nome: Thays dos Santos Silva - A COZINHEIRA

Data de nasc: 19/10/1997 - 19 anos

Escolaridade: Ensino médio incompleto (cursando o 3o. ano)

Profissão: Auxiliar de produção

Nasceu em São Paulo

Habita no bairro do Jaguaré

Escolaridade do pai: Estudou até a 4a. série

Escolaridade da mãe: Completou o ensino médio pelo curso supletivo

Renda da família: De 2 a 3 salários mínimos

Thays, por favor, me conta como você ficou sabendo que existia aqui o Reciclar.

Eu fiquei sabendo que existia o Reciclar por amigos. Alguns amigos falaram que era bom e que depois que a gente concluir o curso, falaram por cima, que depois de concluir o curso nós iríamos trabalhar. Só que não falaram como que era a ONG né? Eu não conhecia. Aí eu *tava* meio atordoada da cabeça, que eu tinha discutido com a minha mãe e eu resolvi sair de casa. Aí eu vim conhecer a ONG. Só que na época não era a Meriellen, era a Grazi. A Grazi me apresentou o projeto. Aí me inscrevi, aí me chamaram depois de um ano. Aliás, eu me inscrevi no final do ano, no começo do ano eles me chamaram. Aí eu já entrei fazendo curso. No outro ano eu já comecei a trabalhar.

Isso foi em que ano?

Foi em... faz dois anos que eu estou aqui. 2013.

No comecinho de 2013.

Você lembra o mês?

Foi janeiro, por aí.

Então você *tava* estudando e depois começou a trabalhar.

Isso, porque a gente começa a trabalhar quando completa os 16 anos.

Ah é verdade. Então você estava na escola e à tarde vinha aqui?

Então, a gente entra, a gente bate o cartão sete e cinquenta. Aí a gente tem que estar aqui mais ou menos umas sete e quinze, sete e vinte pra tomar café. A gente entra pra fila, bate o cartão, começa a trabalhar. Aí a gente tem horário de almoço, que é de uma hora. A gente bate o cartão meio-dia ou meio-dia e *meia*, dependendo do horário que você vai almoçar. Almoça uma hora, volta, bate o cartão uma hora ou uma e meia. Aí depois, três horas, a gente vem pra as aulas. Aí a gente fica até às cinco horas. Quem estuda, porque quem já é de maior já *tá* fazendo faculdade. Quem estuda, tipo eu, eu chego em casa, tomo um banho e vou pra escola.

É puxado.

É, um pouquinho, mas nada é fácil né?

Bem, essa é a sua rotina hoje em dia. Deixa só eu entender uma coisa. Antes de você começar aqui, em 2012. Você estava em que ano? Acho que final da oitava série né?

É, porque eu faço aniversário no final do ano.

E como que era antes? Você só estudava? Ou já tinha um trabalho?

Eu estudava e trabalhava no final de semana.

Onde você trabalhava?

Numa pizzeria. Aí eu trabalhava no final de semana com a minha mãe e estudava. Depois que eu comecei a vir pro projeto.

Essa pizzeria é da sua mãe?

Não, é do meu tio.

Ah ta. Mas você ajudava a sua família né?

É.

Legal. E agora que você faz as aulas aqui, você tem quais matérias aqui?

Aqui nós temos português, xadrez pra trabalhar a nossa paciência, porque aqui a maioria dos jovens são impacientes, temos matemática, conhecimentos gerais e informática.

E essas aulas são parecidas com a aula da escola?

É um complemento. A maioria das vezes bate o que a gente *tá* vendo aqui com o que a gente aprende na escola. Mas eles fazem de tudo pra não parecer que é a escola, pra não ficar muito repetitivo pra gente.

Algumas pessoas me disseram aqui que as aulas são bem práticas, voltadas pra coisas do dia-a-dia.

Isso.

É isso mesmo né? Bem, uma coisa sobre o começo: quando você ficou sabendo daqui pelos seus amigos, o que você criou de expectativa? O que você achou que ia encontrar aqui?

Eu achei que ia ser tudo moleza. (risos). Jovem é assim né? “Vou poder fazer bagunça, não vão me despedir mesmo”. Quando a gente entra, a gente entra com uma cabeça. Quando a gente *tá* no curso, a gente vê que é uma coisa. A gente começa a trabalhar, a gente começa a ter nosso dinheiro, a ter nossa responsabilidade de bater cartão, entrada e saída, bater certo pra não levar advertência, saber se comportar, essas coisas de empresa que eles pegam no pé. A gente muda. Muda muito a mentalidade por conta disso.

É, parece que muda mesmo. E assim que você entrou aqui, você lembra como foi a primeira impressão? Você gostou?

Gostei, gostei. Antes de eu entrar, a minha turma tinha montado um quebra-cabeça de mil e poucas peças. Cada sala montava mil e poucas peças pra depois juntar tudo. Aí todo mundo comentando, no começo do ano a gente sempre tem a parte da integração, como são três turmas. Tem a alpha, a beta e a gama. Aí juntaram as turmas e foi bem legal. Mas eu entrei depois, então eu fiquei meio por fora do que *tava* acontecendo. Aí depois que eu fui me enturmado. Mas eu gostei bastante. Por conta da integração. E hoje em dia você diria que tem pessoas aqui que são amigos? Ou mais colegas?

Então, eu, por eu ser mais cabeça, eu considero as pessoas como meus colegas. A maioria das pessoas andam juntas sabe? Até se decepcionar, como sempre. Mas eu considero como colegas, alguns apenas como colegas de trabalho e alguns que eu posso considerar como colegas íntimos.

Tem pessoas que você costuma encontrar fora daqui? Que marca de sair?

Sim, principalmente as pessoas que estudam junto comigo. Além de a gente se ver de manhã, a gente se vê à tarde. Final de semana, essas coisas.

Agora sobre o seu trabalho aqui atualmente. Você falou que está na cozinha né?

Sim.

Quais sãs as suas funções? O que você tem que fazer?

Assim, eu faço o almoço com a minha ajudante. Aliás, eu que sou ajudante dela. Eu chego, ela já preparou o café. Minha rotina é chegar, lavar a louça, já coloco o feijão no fogo, já começo a fazer o almoço. Aí eu ajudo no que tem pra ajudar, descanso, aí a gente almoça. Aí eu volto pra poder servir o almoço. Aí já arrumo a cozinha, deixo tudo pronto pro outro dia.

O cardápio varia todo dia? Como funciona?

Sim, varia todo dia. A gente procura não repetir a mesma mistura na semana pra não ficar muito repetitivo e a maioria das pessoas aqui também não gosta. Aí a gente procura variar.

Mas sempre tem fixo todo dia arroz e feijão?

Sim, arroz, feijão, salada e farofa é o principal. Se não tiver é briga. Aí a gente tenta complementar. Com verdura, como tem algumas pessoas que fazem doações pra gente, a gente recebe muita doação, então a gente tem que usar esses legumes, essas verduras. Às vezes a gente faz um macarrão. Aí no café da manhã a gente faz cuscuz, um bolo...

Você que decide o que vai fazer?

Eu e ela. A moça que trabalha comigo.

Você desde que começou aqui trabalha na cozinha ou já teve outra função?

Eu trabalhava na produção

Há quanto tempo você *tá* na cozinha?

Não me recordo. Mais ou menos uns 7, 8 meses.

E depois você vai voltar pra produção?

Não sei como vai funcionar. Porque tinha uma menina no meu lugar. Aí ela desceu pra produção e eu fiquei no lugar dela na cozinha. Aí não sei se vão querer que eu desça de novo pra produção ou se eu já completei os meus anos lá embaixo.

E você gosta de trabalhar na cozinha?

Sim, eu gosto. É porque na cozinha, na verdade, as pessoas não gostam por causa da pressão. Tem que ter a cabeça no lugar. É pega isso, faz aquilo, *tamo* atrasada, almoço tem que *tá* pronto. Mas eu gosto. Tirando isso é divertido.

Ah legal. Outra pergunta sobre o começo. Quando você entrou aqui, você teve que fazer... como foi pra você entrar? Teve um processo seletivo?

Então, eu não sei como *tá* agora, mas quando eu entrei, eu conversei com a Grazi, fiz a inscrição, conheci o projeto. Aí eles me chamaram. Não teve nenhum tipo de entrevista, nada.

Bem, você recebe um salário pelo seu trabalho né?

É.

É um salário mínimo né?

Isso.

O que você faz com o seu salário?

Então, no momento, eu quero comprar minha casa nesse ano, então no momento eu tô guardando. Mas como eu tenho uma irmã que eu preciso cuidar, é eu e ela, então metade vai pro banco, metade pra mim e pra ela.

Você diria que o salário que você recebe é o suficiente para o que você precisa?

Não. Não é à toa que eu trabalho no final de semana em outro lugar. Pra poder completar.

Ah ainda na pizzaria?

Sim, trabalho lá.

Em qual escola você estuda?

Maria Eugênia.

Ah tá. Não é... acho que a maioria das pessoas aqui vem de um outro colégio né?

É, tem o xxx, o Verdão, tem o Maria Eugênia. São poucas pessoas do Maria Eugênia. Se não me engano são três, quatro.

Mas é da região também aqui?

É.

Bem, sobre os planos para o futuro. Você acabou de me dizer que quer comprar uma casa esse ano né?

Isso. E ano que vem quero fazer enfermagem ou medicina.

Então você pretende fazer vestibular esse ano ainda?

Sim. Na verdade eu já fiz o ENEM. Só não usei a nota ainda porque eu quero fazer mesmo o vestibular da faculdade.

E algum outro plano que você tem?

Por enquanto o meu foco é a minha casa e a faculdade.

Me conta um pouco da sua família então. Você disse que mora com o seu tio. Só com ele?

Não, é ele, a mulher dele, minha tia, e minhas duas primas. Aí minha irmã.

Família...

Grandinha.

É, mas não demais né? Bem, agora, você acha que o tempo que você *tá* passando aqui na ONG, tudo que você já aprendeu e tal, mudou alguma coisa na sua vida.

Demais. Mudou porque antes eu só queria saber de... eu não tinha foco. Meu foco era zoar, como diz né? Meu foco era zoar, *se* divertir, não queria saber de estudar. Quando a gente entra aqui, às vezes a gente reclama porque é muito rígido. Mas se não fosse rígido, acho que a gente não seria uma ONG. Porque a gente releva tudo.

Mas é rígido em que sentido?

Assim, de você trazer as notas, acima de sete. Não pode faltar muito na escola. Dentro do ambiente de trabalho você tem que saber respeitar a visão dos outros. E a gente pensa que por ser adolescente eles vão relevar, mas eles não relevam, eles tratam a gente como se fosse adultos. Tem que saber se comportar, esse negócio de bater o cartão certo. Isso me mostrou que a vida lá fora não é fácil. Hoje é Reciclar. E amanhã é o que?

Muito bem. Legal, é isso Thays, obrigada.

Nome: Edilson Ferreira Lajes Junior

Data de nasc: 08/09/1997 - 19 anos

Escolaridade: Ensino médio incompleto (cursando o 3o. ano)

Profissão: Auxiliar de produção

Nasceu em São Paulo

Habita no bairro do Jaguaré

Escolaridade do pai: Estudou até a 4a. série

Escolaridade da mãe: Ensino médio completo

Renda da família: De 3 a 6 salários mínimos

Edilson, me fala então, por favor, como você ficou sabendo da existência aqui da Reciclar?

Então, fiquei sabendo através de um amigo, que já trabalhava aqui. Me indicou pra fazer o curso e quando eu fizesse dezesseis anos já começava a trabalhar.

Ah ta. Então você entrou antes, só no curso né?

Sim.

Quando foi isso?

2013.

Você lembra do mês?

No comecinho de janeiro. Eu *tava* fazendo um curso de informática. Curso técnico de informática. Aí eu vim fazer a prova aqui. Eu fiz a prova aí eu passei. Aí eu fui chamado pra fazer entrevista. A Grazi e os professores *fez* entrevista comigo. Aí falaram “gostei de você, você interagiu bem, falou bem”. Aí viu minhas notas e falou “então quero que você participe aqui. E eu falei “então só que não vai dar pra *mim* fazer agora porque eu estou fazendo um curso de informática. Aí ela falou “Não, tudo bem. Quando você termina seu curso?”. E eu falei “no final desse ano eu termino”. Ela falou “tudo bem, no começo do ano que vem você começa”.

Isso foi em...

Final de 2012.

Ah ta. Bem, eu ia te perguntar justamente isso, o que você fazia antes de entrar aqui. Então você estudava e fazia curso.

Estudava e fazia curso.

E quando te falaram daqui, o que você criou de expectativa? Como você achou que ia ser?

Ah a expectativa que eu criei foi da oportunidade do primeiro emprego. Porque na minha idade, ter o primeiro emprego é meio complicado.

E aí quando você começou mesmo, você gostou?

Gostei, achei bem legal. Achei bem interessante umas idéias que eles traziam pra gente no curso. Gostei.

E quando começou o trabalho, você gostou?

Gostei do trabalho lá embaixo. Achei bem dinâmico, eles não querem formar recicladores de papel, fazedores de papel. Eles querem formar jovens que possam se sair bem no seu segundo emprego.

E esses cursos que vocês fazem aqui, em comparação às aulas que vocês têm na escola, você diria que é diferente, melhor, pior?

Ah no mesmo nível. Apesar de a minha escola não ser muito boa.

O que você aprende aqui?

Aqui, no momento, *tô* aprendendo na aula de matemática um pouco de astronomia, em português a gente lê. Faz a gente ler livros pra formar leitores. Em informática a gente vai começar a trabalhar com Python, linguagem de programação. Começou com Excel mas como eu já fiz um curso de informática, aí eu já *tô* mais adiantado, as coisas que às vezes *tá* passando eu já sei fazer. No psicólogo a gente *tá* conversando. Ele vai voltar um tema que *tava* no ano passado, que é sexualidade. E em conhecimentos gerais a gente *tá* vendo religiões.

Você gosta das aulas então?

Gosto, é bem interessante.

Fora as aulas, no seu trabalho mesmo. Me conta como é o seu dia-a-dia, você chega aqui e faz o que?

Eu chego umas sete e meia, me troco, coloco a calça da produção, a bota e a camisa. Aí eu subo pra cozinha, tomo café. Bato o cartão, desço, escovo os dentes, aí eu faço exercício e começo o trabalho. Vejo onde eu *tô* na escala, se é na bandeja, na prensa... Aí eu vou, preparo meu local de trabalho, visto

meu avental. Se eu vou ficar na bandeja ou na prensa eu pego as telas. Aí quando a Denise fala “Produção, começar!”, aí a gente começa a linha. Aí a gente faz isso até umas onze e cinquenta, cinquenta e cinco. Aí a gente pára, vai almoçar, volta uma hora e continua até às duas e vinte. Aí a gente pára, bate o cartão e vem pro curso. Aí fica aqui até às cinco.

Aí vai pra casa?

Pra casa.

E as pessoas daqui você se deu bem desde o começo? Estranhou um pouco?

Então, aqui quando eu cheguei, eu era novidade, entendeu? Só entrou eu, aí tinha aquela aglomeração em torno de mim. Aí eu fui me esquivando de uns.

(risos). Mas hoje em dia você diria que tem amigos aqui?

Tenho colegas de trabalho. Acho que amigo, amigo assim, pra considerar amigo não.

Então as pessoas daqui você não combina de sair?

Não, a gente combina, é claro. A gente se encontra, conversa, curte o momento, mas amigos mesmo.

Pra mim amigo mesmo é aquele que você confia, que você conta as suas coisas, que você pode contar que se precisar vai estar lá, pra chorar com você, rir com você. Isso que é amigo.

Entendi. Então talvez no colégio você tenha amigos mais amigos mesmo?

Isso, tenho. Mais meninas. Eu gosto de conversar mais com menina.

Mas no geral você se dá bem com todo mundo?

Eu brinco com todo mundo, converso com todo mundo.

Legal. Bem, pelo seu trabalho aqui você ganha um salário né?

Isso.

Todo mundo ganha um salário mínimo né?

Exatamente.

E o que você faz com o seu salário?

Pago contas.

Só? Não dá pra guardar nada?

Não dá. É que eu viajei recentemente, fui pro Pernambuco né? Na minhas férias. Aí fiz um monte de dívida. Comprei roupa, comprei tênis, comprei celular. E ainda tenho o meu curso de inglês.

Ah você está fazendo atualmente, curso de inglês?

Faço, só que eu faço por fora, eu faço pago.

Nossa, puxado.

É, puxado. E eu ainda quero fazer academia. É que eu quebrei o pé. Eu quebrei o pé direito, aí eu fiquei sem andar três meses. Aí eu parei de ir pra academia, depois que eu voltei, agora...

Você conseguiu trabalhar quando você quebrou o pé?

Não, tava afastado. Fiquei dois meses sem vir. Três meses. Isso foi antes de eu viajar. Aí depois eu voltei a andar mas eu não podia voltar por causa que eles tinham que dar uma licença. Acho que era o período que tinha que liberar. Eu fui falar com o médico, o médico falou que só podia voltar depois que passasse o período. Aí ficou três meses.

Quando foi que você quebrou o pé?

Foi em setembro.

Passou o final do ano inteiro né?

Sim.

Ah desculpa, perguntei sobre o seu salário e não perguntei: você acha que esse salário é o suficiente?

Não. Nunca é né?

Mas o que falta de mais urgente?

Urgente falta só... a gente ganha um salário mínimo. Acho que pra ficar bem mesmo, acho que uns 4 mínimos tava bom. Pra estabilizar. Daqui a pouco eu faço dezoito, quero ter minha carta, meu carro, minha casa, minha faculdade. Faculdade eu não quero pagar, quero ganhar uma bolsa.

Isso que eu ia te perguntar. Você pretende então prestar vestibular?

Pretendo. Quero entrar numa boa faculdade. Quero fazer engenharia civil.

Você termina esse ano a escola né? Você já quer prestar esse ano o vestibular?

Exatamente.

Mas você não tá no último ano que do Reciclar né?

Tenho mais um ano.

Ah tá. Porque me explicaram que quem está no último ano, tá num projeto diferente, o Ancora né?

Isso.

Ah tá. Bem, e além da faculdade? Eu ia te perguntar dos seus planos futuros mas você tem vários né? Tenho. É a faculdade, tirar minha carta, comprar meu carro, comprar minha casa. Aí depois que eu comprar meu carro e minha casa, e vou comprar umas três casa pra deixar alugando, comprar minha casa na praia, meu sítio... iate, avião... (risos).

(risos).

Aí quando eu tiver tudo isso, aí eu caso.

Você mora com seus pais atualmente?

Moro, com meu pais e a minha mãe.

Bem, minha pergunta principal. Você acha que o tempo que você tá passando aqui, trabalhando aqui, muda alguma coisa na sua vida?

Ah mudou, mudou totalmente meu jeito de pensar. Antigamente eu não queria fazer nada, eu queria ficar em casa. Fazia meu curso, estudava, só que, sei lá, não tinha um plano. Aí comecei a vir pra cá, comecei a ver várias palestras, várias informações, várias coisas na minha cabeça veio formando, aí veio formando idéias.

E essa parte mais na prática mesmo, de aprender um primeiro trabalho, você acha que ajudou?

Ajudou, ajudou bastante o primeiro emprego. É bom porque já vai me deixar ciente do próximo, o que eu tenho que fazer, o que eu não posso fazer, a trabalhar em grupo. Que uma coisa que eu não fazia, num gostava. A professora falava na sala “trabalho em grupo”, eu falava “professora, posso fazer sozinho?”. “Não, em grupo”. Aí eu fazia com cara feia.

Então assim, se você pensasse naquela primeira expectativa que você teve no começo, você acha que superou, foi aquilo mesmo?

É o que eu imaginava que era.

E você indicaria pra outra pessoa?

Indicaria. Eu indiquei pra minha irmã, só que a minha irmã também não quer nada com nada.

Mas você apoiaria se ela quisesse?

Apoiaria sim. Eu falo pra ela vim. Ela tá com dezesseis anos já, era pra tá trabalhando. Mas eu falo “Meire, vai lá, faz a prova lá pra você começar a fazer curso. Você tem quinze ano, quando fizer dezesseis você trabalha”. E ela “Não, porque tem umas meninas lá que eu não gosto, que eu não falo”. E eu falo “Meire, você vai por você. Vai pelas suas amigas?”. Ela “Ah não”, então eu falo “ta bom então”.

É, às vezes conta essa parte das amizades né?

É. É que tem duas meninas que ela não falava, não gostava.

Muito bem Edilson, é só isso mesmo. Obrigada.

Nome: Taciane Christie Mota de Jesus

Data de nasc: 15/02/1997 - 19 anos

Escolaridade: Ensino médio completo

Profissão: Auxiliar de produção

Nasceu em São Paulo

Habita no bairro do Jaguaré

Escolaridade do pai: Ensino médio completo

Escolaridade da mãe: Ensino médio completo

Renda da família: De 2 a 3 salários mínimos

Taciane, por favor, me conta como você ficou sabendo da existência aqui da Reciclar.

Eu fiquei sabendo por amigos da minha mãe. Aí a minha mãe achou interessante eu vir aqui, então eu vim, me inscrevi né? E entrei pro curso. Aí depois *eles avalia* a gente pelo curso né? Aí eu comecei a trabalhar, que eles gostaram de mim no curso e comecei a trabalhar.

Quando foi isso?

Foi no final de 2012 eu acho.

Você lembra o mês?

Ó, eu entrei em novembro, em dezembro eles já me pediram as coisas. Fiquei bem pouco tempo no curso mesmo.

Ah tá, em um mês você já estava trabalhando então. Bem, e quando você ficou sabendo, pelos amigos da sua mãe né? O que você criou de expectativa? O que você achou que ia encontrar aqui?

É, falaram que aqui era um lugar que dava oportunidade, e eu queria muito uma oportunidade né? Ainda mais pelo primeiro emprego. Gosto de ajudar minha mãe também. Minha mãe precisa e eu também preciso. Então quando eu entrei aqui eu aprendi muita coisa. Aprendi a ser responsável, aprendi a dar valor ao meu dinheiro, dar valor às coisas. Porque eu não dava (risos). Eu aprendi então foi bom pra mim.

E logo que você começou, como foi a primeira impressão? Você gostou daqui?

Gostei! Já cheguei (risos) bem agitada, e acho que também gostaram bastante de mim. Me deram oportunidade, hoje eu coordeno né? E eu *tô* aprendendo bastante, a cada dia.

E as pessoas também? Você se deu bem logo de cara?

Algumas sim, algumas não. Tem umas que tem que fugir (risos).

Mas em geral, pelo visto você se deu muito bem né?

É.

Antes de você entrar aqui você estava só estudando? Ou você já tinha algum trabalho?

Tava só estudando.

Aí você entrou aqui e...

Eu tive que mudar de horário, comecei a estudar à noite.

Ah tá. Você ficava o dia inteiro aqui né?

E depois ia pra escola.

Me conta um pouco mais sobre o seu trabalho aqui. Como é o seu dia-a-dia? Você chega e faz o que?

A gente chega né? Aí tem um exercício que a gente sempre faz. Eu sou da coordenação da finalização, a gente finaliza os produtos. A gente faz capa, reveste capa pra caderno, porta-lembrete, porta-retrato. Todo o processo, produto *tudo* delicado né? Que tem que ter bastante atenção né? Aí a gente chega, às vezes tem produtos pra verificar, a gente tem que verificar os produtos, colar crédito, então a gente sempre faz isso. Esse é o nosso trabalho.

E aí quando você acaba o trabalho, você ainda vai pro curso?

É. A gente vai pro curso. Aí hoje eu *tô*... como é o meu último ano aqui, a gente tá no Ancora. E o Ancora ajuda bastante a gente porque *vê* qual a profissão que a gente quer. Ajuda a gente a ver, ou encaminha a gente pra empresas pra conhecer mais a nossa profissão, entendeu? É muito bom.

Quando você fala "encaminhar", é o que? Já *pra* trabalhar mesmo ou só pra conhecer?

É, pra gente conhecer e também pra trabalhar. Eles encaminham a gente.

E você já sabe o que quer fazer?

Eu *tô* fazendo enfermagem. Já comecei e *tô* gostando muito. Eu agora vou conhecer, vou conversar com enfermeiros que a nossa coordenadora pedagógica vai chamar pra dar palestra. Então a gente vai

conversar. Cada um vai conversar com o seu...

Que legal poder ter esse contato.

É muito bom.

Então você já terminou o colégio?

Sim.

No ano passado?

Foi. No final do ano passado.

Então esse ano você *tá* fazendo enfermagem. É faculdade?

É, faculdade.

Ah, agora sobre as aulas. Se você está no projeto Ancora você não tem mais as aulas de português, matemática, né?

Não.

Mas quando você tinha, você gostava dessas aulas?

Gostava.

Em comparação às aulas da escola, você acha que é diferente?

É diferente. Pra mim é como se fosse um reforço né? Ajudava bastante. Porque tinha coisas que eu tinha dificuldade na escola que eu poderia contar com eles aqui, pra *mim* aprender mais.

Ah você podia trazer o material da escola e mostrar?

É, pra explicar melhor, eles explicavam, eles ajudavam.

Agora sobre o seu trabalho aqui. Você recebe um salário por ele né?

Isso.

É um salário mínimo?

É.

Você faz o que com o seu salário?

Eu ajudo em casa né? E como agora eu *tô* fazendo faculdade, eu *tava* pagando a minha faculdade. Mas como *tava* difícil, eu optei pelo FIEI (?) então agora vou ajudar minha mãe nas compras e na conta que eu pago, conta de água.

E você acha que esse salário que você recebe aqui é o suficiente para o que você precisa?

Suficiente não né? É pouco. Mas ajuda bastante. É um começo né? Pra tudo tem um começo.

Sobre as pessoas daqui. Eu te perguntei com foi no começo, se você se deu bem. E hoje em dia? Você tem amigos aqui?

Tenho, tenho amigos. E considero também os professores, meu chefe, os coordenadores, tudo meus amigos. Porque eles ajudam bastante a gente. Tanto aqui como na nossa vida particular, sabe? Se a gente não *tá* se sentindo bem, eles ajudam a gente. Eles dão conselhos pra gente, é muito bom.

Essas pessoas que você tem mais amizade, você vê só aqui ou você chega até a marcar de sair?

Marco coisa fora com meus amigos.

O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Ah eu gosto de sair com a minha família. Eu não sou muito de sair pra festas, essas coisas, então fico mais em família.

Me fala um pouco mais sobre esse projeto Ancora. Como é que funciona?

O Ancora, como a gente é do último ano, eles pegam pessoas que tem mais de 19 anos, 18 anos, que tem dificuldade de saber o que quer né? A profissão que vai escolher. Então eles ajudam a gente a escolher nossa profissão, ter certeza né? Eles ajudam bastante a gente nisso. A gente sai *pra* entrevistar pessoas que *é* da nossa profissão, entendeu? A gente conhece a área melhor, *pra* saber se é isso mesmo que a gente quer. E também eles encaminham a gente, *pra* entregar nosso currículo, ajuda a gente a como fazer uma entrevista de trabalho.

Bom, como você já sabe o que você quer fazer, porque algumas pessoas eu imagino que estão indo lá, não tem muita idéia né? Mas você já *tá* cursando né? Aí você acha que mesmo assim vale a pena?

Vale sim, porque eu vou conhecer mais né? Vou tirar o máximo possível.

É verdade, nunca é demais né?

É.

Bem, sobre os seus planos pro futuro. Um eu já sei que é se formar em enfermagem né?

É, meu sonho (risos).

E depois, o que mais?

Ah eu quero me formar em enfermagem, depois em neo-natal, quero me especializar, fazer minha pós.

Quero ter minha casa própria né? Lógico. Quero ter minha vidinha.

Você mora com seus pais atualmente?

Moro com a minha mãe e meu irmão.

Bem, e você acha que ter entrado aqui pra ONG ajudou, mudou alguma coisa na sua vida?

Ajudou e mudou muita coisa na minha vida. Porque eu aprendi muita coisa.

Você aprendeu mais coisas práticas ou...

Coisas pra minha vida, que eu vou levar bastante.

Então você indicaria, se alguém te perguntasse pra começar aqui?

Indicaria, porque é muito bom. Faz você crescer.

E você acha que essa coisa do primeiro emprego, de saber coisas mais práticas mesmo, ajudou?

Ajudou.

Mesmo você não trabalhando com reciclagem na sua profissão.

Mas você aprende sabe? É bom. Não só na prática mas a saber lidar com as pessoas, conhecer o espaço.

Legal Taciane. Então é só isso mesmo. Obrigada.

Nome: Karina da Costa Silva

Data de nasc: 07/01/1997 - 19 anos

Escolaridade: Ensino médio completo

Profissão: Auxiliar de produção

Nasceu em São Paulo

Habita no bairro do Jaguaré

Escolaridade do pai: Ensino fundamental completo

Escolaridade da mãe: Ensino médio completo

Renda da família: De 3 a 6 salários mínimos

Por favor Karina, me conta como você ficou sabendo da existência aqui do Reciclar.

É então, foi por uma prima minha, que na oitava série fez com que eu viesse aqui pra começar a fazer o curso, desde a oitava série.

Antes do trabalho né?

Isso, antes do trabalho.

Isso foi em que ano?

Eu *tava* na oitava série, então acho que foi 2010. É, 2010.

Isso só o curso né?

Só o curso.

E que ano que você começou o trabalho?

2013.

Ah então você já *tá* aqui faz tempo.

É.

Bem, e quando a sua prima te falou daqui, o que você esperava? Qual foi a sua expectativa?

É que uma tia minha já fez, já trabalhou aqui. Então ela já me deu uma base mais ou menos, do que era aqui. Que era tipo um auxiliar pra escola, mas que não era totalmente igual. E que depois de um tempo, você fazendo só curso, você ia começar na linha de produção.

E quando você começou com o curso. Você gostou logo de cara?

Sim, gostei bastante. Gostei também dos professores. Achei bem interessante, reforçou bastante, me ajudou a entender bastante coisa da escola que eu não conseguia entender.

E antes de você começar aqui, como era o seu dia-a-dia?

Antes eu fazia um curso. Só que aí eu saí dele e depois eu fiz só escola. Aí depois a minha prima indicou e eu vim pra cá.

Do que era esse curso?

Era basicamente quase que a mesma coisa que aqui. Eu fazia no Afonso Durense, que é perto aqui de onde vende fruta.

E qual colégio você estudava?

Deputado Augusto de Amaral.

Tem muita de gente de lá né.

É, muita gente estuda lá.

Bem, você começou aqui, já gostou logo de cara. E você se deu bem com as pessoas também?

É porque quem era da minha sala eu já conhecia, era meu vizinho, ou da escola, essas coisas assim. Então eu convivi com todo mundo.

E os amigos que você tem aqui, você sai com eles? Ou convive só aqui?

Antes eu tinha mais amigas, mas aí deu o tempo delas aqui do Reciclar e elas tiveram que sair. Mas ainda tenho, bastante amigos que eu saio.

Aqui na ONG então agora você *tá* na produção né?

Isso.

Então me conta como é o seu dia-a-dia. Você chega aqui e faz o que?

É, eu chego aqui, oito horas, agora que eu sou madrinha, que eu *tô* ensinando uma menina que entrou.

Então basicamente, tudo o que eu faço, eu tenho que explicar pra ela. Tudo.

Ela fica te acompanhando?

Isso. Ela acompanha toda hora, pra qualquer lugar. Aí de vez em quando eu entro na produção, de vez em quando não. Ultimamente eu vou entrar mais por causa dela.

E quando você começou a ser madrinha dela? Esse ano?

Sim, acho que foi terça-feira, faz pouco tempo.

E você já tinha sido madrinha de outras pessoas?

Não, é a primeira.

E como é que *tá* sendo?

É, até que *tá* sendo interessante, mesmo que eu tenha dificuldade em explicar umas coisas. Mas *tá* sendo interessante.

Ela tem quantos anos?

Acho que ela tem dezesseis também.

Acabou de começar né?

Sim.

Bom, você já concluiu o colégio né?

Isso.

Esse é o seu último ano aqui na Reciclar?

Isso.

Ah então além de estar sendo madrinha, você participa do Ancora né?

É, o Ancora de Carreira.

Mas você já está na faculdade, então você já sabe a carreira que você quer seguir né?

Já.

Mas mesmo assim, me conta como é que é esse projeto, essa coisa do Ancora.

Mesmo eu já tendo escolhido, o Ancora ajuda bastante. Que nem, a gente vai ter a semana de maio que a gente vai visitar o SEBRAE. Que a gente vai passar, acho que de terça à sexta que a gente vai lá assistir palestras. E vai ajudar bastante. Vou passar um dia inteiro com a profissional que eu escolhi.

Qual faculdade você está fazendo?

Eu faço Direito. Na São Judas.

Você acabou de começar né?

Isso.

Você está gostando?

Muito! É muito melhor do que eu imaginava!

Que legal! Bem, sobre o seu trabalho aqui, você me contou que às vezes está na produção. Mas quando você não está na produção, você está ensinando...

É, porque ela chegou agora na produção, então tem que ensinar tudo. Se eu não *tô* na produção, a gente *tá* na verificação. Mas agora *tá* muito difícil de a gente ficar sentada verificando. Toda vez tem que estar num lugar ensinando pra ela.

Certo. Bem, pelo seu trabalho aqui você recebe um salário né?

É.

Um salário mínimo né?

Isso.

E o que você faz com o seu salário?

Eu guardo na poupança. Guardo um pouco pra mim, pra comprar livros, e a outra metade eu pago a faculdade. Aí eu pago a metade e meus pais pagam outra.

E você acha que esse salário é suficiente *pras* coisas que você precisa?

Não (risos). Não porque eu quero gastar comigo, mas porque livro de Direito é muito caro. Então acho que cem, cento e cinquenta dá pra comprar só um livro.

Sobre as aulas. Agora você não tem mais porque você está no Ancora. Mas quando você tinha as aulas, quais matérias você tinha?

Português, matemática, conhecimentos gerais, informática e xadrez.

E você acha que, em relação à escola, era...

Era muito bom, principalmente português que eu sempre gostei bastante.

Mas são aulas parecidas com as da escola?

Nem sempre. Porque às vezes *tão* ensinando uma coisa aqui e na escola outra. Mas é muito difícil isso. Quase sempre, que nem, a professora *tava* passando divisão de fração aqui, na escola também *tava* tendo fração. Aí ajudou bastante.

Você mora com os seus pais atualmente?

isso, com os meus pais e a minha irmã mais nova.

E você agora, pra e formar ainda tem um tempinho, mas mesmo assim, o que pretende fazer quando sair aqui da ONG?

Eu já pretendo sair daqui pelo menos com um emprego já. Porque não dá pra ficar parada. Porque querendo ou não, dinheiro de fundo de garantia acaba. Então eu quero sair daqui pelo menos já com um emprego novo.

Alguma idéia de qual trabalho?

Então, queria trabalhar na parte jurídica de empresa né? Ou trabalhar num escritório de Direito mesmo. Que legal. E algum outro plano? Algumas pessoas mencionaram planos como comprar uma casa, constituir família... você já pensa nisso?

Acho que por enquanto, pela faculdade ser de cinco anos, tem mestrado, doutorado, essas coisas, acho que eu vou focar mais agora na faculdade, em estudos, e pensar em casar e essas coisas todas depois.

E você acha que ter entrado aqui na ONG mudou alguma coisa na sua vida?

Mudou. Foi graças ao Reciclar que eu escolhi uma profissão, graças ao Reciclar eu estou pagando a minha faculdade e tudo o que eu tenho que comprar. Minha responsabilidade aumentou por causa do Reciclar. Então mudou bastante coisa.

E você acha que na parte mais prática, assim, de aprender uma profissão, um trabalho...

Por ser o primeiro emprego, ajudou muito.

Mesmo sendo um emprego que, assim, você não vai mais trabalhar com reciclagem né? Vai ser com Direito. Mas mesmo assim você acha que valeu à pena?

Sim, ainda mais porque tem aquela pressão que sempre te ajuda a seguir.

E você indicaria pra outras pessoas então?

Sim, até indiquei uma amiga.

Ah que legal. Bom, é só isso Karina, obrigada.

Renato - Professor de Matemática

Nome: Renato Moreira Magalhães

Data de nasc: 18/08/1987

Escolaridade: Ensino superior incompleto

Profissão: Professor de matemática e xadrez

Nasceu em Goiânia, GO.

Habita em São Paulo desde 2007, no bairro do Butantã

Escolaridade do pai: Ensino superior completo

Escolaridade da mãe: Ensino superior completo

Renda da família: De 2 a 3 salários mínimos

Renato, por favor, me conta como você ficou sabendo da existência aqui do Reciclar?

Eu tinha uma amiga na física, lá na USP, que eu fazia física antes, e ela trabalhava aqui. Aí ela sabia que eu dava aula de xadrez na USP e perguntou se eu queria trabalhar aqui com ela, que ela mesma teve a idéia de inserir o xadrez aqui no Reciclar. Ela é coordenadora hoje.

Ah a Grazi?

É.

E quando você começou?

Comecei no ano retrasado.

2013?

É, final de 2013.

Você sempre deu aula de matemática e xadrez?

Não, sempre dei aula de xadrez, esse ano que eu comecei a dar matemática.

E como funciona aqui? Quantas turmas você tem?

Eu dou aula pra todas as turmas.

Ah me falaram, alpha, beta, gama e delta né?

É, mas delta eu parei de dar aula esse semestre, cortou algumas aulas por causa da produção.

Então você tem turma de manhã e à tarde né?

É.

Todos os dias?

Não, não todos os dias. Eu trabalho segunda de manhã, terça de manhã, quarta à tarde e quinta de manhã.

E as turmas são de quantas pessoas mais ou menos? De quantos alunos?

Aqui varia de 15 a 25.

São menores que a de um colégio né?

Geralmente sim.

Bom, e o que você sente dos alunos? Você acha que eles gostam das aulas? Interação?

Olha, acho que é bem heterogêneo assim, tem uns que se destacam muito, tem outros que estão aqui porque são obrigados, varia muito. Não é uma coisa muito padrão.

Todo mundo me disse que essas aulas tentam não ser exatamente igual às aulas que eles tem no colégio né?

É, só que, por exemplo, eu não tô dando aula *pras* turmas de tarde de matemática, dou aula *pras* turmas de manhã, é um pessoal mais novo, e eu comecei agora, dei só três aulas pra eles de matemática. Passei uns exercícios pra ver o nível deles. Eles tem dificuldades com operações básicas. Então vai ter que ser necessariamente um reforço escolar porque eles não estão nem sabendo o básico.

É, eu percebi isso. Que apesar de a proposta não ser de um reforço, acaba tendo que ser.

Eventualmente acaba tendo que ser. Questão até de bom senso, senão o cara acaba o Reciclar, e mesmo o Ensino Médio, sem saber o fundamental, sem saber dividir. É complicado.

Bem, a minha pesquisa é sobre a capacidade das ONGs de transformar as vidas dos jovens né? Muitos deles falaram que ganho senso de responsabilidade, que o salário ajuda a família, ou de aprender um primeiro emprego. Você acha que isso é real mesmo?

Acho. Acho que se essa é a proposta mesmo do Reciclar, ela realmente é atendida. Acho que existe um amadurecimento que é visto claramente aqui nos alunos. Mesmo trabalhando aqui há pouco tempo, eu percebi. Quando o aluno é meio irreversível, não tem como trabalhar com ele, ele é muito indisciplinado, ocorre o desligamento. É bem raro acontecer, mas acontece, pelo menos uma ou duas

vezes por ano, no geral nas turmas mais novas, mas a galera com o tempo acaba colaborando mais.

E você acha que no futuro deles, a coisa de uma nova ambição, de fazer uma faculdade...

Eu acho que sim, porque eles são muito curiosos. Os professores, nós os professores, uns são da USP, outros do Mackenzie, não sei exatamente, mas a maioria da USP. E eles conseguem informações - não tô falando por ser USP, mas por ser de um curso superior, independe de qual faculdade - eles acabam conseguindo informações sobre o mercado de trabalho que eu acho que são bastante úteis, malícia de vida, disciplina, como ser disciplinado, a estuda e etc. Em vários aspectos. Eles perguntam muito, durante as aulas e depois das aulas. Eles tem uma opinião diferente da dos pais, sobre algumas questões até políticas, acho que é um crescimento geral que eles sofrem.

Você acha então que se eles não viessem pra cá, não passassem por aqui, talvez não tivessem essa abertura?

Não teriam, talvez, a mesma maturidade ou... por exemplo, teve um aluno meu aqui da Reciclar que queria fazer cursinho só que ele não tinha dinheiro pra pagar, e eu indiquei o cursinho da FEA que tem lá na USP. E ele foi, deu certo, ele fez, conseguiu bolsa e tá fazendo agora. Então os professores, muitas vezes eles são uma ponte pra alguns benefícios que eles podem ter. Em geral a gente é bem intencionado. (risos).

Ah legal, eu não tinha pensado nisso. Estava pensando só na relação do jovem com o projeto, mas tem essa parte também né?

Sim, existe essa conexão. Eu já ajudei alguns alunos com física, às vezes chego um pouco mais cedo, fico até um pouco mais tarde do meu período de aula, e eles vem falar comigo e eu ajudo, ofereço. Eles são tímidos, mas eventualmente...

Você chega a incentivá-los ativamente, a falar em sala de aula sobre a importância de fazer uma faculdade ou algo assim?

Eu tento tomar uma postura um pouco mais imparcial. Eu falo que pra você se dar bem na vida, não tem que necessariamente ter curso superior. Mas eu falo que é uma maneira mais simples, mais fácil de você ter uma ascensão social, em geral. Se é isso que eles querem, eu aconselho a fazer faculdade, curso superior. Mas muitos deles não fazem, acabam não tendo condição de fazer por questão financeira.

Os alunos chegam à sala de aula e a entrevista é interrompida.

Anexo 5 - Entrevista - Mary Ellen, coordenadora pedagógica na ONG Reciclar

Dados Morfológicos

Nome: Mary Ellen Ferreira Santos

Data de nascimento: 07/03/1989 Sexo: Feminino Estado civil: Solteira
 Escolaridade: Superior Completo
 Profissão: Pedagoga
 Escolaridade e profissão dos pais: Ensino fundamental (mãe), Ensino Médio (pai)
 Número de filhos e idade: 26 anos Vivem juntos? Não
 Onde nasceu? São Paulo
 Quando chegou a São Paulo?
 Tipo da residência atual: casa própria
 Bairro/Região em que reside: Jaguaré
 Vínculo empregatício: CLT

Você pode indicar aproximadamente em que faixa se situa a renda atual de sua família:
 De 3 a 6 salários mínimos

Olá Mary Ellen. Por favor, me fala o seu nome completo.

Meu nome é Mary Ellen Ferreira Santos, tenho 26 anos, sou formada em pedagogia, trabalho com a Reciclar há mais ou menos uns 3 anos. Comecei no projeto Reciclar como adolescente atendida em 2005, aí fui desligada dentro do processo como um todo que os jovens participam, fui trabalhar em outra ONG, fiz faculdade, me formei na faculdade. Fiz outras coisas fora, outros cursos dentro da pedagogia, voltei pro Reciclar como voluntária em 2008, fiquei até 2012 como voluntária. Em 2012 eu entrei pra implementar os cursos noturnos que a gente oferece aqui, que são as aulas abertas pra comunidade. E em 2013 eu fui contratada como coordenadora pedagógica também, não só para os cursos noturnos mas também para os cursos voltados para os adolescentes, que é o Projeto de Complementação Educacional Cultural. E esse programa de aulas ele tem a intenção, além de complementar a formação educacional desses adolescentes que participam do projeto tendo como base o currículo da escola estadual, tentando suprir um pouco a necessidade que a gente percebe que ainda tem uma lacuna a ser preenchida desses alunos que vêm de escola pública. A complementação educacional é nesse sentido, mas tentando não caracterizar como reforço. Então, por exemplo, na matemática a gente trabalha com a matemática financeira, que eles passam a trabalhar e muitas vezes não entendem como funciona o sistema monetário. A gente vai nesse sentido. Nas aulas de língua portuguesa, a gente trabalha com a questão da comunicação e em cima da leitura. O aluno lê uma média de 3 a 4 livros por ano dentro do Reciclar. Uma leitura direcionada junto com a professora. As aulas de informática têm a intenção não só de formar com a informática básica, mas de usar de forma eficiente as ferramentas tecnológicas. Desde linguagem de programação até mesmo algumas ferramentas que você pode aplicar no dia-a-dia trabalhando em um escritório, por exemplo. As aulas de conhecimentos gerais, a gente trabalha num sentido mais amplo né? A gente costuma falar que conhecimentos gerais pode ser qualquer coisa, mesmo fritar um ovo pode ser considerado como conhecimentos gerais. Então no ano passado a gente trabalhou com a questão de movimentos sociais que tava muito ligado ao que os jovens vivenciavam dentro da comunidade, desde a repressão policial até mesmo como eles se vêem dentro da sociedade, que muitas vezes é exclusiva. Esse ano a gente tem trabalhado muito a questão da religião. A gente tem um grupo bem forte aqui de adolescentes evangélicos, então a gente começou a trabalhar um pouco qual a questão da religião, as influências que a gente tem hoje. Tem também o encontro com o psicólogo. Então são rodas de conversa que trazem desde os temas que os adolescentes trazem pra roda, como também tem temas que já são direcionados pelo psicólogo durante o ano. O ano passado a gente trabalhou com a questão da sexualidade, chegando à gravidez na adolescência. E esse ano a gente vai trabalhar com o tema bullying. Tema que começa a ser trabalhado agora, de julho até o final do ano. Então são semestrais esses blocos?

Mais ou menos. Tem uns temas que uma vez por semana tem a roda de conversas, então depende muito

do que o jovem traz como tema. Algumas coisas não é passado pra mim porque a gente tem uma regra, para que eles se sintam confortáveis no que vai trabalhar em sala, o que acontece na roda de conversa fica na roda de conversa, se tem alguma situação que precisa ser direcionada ou encaminhada para um atendimento específico, o psicólogo passa pra mim. A gente vê quem é esse jovem e faz o devido encaminhamento. Mas muitas coisas acontecem na sala e ficam na sala né? Porque você levar tudo o que acontece na sala pra coordenação, inibe um pouco a sinceridade do jovem na hora do bate-papo, então a gente tem esse combinado e funciona muito bem, e tem as aulas de xadrez. Então a gente trabalha com a questão do raciocínio lógico. Então isso daí também, você consegue aplicar em todas as áreas da vida. Não só na matemática, mas em tudo. Na tomada de decisões, elaborar estratégias, a questão de planejamento. Então tudo isso a gente vai desenvolver com o jogo de raciocínio. As atividades culturais externas acontecem uma vez por mês. A gente leva o jovem pra um ambiente diferente, numa galeria de arte, uma peça de teatro, museu. Antes de sair a gente faz uma atividade dentro do projeto, o professor que dá aula antecedente a visita, ele é quem faz esse acompanhamento e explicação sobre o que a gente vai fazer nesse espaço, e o pós-visita né? Então tem uma devolutiva por parte dos jovens também com relação a essa visita. Então resumidamente é esse o nosso projeto de complementação. E todos os jovens participam. A gente tem um grupo da oitava série, eles vêm pro Reciclar de manhã, das oito até às dez e quarenta e cinco, e recebem uma cesta básica no final do mês. E à tarde eles frequentam o ensino regular. Aí a gente tem um grupo bem parecido com esse, da oitava, só que eles entram à tarde, então eles já estão no primeiro ano, vão pra escola de manhã e pro projeto à tarde. Eles também recebem uma cesta básica. Os jovens que trabalham na oficina trabalham das oito ao meio-dia, do meio dia à uma eles tem o almoço, e da uma às três eles voltam pra oficina pra organização do espaço e às vezes pra finalizar alguma atividade que não foi finalizada no período da manhã. Esses recebem um salário porque eles são registrados em carteira, e frequentam as aulas de complementação à tarde, das três às cinco, e quem só estuda, que são os alunos que estão no primeiro ano, eles frequentam das duas às cinco. A seleção deles é feita a partir da escola. Então a gente entra em contato com a escola, passa pra diretora a quantidade de vagas que a gente tem aqui dentro do projeto e com a faixa etária.

Quais escolas que vocês procuram?

Aí depende. Tem que ser da região, mas aí depende, por exemplo, do período que ela oferece o ensino pra esses jovens. Se eu tenho um jovem do primeiro ano aqui à tarde, eu preciso ver uma escola da região que tenha o ensino de manhã. Pra ele ir pra escola de manhã e vir pra cá à tarde. Mas normalmente são escolas estaduais, porque eles conseguem dividir o fundamental por período da tarde, fundamental II, e o ensino médio no período da manhã.

Uma pergunta, quando você diz da região é do bairro do Jaguaré, ou do distrito?

Como assim distrito?

Porque tem o distrito do Jaguaré e dentro tem o bairro do Jaguaré né? Dentro do distrito tem alguns bairros.

Não, não tem distrito Jaguaré. É só Jaguaré mesmo. Porque às vezes as pessoas confundem com Jaraguá. Não, Jaguaré mesmo. Na verdade o município de São Paulo é dividido em alguns distritos e tem o distrito do Jaguaré, que inclui o bairro do Jaguaré e alguns outros.

Ah. Mas é do bairro Jaguaré mesmo.

Entendi. É, essa divisão por distritos é uma coisa mais oficial, geralmente não se usa muito.

É, a gente não usa essa linguagem. Mas enfim, do bairro Jaguaré.

Tudo bem. Então vocês vão nas escolas e anunciam? Vocês chegam a entrar nas salas, não?

A gente primeiro entra em contato com a escola, com a diretora, e ela seleciona os jovens dentro dos critérios que nós temos. Tem que ter boas notas, boa frequência, bom rendimento. Aí ela abre um espaço, a gente vai até a escola com um grupo selecionado e a gente apresenta as atividades do Reciclar. Mas a escola já, assim, a gente está há vinte anos, então não tem muito o que divulgar porque todo mundo conhece. E a gente tem banner nas escolas, tem o boca-a-boca, a gente tem muito adolescente aqui que teve irmão, primo ou alguém que já passou pelo Reciclar, então o projeto está no bairro há muito tempo, então boa parte das pessoas meio que já fica na expectativa. Ah eu vou completar 14 anos, eu vou entrar na Reciclar. Então a divulgação é mais externa mesmo, de quem ainda não conhece o Reciclar.

Uma coisa que eu fiquei na dúvida. Então quando você faz essa pré-seleção na escola, você não aceita quem aparecer sozinho?

Aceita, mas assim, na verdade a gente pede pra procurar a escola porque a escola precisa saber quem é o jovem que veio pra cá, porque se ele vem por conta própria, ela não consegue acompanhar lá. Então

assim, a gente pede pra que vá até a escola, fala com a diretora “olha, tenho interesse em participar do Reciclar”. Porque a escola faz a primeira seleção. Quem vem de fora, meio que fura a fila, então a escola às vezes manda a quantidade que a gente precisa e se chega alguém por fora, dessa escola, o que está na fila de espera se sente meio que ficou pra trás, que alguém passou na frente. Às vezes acontece assim, a gente não conseguiu fechar a turma com a quantidade de alunos que a escola mandou, aí a gente busca naquelas fichas de quem veio por fora, porque a gente tem uma quantidade, a escola seleciona, depois a gente faz o acompanhamento no boletim escolar. Então às vezes tem um aluno que a escola mandou pra gente que a gente olha e fala assim “puts, esse aqui não dá, aqui tem muita nota ruim, muita nota vermelha”. Aí a gente dá a oportunidade pra outros e às vezes aquele que veio por conta própria, não foi indicado pela escola tem nota boa, tá dentro dos critérios mas a diretora às vezes acaba não escolhendo. E a gente toma cuidado porque às vezes a gente sente também, assim, que tem uma problemática dentro das escolas públicas hoje, muitas vezes o professor e o diretor não dão conta, e aí eles querem mandar pras instituições porque eles acham que a gente vai consertar esse aluno.

Ah quando é um aluno que tem notas ruins, você diz?

É, ou comportamental também. Depende, depende muito, porque assim, não tem uma característica de ‘todo ano é assim que vem’. Depende muito do perfil, muda muito.

Entendi. Bem, há quanto tempo você está aqui na Reciclar?

Como coordenadora? Desde 2013.

Qual mês, você lembra?

Ah começo do ano.

Ah então completou já dois anos.

Já. Mas eu comecei em 2012 aqui com o programa de aulas pra comunidade. Tem dois anos e meio.

Esse programa ainda existe?

Existe. É à noite, mas é aberto pra comunidade. Não envolve os jovens. É uma outra frente de trabalho. Seria pros pais? Ou não necessariamente?

Não necessariamente, é aberto pra comunidade, pode ser pai de aluno, pode ser alguém de fora, e esse é legal porque a gente consegue atender o entorno, não só o bairro Jaguaré, então tem gente que vem de Osasco, Carapicuíba.

E são aulas também?

São aulas livres, então tem aulas de português, espanhol, alfabetização de adultos, informática, e às vezes a gente abre pra algumas outras oficinas também. Depende do voluntário que vem dar aula. Os professores não são voluntários, eles são pagos, são autônomos.

Desse grupo noturno ou todos?

Todos os professores. E às vezes tem um ou outro voluntário que quer desenvolver alguma atividade, aí ele vem pra cá, apresenta uma proposta, a gente avalia pra ver se cabe né? Dentro do que a gente tem como objetivo de formação, e muitas vezes a gente consegue abrir.

Eu ia te perguntar isso dos professores. Eu conversei com o professor de matemática, e ele me disse que ele é da USP, e ficou sabendo daqui por uma colega. Então a maioria dos professores vêm dessa forma? Ou vocês chamam? Como funciona?

Depende. A gente nunca precisou abrir porque professor é assim né? Você abre uma vaga e ‘ah, tenho um amigo’, aí começa a trazer, então raramente a gente faz uma divulgação. Sempre é indicação. E pra gente é mais interessante indicação, a gente trabalha com adolescente, tem muitas meninas. Às vezes uma pessoa de fora, você não conhece o suficiente pra saber o quanto é seguro você ter uma pessoa estranha, entre aspas, dentro do projeto, porque não é só ser professor, não basta ter o conhecimento técnico, mais do que isso, você educa, você está transformando vidas, então não é qualquer um que consegue chegar e ter o conhecimento técnico e fazer a abordagem adequada no grupo.

E a formação desses professores qual é? Porque, por exemplo, na aula de conhecimentos gerais, pode ser...

Ele é formado em História.

Ah tá. Mas poderia ser outra coisa?

Na verdade tem uma certa restrição, porque é como eu te disse, conhecimentos gerais é amplo, mas depende de que tipo de conhecimentos gerais a gente tá falando. A pessoa tem que ser bem crítica né? Tem que ter um bom posicionamento, tem que estar aberto à opiniões, porque é um grupo de adolescentes, é óbvio que eles vão falar de tudo, então se já chegar rotulando fica mais complicado. Aí os professores de matemática que a gente tem, eles são formado em física, outro está terminando

engenharia, o de informática também tá se formando em física, as professoras de português, em letras, então assim, a gente não foge muito não. Só mesmo a abordagem que é um pouquinho diferente.

E são todos da USP também?

Não, não são todos da USP. Mas não vou saber te dizer de onde é cada um.

Tudo bem. Só pra saber se tem alguma preferência por uma instituição específica.

Não, tem que ter competência (risos).

Você sempre teve essa função de coordenadora pedagógica?

Sim, mesmo quando você estava no outro projeto?

Sim, coordenação também.

Você tem uma equipe?

Tenho. Minha equipe são os professores, e eu tenho uma auxiliar educacional. Assim, na verdade o projeto como um todo, a gente tenta não dividir tanto né? Porque a formação, a educação do jovem se dá por meio das aulas e da oficina, então se a gente meio que separa, a gente fica o tempo inteiro falando de duas frentes de trabalho, então o que a gente tenta fazer é integrar essas duas frentes. Então a equipe Reciclar são todos os funcionários, desde o administrativo até a cozinheira. Mas que trabalha na sala de aula são os professores, eu e tem a auxiliar ed

ucacional. E ela entra um pouco mais tarde, ela acompanha os cursos noturnos.

Quais são as suas funções especificamente então?

Nossa, agora você me pegou (risos). Porque a gente é ONG né? Então a gente faz de tudo um pouco né? Minha função específica é voltada pra área educacional, eu cuido desde planejamento com os professores, reuniões mensais, tenho algumas atribuições operacionais mesmo do dia-a-dia, lido com os pais, então depende. Porque falar de coordenação pedagógica seria simples se eu estivesse dentro de uma escola, mas é uma coordenação pedagógica de uma ONG, então a proposta é diferente. Então assim, eu escrevo projetos né? Geralmente quem faz isso é uma captadora, que trabalha na área de captação de recursos, quem tá na comunicação, mas a gente vai atendendo a demanda, então depende muito. Se for de sala, aí vem assim, desde uma ocorrência, com aluno, ocorrência com os professores, planejamento, calendário, reunião com os pais, reunião com a diretora educacional, reunião de diretoria e conselho do Reciclar como um todo. Da parte dos cursos noturnos, toda a estrutura e programação fica comigo. O que mais? É tanta coisa!

Fiquei curiosa sobre essa parte dos projetos, dos editais. Como funciona? Vocês enviam projetos para editais do governo? Como é?

Depende, hoje em dia não é só o governo né? Tem muitas instituições

Como fundos, coisas assim?

É. E aí depende também. O Reciclar é grande mas não tem tantas atividades, então boa parte das atividades já são financiadas. Então a gente tenta buscar dentro de uma atividade ou outra que a gente pensa em desenvolver pra tentar captar recursos por ali. Os dois últimos projetos, eu escrevi, estavam ligados a área educacional então eu que escrevi. Mas a gente tenta dividir um pouquinho as tarefas né? Então desde o orçamento, a gente senta com o gerente administrativo, com a coordenadora financeira, a gente senta pra ver o que já tá alocado em outros projetos. Aí precisa de alguma coisa da oficina, a gente senta com o gerente de produção pra ver o que mais precisa ser ligado a esse projeto, então assim, todo mundo faz de tudo.

Então tem uma idéia de ampliar a atuação da Reciclar?

Não sei te responder.

Ah tá. Eu tive essa idéia porque você disse que tinham vários projetos

A gente já teve uma pessoa, uma gerente de comunicação e marketing, só que ela saiu do projeto por questões pessoais e a gente ficou com uma área livre. A gente começou a investir o que era direcionado pra área de marketing, pra investir em outros projetos, e a equipe tem se dividido pra poder atender os editais. Sempre têm uma pessoa que faz. Aliás, sempre teve né?

Você disse que tem reuniões com a diretoria geral. Quem compõem essa diretoria?

Como assim?

A diretoria da Reciclar.

Nome das pessoas?

É, ou as instituições que elas trabalham.

Não sei te dizer as instituições, tem uma equipe grande, mas assim, tem os conselheiros, tem a nossa diretoria. Cada área tem um diretor, tem o diretor comercial, de vendas, diretor de produção, de

comunicação e marketing, administrativo, jurídico, educacional e tem o diretor-presidente.

Isso tem no site de vocês?

No site, não sei te dizer, o site tá em construção.

Tá. Se depois eu quiser consultar esses nomes eu posso te pedir?

Acho que pode. Quem pode te ajudar é o João. Eu não tô por dentro do seu trabalho, eu tô mais por conta da entrevista. Mas assim, vê com ele.

Tudo bem, só pra saber. Você mencionou que todos os projetos já estão sendo pagos, já se mantêm.

É, de um jeito ou de outro, por exemplo, a oficina a gente já tem inscrito em um edital, do educacional a gente já tem um projeto pronto e agora a gente precisa apresentar o projeto. A gente já fez uma captação pra ele, foi via FUNCAD, então precisa só mesmo apresentar.

Ah tá. É que quando eu vim pela primeira vez, eu tive a impressão de que a própria produção e os produtos que vocês vendem...

É uma fonte de recurso.

Mas não cobre tudo?

Não.

Quantos por cento, mais ou menos, você sabe?

Uma média de 25% a 30%.

Entendi. Então o resto vem de fundos, doações?

Sim.

Isso eu vi que já tem no site de vocês né? As parcerias, e tudo mais. Inclusive uma dúvida que eu tinha é que no site vocês têm os parceiros, dois ou três tipos de parceiros. Você sabe me dizer qual é a diferença?

Como assim dois tipos de parceiros? É que tem parceiro que apoiou algum projeto e tem parceiros que bancam mensalmente, não sei.

Eu vou ver aqui no site.

Não sei se consigo te responder isso, é algo mais da parte administrativa. Talvez olhando eu consiga te dizer.

Olha, tá aqui. Tem três categorias. Mantenedores...

Que mantêm o projeto.

E apoiadores?

Apoiadores é porque apoiam o projeto de alguma forma, são voluntários. O Banco de Alimentos doa alimentos, a Marisa, a gente conseguiu uma parceria forte com eles na questão de captação da nota fiscal, a Wake Up ajuda na parte de comunicação, a Clínica de Olhos atende nossos adolescentes com consultas oftalmológicas, a BrasilPrev, desde sempre né, doações, a Fundação Salvador Arena a gente conseguiu comprar os equipamentos pra sala de informática, a Mapfre, ela sempre compra muitos produtos com a gente, a KPMG faz auditoria.

Algumas delas absorvem a mão de obra que sai da Reciclar?

Desses aqui eu não me lembro. A Fesa, que agora é Fesap né, a gente sempre consegue encaminhar jovens pra lá como jovem aprendiz. Aí tem desde doadores de papel. Tem de tudo um pouquinho. Que mais?

O Carrefour?

O Grupo Carrefour é que doou o dinheiro pra gente comprar a sede. Acho que é isso. Ah, a Oi, a gente tem projeto, eles patrocinam a reestruturação da oficina de reciclagem, acho que paga metade do salário do coordenador e do gerente, o CIEDS e o UNICEF foi um projeto educacional que a gente participou, foi desenvolvido pelo Unicef e aplicado pelo CIEDS. Pancrom é uma gráfica que a ajuda a gente de várias formas. ABBC também apoia o projeto desde doação de papel, até várias outras ações.

Ah certo, tem um pouco de tudo então.

É, tem.

É, eu queria saber se esses parceiros apoiam necessariamente com dinheiro ou...

Não, nem sempre, às vezes recursos, por exemplo, material. Essas cadeiras azuis a gente comprou com a verba de um projeto que foi via FUNCAD. Então depende.

Existe, voltando agora um pouco para os jovens, um limite de idade pra eles entrarem aqui né?

É, aos 14.

E o máximo?

16.

Não pode entrar com 17?

Não. Porque tem um prazo. Um prazo não né? Aí fica feio. O jovem entra com 16 anos, e o ideal é que ele saia do projeto aos 18. Então ele fica até 3 anos dentro da oficina. Se eu pego um jovem com 17 anos, ele vai sair daqui com quase 20. Então dentro do processo todo, na verdade o ideal do projeto seria o jovem concluir o ensino médio e já ser desligado do projeto. Porque senão ele sai e a gente não consegue fazer nem o acompanhamento das notas. Porque durante todo o período que ele ficar dentro do projeto a gente faz esse acompanhamento né? Notas, faltas na escola, dentro do projeto, então a gente perde um meio de verificação, de acompanhamento que é o boletim escolar.

Entendi. Eu conversei com alguns jovens que já tinham concluído o ensino médio, mas já estavam na faculdade. Então vocês pedem as notas da faculdade, no caso?

Não, porque daí já está além do que a gente exige. Estar na faculdade não é uma exigência. A gente preza pela formação do jovem e orienta muito pra que ele saia da escola, termine o ensino médio e vá atrás de uma faculdade, um curso técnico. E tem uma jovem aqui, ela já está no último ano da faculdade. Então destoa um pouco do restante do grupo, até pela questão do amadurecimento.

O comportamento né?

É.

Qual é a sua relação com os jovens? Eles te procuram?

Demais! (risos). Uma coisa que a gente percebeu é que, a gente tinha uma outra coordenação, uma pessoa que vinha de fora, e com a minha chegada, eles se sentiram mais próximos de uma pessoa que entenda a realidade deles, que já passou o que eles estão passando hoje. Desde o trabalho na oficina. É muito cansativo, ele entra às 8:00 da manhã, fica aqui até às 5:00 da tarde, vai pra casa. É o tempo de tomar um banho, comer alguma coisa e ir pra escola. E eles tem só o final de semana. E a gente cobra muito aqui. Tem muita coisa que a gente precisa cobrar. E muitos acabam caindo o rendimento. Passa a trabalhar, cai o rendimento. Então, às vezes, eles me procuram não só pra falar da rotina dentro do projeto, ou de algum incômodo que eles tiveram dentro da sala, com um colega, como também para assuntos pessoais. Então eles dividem muito assuntos da família, sentem necessidade de contar pra alguém que eles têm confiança de falar, e muitas vezes de compartilhar e a pessoa conseguir interpretar os dois lados, e dar um direcionamento, uma orientação. E até brinco com eles né? Pela proximidade de idade também. Talvez por isso eles sintam assim: “tô mais acolhido, por uma pessoa que está entre nós”. Eu percebo isso. Me solicitam muito. Às vezes no final de semana. Todo mundo aqui tem meu celular. A gente fez uma atividade uma vez e foi pro centro de São Paulo. E como a gente andou pelo centro, eu passei meu telefone pra todo mundo porque muita gente se perdeu, e todo mundo anotou meu telefone. Até hoje, qualquer situação, eles me mandam mensagem. Tanto aqui dentro como lá fora, eles procuram pra alguma situação. “Ai, quero fazer faculdade, me ajuda? Conversa comigo?”. Até disso também. Acho que o medo também, do novo. Eles têm uma abertura.

Você sente que pode ter uma amizade com eles? Como funciona isso?

Olha, não vejo problema na amizade, mas é tudo muito bem regrado. Nunca misturam. Aqui dentro é uma relação. Se tiver que dar bronca, se tiver que dar advertência, se tiver que tirar da sala, é uma situação. Mas isso não quer dizer que em algum momento que você vá precisar de mim eu não vá te escutar porque um dia eu briguei com você. Então tem que saber separar bem essas relações. E lá fora, se tiver que ter uma amizade, não tem problema nenhum. Mas também a pessoa tem que ser bem resolvida e saber separar isso. Então já aconteceu de um adolescente misturar, entender de uma outra forma e achar que aqui dentro podia ter a amizade que nem tinha lá fora, e não deu certo. Fui conversar com ele, mostrar pra ele qual era o caminho, e ele não gostou muito não. Mas foi o único. Nunca mais tive problema com ninguém com relação a isso.

Quería te perguntar sobre a questão do desligamento. O professor de matemática mencionou que às vezes ocorre. De algum aluno não se enquadrar. Começar, ficar algum tempo e depois... Qual que é o critério para desligar então?

Na verdade, a gente percebe que antes tinha muito de a gente chegar no aluno “olha você não presta atenção na aula, você vem pra brincar, você não faz o conteúdo, você não lê o livro, então desde a sala, porque os jovens que passam a trabalhar são os jovens que começaram aqui na oitava série. Então se ele não tem uma postura de responsabilidade, de interesse, de participação, muitas vezes ele acaba sendo desligado. Por esses comportamentos, porque daí passa a trabalhar na oficina, assume mais responsabilidade, então que tem que assumir mais responsabilidade e eles não assumem, a gente já desliga desde o começo. Nos últimos dois anos, o jovem que se sente meio destoado da turma,

automaticamente ele sai. Então ele desiste. “Olha, não gostei, não tô conseguindo, não dá pra mim”. E eles mesmos saem.

Vocês não tentam dar...

Faz tempo que a gente não tem um desligamento. Mas a gente já teve, por exemplo, desligamento de aluno que tinha um comportamento agressivo com os colegas em sala, brigava muito, desrespeitava o professor e aí, quando passa a desrespeitar os colegas e o professor, não tem condições de ficar, porque é um pessoa que não consegue trabalhar em grupo. E o trabalho da oficina é todo em grupo. O Reciclar é muito grupal né? Então se você não consegue se adaptar, aí não tem condições. Então já aconteceu. No ano passado a gente desligou um aluno. Por exemplo, a gente não permite utilizar o celular em sala de aula, e eles não têm senha do wifi. E aí um aluno conseguiu um programa que baixava no celular, descobria a senha e passou pra todo mundo. E aí a gente percebeu que a rede começou a ficar lenta e não entendia o que era. Quando foi ver era esse aluno que tinha feito isso. Ou de acessar a sala de forma indevida, a sala de informática com vídeos, alguns conteúdos inadequados. Aí o aluno também sai porque sabe que tem as regras. A gente tem alguns combinados com eles. Desde o intervalo, que foi um combinado com eles, as atividades que tem prazo pra ser entregues também. Agora, quando o aluno não segue a regra, aí infelizmente não tem como continuar.

Não tem nem conversa?

A gente conversa muito. Aliás, praticamente todos os dias, ou pelo menos uma vez na semana, existe alguma conversa com a turma. A gente tem as devolutivas individuais, porque eles são avaliados, tem as avaliações, tem o boletim escolar. A gente chama principalmente aqueles que percebe que está meio declinando né? E aí a gente faz sim uma devolutiva. Mas nem todos absorvem de forma positiva, mesmo com a devolutiva tem gente que parece que vira outra pessoa. Como já teve um adolescente que tava ali próximo de ser desligado, fizemos uma devolutiva, eu e os professores, ele pediu pra ficar, enquanto a gente decidiu um pouco como a gente ia caminhar com esse jovem dentro do projeto, ele ficou afastado. Ele ficou duas semanas de suspensão, e quando ele voltou, voltou uma outra pessoa. Ele pediu pra gente continuar pegando no pé dele, não desistir dele. Porque assim, ele quer fazer as gracinhas, as brincadeiras, perde o foco, mas que não desistisse dele. Hoje ele trabalha na oficina. A gente percebe que tem uma melhora, mas não são todos, infelizmente.

Você considera esse um caso de sucesso então?

Considero. Eu falo pra eles que, pra gente, desligamento, é significado de fracasso. Porque a gente tentou de tudo, fez de tudo e mesmo assim não atingiu aquele jovem. É uma sensação de fracasso, de perda.

Te preocupa o destino desse jovem quando ele é desligado?

Bastante. Hoje eu tenho uma segurança maior porque a gente consegue conscientizar os jovens pra vida dentro do Reciclar. A gente percebe que depois de cinco anos, chega na última fase, é um jovem que está assim ‘eu quero ir pro mercado, eu quero estudar, eu quero me certificar’, e principalmente, pra voltar pra comunidade e falar assim ‘olha, eu consegui’. Então como os que estão aqui, não muitos, mas sempre tem um ou outro que você fica assim “Será que esse vai mesmo? Será que esse vai ficar pra trás?”. Tem um certa preocupação porque eles são meio resistentes. Eu brinquei ontem que a gente tá numa geração do sabe-tudo né? Os jovens que a gente têm aqui hoje, qualquer coisa que você vai orientar ele fala “eu já sei”. “Tá, mas você sabe e tá fazendo errado?”. Então é muito difícil. A gente teve um problema e o gerente falou “Ah, uma turma imatura”. Então assim, eu não diria imatura. É uma turma que acha que sabe tudo, e nessa de ser sabichão, faz tudo pelo lado errado. Não escuta as pessoas que estão orientando, acha que sabe tudo e quando vai ver, faz as coisas de qualquer jeito.

Esse ‘fazer errado’ que você diz é relacionado à coisas do trabalho, comportamental...?

Comportamental. A gente nunca teve jovem aqui que saiu e foi pras drogas ou pro crime. Isso não. Não é o perfil do jovem. Até porque, na seletiva na escola a gente já seleciona aqueles jovens que são mais empenhados. Então a gente não trabalha com a recuperação, e sim com a prevenção. Então é o jovem que a gente chama de potencial invisível, então é o jovem que mora na comunidade, vem de um ciclo vicioso de baixa escolaridade dos pais, emprego precário ou subemprego, e aí o adolescente acaba passando por isso também né? Vem da educação precária, e aí acha que tem que trabalhar na mesma coisa que a mãe ou o pai trabalha, então a gente tenta cortar isso. E o jovem vem pra cá já sabendo disso. “Olha aqui você vai ter todas as oportunidades pra você desenvolver o seu projeto de vida. Então se é o que você quer, a gente está disposto a ajudar”. Mas tem o outro que fala “Estudar pra que? Não quero estudar. Ah, eu quero abrir um negócio dentro da comunidade”. E a gente tenta mostrar pra eles que mesmo pra abrir seu próprio negócio dentro da comunidade, você tem que estudar. Porque você precisa

entender quanto você precisa investir pra você abrir seu próprio negócio. E mais, você precisa estudar pra você saber o que você precisa fazer durante toda a sua vida pra esse negócio não falir. Tem que ter orientação, formação, tem que ter conhecimento.

Você disse que vocês não trabalham com a recuperação né? Se houvesse o caso de um jovem procurar, seja pela escola ou por fora da escola, mas numa situação que exigisse uma recuperação, vocês não....? Não aceita. A gente não tem nem as ferramentas pra atender esse jovem. A gente tem um grupo totalmente diferente. Os nossos professores não tem expertise pra trabalhar com esse público, então eu acho que a gente não conseguiria ajudar. Hoje, falando no nosso formato hoje.

Você sente então que os jovens que estão aqui, eles se sentem um pouco diferentes dos jovens, dos amigos talvez que eles tenham na comunidade?

Um ou outro. Porque eles conhecem todo mundo da comunidade. Desde a pessoa que trabalha no tráfico, que usa droga, frequentam muita balada, então eles conhecem e sabem. E sabem diferenciar. O Reciclar, ele tem um trabalho muito forte de conscientização, auto-reconhecimento. Então facilita, eu não sei se, talvez a palavra “ser diferente” seja um pouco pesada, mas eu acho que eles têm consciência da importância do projeto pra vida deles. Eu acho que isso eles têm sim. Alguns já relataram “antes eu era assim, e agora eu tô no projeto e consigo ser uma pessoa totalmente diferente”. Tem jovem que fala “eu era muito tímido, não falava:.

É, muitos me falaram isso.

É, e o projeto ajudou muito nesse sentido, de dar uma segurança. Acho que essa questão da identidade, de trabalhar essa questão da identidade e do auto-reconhecimento do jovem fortalece, então ele se sente seguro quando vai falar de si mesmo, e principalmente do que quer pra vida. Eu acho que esse processo é que fortifica né?

Você sente que eles se comparam com pessoas de, não sei, de outras regiões, ou que tenham um estilo de vida diferente?

Eu nunca vi. Talvez pode ser que já tenha passado por essa situação de comentar e comparar, mas eu não lembro.

Eu posso estar forçando a barra, mas me pergunto se eles, antes de entrar aqui, se sentem um pouco estigmatizados.

Não, assim não. Inclusive eles gostam muito do bairro onde moram. Eu também morei na comunidade, mas muitos que passaram pelo projeto, mesmo estando em uma condição totalmente diferente, continuam morando na comunidade.

Sim, ou então não necessariamente pelo bairro, mas qualquer coisa que os faça sentir menos, alguma coisa assim.

Aí sim. Por exemplo, a gente tem um adolescente que é muito inteligente, e quando na escola ele foi trabalhar com a questão da sociedade piramidal, ele ficou muito incomodado. Porque ele não aceita de forma alguma ele ser comparado com uma pessoa que está aqui embaixo, que é a pessoa que sustenta toda essa pirâmide. Na época a gente participava de um projeto que falava sobre participação política, e a contribuição do jovem pra essas políticas públicas, e era uma indignação muito forte dele, principalmente de ser estigmatizado. Alguns sim, aqueles que a gente percebe que é mais crítico. A gente tem jovens aqui, por exemplo, a gente tem um grupo de teatro, tinha esquecido de falar. Então o teatro mexe muito com essa coisa de você mesmo, como você se reconhece, pra você ensinar o outro quem é você, então a gente tem muito essa discussão. Uma coisa que a gente percebeu também é como esse jovem hoje é muito mais crítico. Ele sabe se colocar e ele sabe dizer que não aceita. Que não é pra aceitar mesmo. De compreender a sociedade que exclui, e como ele tá no meio dessa sociedade que exclui, e como ele faz pra se colocar nessa sociedade. Então a gente percebe que eles conseguem desenvolver um argumento pra isso, mas que isso incomoda um pouco. Por exemplo, “porque que eu não posso andar calmamente no shopping Iguatemi, sem que as pessoas me olhem estranho? Como eles sabem que eu não sou do meio deles? Porque? O que tem em mim que mostra isso?”. Ou, por exemplo, eles vindo de uma balada, “não bebi, não usei droga, fui pra me divertir, a polícia me pára, me bate, porque?”. Então tem isso, e às vezes são relator fortes, a gente sente. Ao mesmo tempo, acho que o Projeto contribui pra que eles percebam essa relação e como se colocar.

É, isso me faz pensar que, provavelmente, eles nunca se vejam como coitadinhos, eles ficam revoltados.

É, tem uma revolta.

Acho que isso é bem melhor do que se sentir coitado.

É verdade.

Que bom. Bem, sobre os desligamentos, você me disse que não ocorrem com muita frequência né?
É, esse ano não aconteceu. A gente sempre tem um ou outro problema com adolescente. Eles são liderados, lá embaixo, por adolescentes, então sempre tem desentendimento. Quando é um caso muito extremo, aí sim a gente toma uma providência.

Mas dá pra dizer se tem alguma regularidade?

Não. A única regularidade é no final do ano, que é o grupo que sai.

Ah sim, mas aí é um desligamento natural né?

É.

Quando eu vim, eu conversei com as meninas que são coordenadoras. A Denise...

Tem a Denise, a Mayara e a Cleide.

Isso. Eu conversei com as três. A Denise é a coordenadora da produção. E as outras duas?

É que lá embaixo, eu não vou conseguir te dizer exatamente essa divisão. Porque, por exemplo, tem uma pessoa que cuida da parte do varal, outra que cuida do controle de qualidade da desforma, eu não sei quem é quem.

Tudo bem. Mas tem esses cargos né?

Tem.

Quando elas me contaram, eu fiquei confusa. Elas são registradas de modo diferente?

Não, todo mundo com o mesmo salário, todo mundo como auxiliar de produção.

E eu fiquei me perguntando o que diferencia essas meninas. O que fez com que elas fossem escolhidas para coordenadoras?

Primeiro, a postura, dentro do que a gente quer trabalhar, com os jovens, de trabalho em equipe, liderança, pontualidade, postura, responsabilidade. Então a gente consegue identificar isso no jovem, e esse jovem recebe a oportunidade de liderar outros. Não que os outros não tenham isso, mas sempre falta uma ou outra coisa. Porque, para esse jovem que também é atendido pela oficina, e ali dentro, ele tem uma postura diferente, entre eles gera um desconforto. Essa pessoa precisa ter uma postura de “não é que eu mando ou que eu sou mais, mas aqui, nesse momento, você precisa me escutar”. Então tem que ter essa postura.

Esse trabalho, de ter essa posição, você que faz com eles?

Não, o Diego, que é o coordenador de produção. O Diego é que faz todo o direcionamento da oficina com os jovens. Desde trabalhar essas questões de comportamento. O que acontece lá na oficina fica mais por conta dele. A gente consegue compartilhar um pouco do que aconteceu, de como foi. Porque, como a gente atende o mesmo jovem, de repente o jovem dá problema na sala, mas não dá problema na oficina. Ou vice-versa. Então a gente precisa tá bem alinhado com isso pra entender esse jovem e ver se é uma conversa ou um desligamento futuro.

Vocês da coordenação têm um encontro semanal ou algo assim? Como funciona?

Na verdade, toda a equipe faz uma reunião uma vez por mês. Aí a gente alinha todos esses assuntos, mas sempre acontece de ter uma situação e “olha, preciso conversar com você sobre isso”. Tem uns esporádicos.

Certo. E voltando um pouco para as meninas. Teve uma coisa que eu fiquei surpresa. A Denise me disse que ela foi selecionada pra coordenadora com pouco tempo aqui, acho que ela estava aqui há poucos meses.

Não sei, porque assim, teve jovens que, quando eu cheguei, já estavam. Aí eu não acompanhei. Mas provavelmente. Porque assim, a Denise é a coordenadora geral. Ela que supervisiona todas as outras coordenadoras também, e a área. E se você pega um jovem que já tá pra sair, além de você ensinar ele por um período, aí quando já tá apto, você já perde ele. Então pega um pouquinho mais novo. A Denise acho que já está aqui há três anos, e talvez na dinâmica a gente já observou que precisava de alguém mais dinâmica, mais pulso firme, de alguém pra coordenar ali. Mas isso não exclui de passar por todas as etapas. Ela vai pra esforma, ela ajuda na limpeza, ela faz a organização do espaço, pra não caracterizar que tem regalias. Lidar com adolescente é isso. Qualquer coisa diferente que o outro faz “ah você gosta mais dela do que de mim”.

Vocês fazem entrevistas com quem está entrando já com 16 anos?

Na verdade, o jovem já está aqui desde a oitava série. A gente já sabe quem é esse jovem. Então quando ele fica até a fase dos 16 anos, a única coisa que a gente faz é conversar um pouco com esse jovem, instruir e orientar “você vai trabalhar, sua rotina é essa. Você acha que consegue? Como é a sua rotina de estudos? Precisa de alguma orientação? Financeiramente, esse dinheiro vai contribuir com a renda

familiar?” Pra entender um pouco melhor da importância desse trabalho pro jovem. Já teve jovem de falar assim “Ah, eu venho pro Reciclar porque eu não tenho nada pra fazer em casa nesse horário, e eu venho pra cá pra matar o tempo”. Ou então assim “Porque você quer trabalhar?”, “Ah, porque eu quero ter dinheiro”. Então não é um jovem que está tão consciente assim da importância do trabalho. Então quer ter o dinheiro pra qualquer coisa, e esse é o medo né? Jovem que tá com dinheiro na mão. O que ele vai fazer com esse dinheiro? Se ele não tem consciência desse salário?

Então esse jovem você não seleciona?

Às vezes não. Já aconteceu, por exemplo, de a gente ter um jovem aqui, quando a gente vai fazer a seleção, a gente faz um comparativo do boletim do ano anterior com o boletim atual. Aí você dá uma olhada e o jovem está aqui há tanto tempo, mesmo depois de tantas orientações, sabendo que precisa melhorar essas notas, porque se ele passa a trabalhar, a nota dele não pode cair. Senão ele repete de ano. E se ele repete, ele não pode ficar no projeto. Então faz esse acompanhamento da nota, aí faz uma conversa. A gente acaba sentindo ali, na verdade, o interesse, o quanto ele está empenhado. Você sente de uma entrevista pra outra, como já teve jovem de falar assim “Ah, porque você quer trabalhar?”, “Porque eu moro com a minha mãe, e meu irmão, o meu irmão tá saindo de casa porque vai casar”, a mãe é diarista, e ele sente que não pode deixar a mãe assumir a casa sozinha. Então você percebe o quanto é importante essa renda, e aí você pergunta “qual é a sua rotina de estudo?”, “ah eu faço no final de semana, mas se é uma coisa com urgência eu prefiro chegar da escola e já fazer esse trabalho, mesmo indo dormir mais tarde, uso meu horário de almoço”. Aí você faz um levantamento de como é esse jovem dentro do projeto. Nas aulas é um jovem empenhado, que tem um bom histórico, é esforçado, e sente “olha eu tinha um sonho. Meu sonho era ser jogador de futebol mas eu percebi que, pra ser jogador de futebol, não é com essa idade que eu tenho que começar, eu já tinha que ter começado há muito tempo. Não recebi a oportunidade, então esse não é o meu caminho. Eu quero estudar, quero fazer faculdade, e eu quero crescer porque eu quero ajudar a minha família”. Então você sente, realmente, que o Projeto pode contribuir dentro da formação pessoal, educacional e pro mercado. Então é um jovem mais completo, porque você sente esse interesse. Aí chega o jovem que fala que quer trabalhar porque quer ter dinheiro. Então quem você vai selecionar? Aquele que tem uma visão de projeto de vida ou aquele que só quer ter dinheiro? Então, às vezes, a gente tem que ser um pouco mais criterioso. E acontece.

Quando eles se formam, eu conversei com muito, acho que todos, disseram que queriam fazer uma faculdade ou um curso técnico. Isso é incentivado aqui?

É orientado. A gente fala o tempo inteiro da importância do estudo. Os jovens que estão saindo participam de um projeto que eu cuido diretamente, que é o Ancora de Carreiras.

Ah sim, eles mencionaram.

Desde falar um pouco do que eles gostariam de fazer quando sair daqui, uma faculdade, a área que quer seguir, eu trabalho com eles a questão do empreendedorismo né? Não só pro negócio próprio, mas ter atitudes empreendedoras, de inovação, de criatividade, de ser uma pessoa visionária. Então acho que todas essas competências, você pode levar pra uma empresa que você for trabalhar, e em qualquer área que você for atuar. O trabalho no Ancora de Carreira é nesse sentido, ele recebe uma formação específica e a gente sente que, no final, esse jovem, de um jeito ou de outro, ele quer continuar estudando. Então é a conscientização. Ele percebe que precisa estudar, que se ele não tem estudo, infelizmente, ele não quebra esse círculo vicioso que já vem da família. É auto-consciência.

Lembrei de outra coisa. Quando eles entram, você falou que tem essa conversa inicial na hora de começar a trabalhar. Alguns jovens eu perguntei “como foi pra você entrar aqui?”. E eles falaram “foi um amigo que me indicou, ou foram lá na escola falar sobre o projeto e eu me interessei”. Alguns mencionaram ter tido uma entrevista, e alguns falaram que não, que só preencheram uma ficha e começaram.

Eu tô há dois anos. Desde quando eu entrei, obrigatoriamente eu faço entrevista. Mas antes tinha uma demanda, então quando tem uma demanda grande de contratação e dentro do projeto das aulas não tem jovem ainda com 16 anos, a gente tem que pegar de fora. Então talvez possa ser esses.

Entendi. E outra coisa, quando chega um jovem que vocês vêem que já tem o potencial, mas ele ainda não tem idade, vocês sempre encaminham pras aulas, certo?

Isso

Quantas pessoas vocês conseguem pegar por turma?

A gente tenta fechar assim: na oitava série são 40, que a gente divide em duas turmas de 20. E no

primeiro ano a gente coloca no máximo 30. E aí, por semestre, a gente faz a primeira seletiva. Sempre a gente coloca pra dentro uma média de 60 jovens por ano. Dá mais ou menos isso. Considerando os que iniciaram no projeto e aqueles que foram entrando pelas aulas, ou na seletiva do segundo semestre. Porque tem uma queda. Ou o jovem foi trabalhar em outro lugar, porque eles querem muito trabalhar, querem a independência. Então alguns saem daqui porque conseguiram outro emprego. Na turma da manhã também, às vezes o jovem não quer acordar cedo. Alguns já falam “ah, não quero mais porque eu não gosto de acordar cedo”. Então não vem pro projeto e a gente acaba colocando outros no lugar. Então tem assim também.

Ah, uns encaixes.

Isso.

Mas pra isso, vocês esperam virar o semestre?

Espera virar o semestre. Porque se ele entra no meio, aí atrapalha a programação do professor. Então a gente faz no começo no ano, e depois, no meio do ano, depois do recesso.

Para terminar. Eu fiquei curiosa sobre esse programa Ancora de Carreiras. Tem um cronograma ou programação? Como funciona? Porque eles mencionaram pra mim “a gente vai fazer algumas atividades, visita à empresas”.

Faz tempo que você falou com eles?

Faz uns dois meses.

Ah tá. Porque não só visitas. Tem um cronograma, tem um projeto dedicado pra esse grupo, pra trabalhar o empreendedorismo, trabalhar a questão das escolhas profissionais, tem algumas oficinas, alguns cursos que a gente tenta levar eles lá fora. Tudo dentro dessa temática. As visitas acontecem bem mais pra frente, quando a gente já começou mesmo a trabalhar o instrumento Ancora de Carreira, traz o que ele quer fazer, ter como escolha profissional, e aí sim ele vai fazer a visita dentro do que ele quer fazer, dentro do que ele quer fazer como carreira. Se ele quer trabalhar na área de marketing, vai ter que procurar um profissional de marketing pra conhecer a área, é nesse sentido.

Primeiro tem uma preparação?

É

Eu vi jovens que já sabiam o que queriam e outros que ainda não.

Mas é muito relativo. A gente sempre tem jovens que falam que já sabem o que querem mas que muda quando faz toda a pesquisa, vai conhecer a área, vai conversar com o profissional da área. Então às vezes nem acredito muito nessa primeira fala deles. Muitos falam “ah quero fazer engenharia” e vão pelo salário. E vão ver a área de engenharia e depois falam “não é isso que eu quero”. Muda do nada e vai pra uma área totalmente diferente. Já aconteceu muito.

E tem algum tipo de carreira que vocês incentivam?

De forma alguma

Se chegar e falar “quero fazer circo”, vocês ajudam ele a ir atrás de como fazer?

Com certeza. Temos um jovem aqui que quer ser ator.

Entendi. Tinha receio de ser incentivada apenas aquela carreira mais tradicional.

Aqui acho que tinha bastante isso. Mas eu consegui ir quebrando aos poucos. Principalmente porque nós temos professores da USP, então eles acham que todo mundo tem que fazer USP. Uma coisa que eu quebrei foi isso. Primeiro, eu não fiz USP. Segundo, eu fiz faculdade particular mas eu não paguei, então tem vários meios de você se formar hoje. Eu fui bolsista.

Vocês mostram isso?

Sim, tem que saber. Principalmente, não é obrigatório fazer uma faculdade. Na nossa semana das profissões, a gente traz profissionais pra fazer palestra, e no ano passado eu trouxe um amigo meu que é fotógrafo. Ele é muito famoso, conhece muitos atores. Eles gostam né, quando ele fala as pessoas que ele conhece. E quando ele começou na área, ele não tinha curso nenhum porque ele não tinha condições de pagar um curso, ele fez video aula no Youtube. Conseguiu os primeiros trabalhos, o dinheiro que ele conseguiu, ele foi pagando um curso, foi se profissionalizando e hoje ele tem uma empresa.

Eu conversei com menino que queria ser fotógrafo.

Tem 3, acho.

Ah então talvez a palestra tenha influenciado.

Bastante, esse ano eles queriam que a gente trouxesse de novo. Aí esse ano a gente trouxe os profissionais dentro da área que eles queriam atuar, veterinário, administrador, advogado, psicóloga, dentista, enfim. E trouxe um outro leque de profissão. Eu trouxe um músico e um DJ. E a gente tem

um jovem aqui que quer ser músico, tanto que ele está trabalhando pra montar um estúdio. Então é interessante trazer isso pra que eles tenham essa percepção. Ao mesmo tempo que eu não fiz uma faculdade, mas eu nunca deixei de estudar, como no caso do fotógrafo. Que só foi estudar depois de trabalhar muito. Então eles são orientados de todas as formas, mas sempre frisando a importância do estudo. Isso a gente faz sim, mas não puxando pra qualquer lado.

Legal, obrigada Mary Ellen.

com João Batista da Cruz Filho

Gerente de vendas e produtos

Slogan da ONG: “educação pelo trabalho”

- 1 – Quando a ONG foi fundada?
- 2 – Qual o objetivo da ONG?
- 3 – Qual o público atendido? De onde as crianças vem?
- 4 – Quais as atividades realizadas com elas ?
- 5 – Quem trabalha na ONG?
- 6 – Quais as atividades que vocês realizam?
- 7 – Como a ONG se mantém? Possui financiamento de algum tipo ou alguma parceria com o poder público?
- 8 – Como é a o entorno?
- 9 – Como era a região antes da ONG se instalar?
- 10 – Há alguma outra instituição agindo na área?
- 11 – Há outras pessoas com o mesmo perfil do atendidos na região que a ONG “não dá conta” de atender?
- 12 – Quais os maiores problemas que vocês tiveram desde quando estão instalados?
- 13 – Qual a resposta que vcs tem tido da região em relação ao trabalho que fazem?

A ONG foi fundada em 1995, há 19 anos. João trabalha no projeto desde então.

Está localizada na Vila Nova Jaguaré, bairro do Jaguaré. Está neste endereço há cerca de 5 anos, mas sempre esteve neste bairro.

Atende jovens provenientes, principalmente da Escola Estadual Augusto do Amaral, que manda jovens selecionados por critérios de boas notas, boa frequência e comportamento. Mas há jovens de outras escolas.

Objetivo: educação pelo trabalho, mostrar a importância da educação para os jovens.

Poder aquisitivo da comunidade melhorou nos últimos anos. Garotos sonham com profissões, fazer faculdade, querem quebrar o ciclo da família que é de subempregos e marginalidade.

Comunidades mudaram com incentivos do governo.

A ONG também quer dar uma educação financeira, fazer discussões sobre consumo consciente.

Todos os jovens são registrados e ganham 1 salário mínimo paulista: R\$810,00

Atividades realizadas: oficinas de manhã sobre valores e competências. À tarde os jovens têm aulas de matemática, português, computação e artes. ONG não quer que tenha caráter de “reforço escolar”, e sim, ensinar coisas com aplicação na vida prática.

1. Aos finais de semana, fazem visitas externas à museus, exposições e etc.
2. Todos os alunos tem de apresentar seus boletins e ter média mínima de 6,0.
3. 70% de média de empregabilidade.
4. Os mais velhos ensinam os mais novos. Aqueles que acabam de chegar no projeto recebem um padrinho que os ensina a fazer todo o processo da reciclagem.
5. Permanecem no projeto dos 14 aos 15 anos, apenas tendo aulas, e depois, dos 16 aos 19, trabalhando pela manhã e tendo aulas à tarde. Alguns entram aos 14 e saem aos 19, mas não necessariamente. Todos, absolutamente, tem de estar matriculados em alguma escola.
6. Domingo há atividades recreativas com as mães dentro do espaço deles.
7. Trabalham sempre em dupla
8. Rotatividade dentro da oficina

A região: Diversos projetos agem na área, há auxílios governamentais e a junção disso melhorou a qualidade de vida visivelmente. As casas estão melhorando, com mais estrutura, muita gente tem carros, bem materiais como televisores, há condomínios na região. Mas a saúde e educação ainda não melhoraram, apenas com a ajuda das ONGs da região.

Há uma rede de cerca de 30 projetos na região. Eles conversam sobre suas dificuldades, mas não tanto ainda. A rede dá conta da região, atende ou daria conta de atender toda a população carente.

Maiores dificuldades iniciais foram: questão financeira e criar uma metodologia.

- Há um gerente administrativo, gerente financeiro, gerente de educação e de produção.
- 130 jovens atendidos. Formam cerca de 15 a cada ano (completam o ciclo e são desligados da ONG. Há um trabalho para que este desligamento seja feito de forma positiva). Eles mantêm contato com os jovens que se formam para saber o que foram fazer.

A jovem Denise, 18 anos, me mostrou a oficina de reciclagem. João disse que são sempre os próprios jovens que conduzem a visita.

Denise me mostrou o espaço onde os papéis que chegam são empilhados, junto com alguns papelões. Eles reciclam apenas papéis (sulfite) mas usam alguns papelões para transporte dos produtos.

A primeira etapa do processo é a seleção das folhas de papel. Outros tipos de papel (fax, cartão) não são reciclados e são descartados. Em seguida, as folhas são separadas entre as que estão em branco e aquelas que tem textos impressos. Ambos são usados. As folhas em branco são usadas para produzir papéis de cores claras, e as que tem textos impressos, para fazer folhas de cor escura.

As folhas são misturadas e batidas com água e a tinta em uma grande “centrifuga” por um dia. Depois, o líquido é despejado em tonéis e descansam por algumas horas. Uma tela é usada para tirar uma quantidade de mistura dos toneis. Esta parte requer certa força física. Em seguida, seca-se a folha nova com um pano e estas são postas para secar, após serem checadas uma a uma. Há secadoras para entregas mais urgentes.

Depois, Denise me mostrou o espaço onde os jovens fazem as refeições e têm as aulas da tarde. Ela disse que eles são exigentes (ela disse que há pouco tempo, dois jovens tinham sido tirados do projeto por más notas e que as notas são mostradas na frente de todos) mas que gosta de participar do projeto. Ela disse que está no último ano e que ajudará a treinar a pessoa que vai substituí-la. Ela é uma das mais velhas, portanto tem uma posição de liderança. Na oficina, reparei que ela chamava a atenção de colegas, dava o timing da produção. Mas o ambiente e a relação entre os jovens era notavelmente amigável e de parceria.